Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca

BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

Inventariado sob o n.º
P. R. 25126

A Nova Política do Brasil

GETULIO VARGAS

A NOVA POLÍTICA DO BRASIL

X

O Brasil na Guerra

★ ★

1.° de Maio de 1943

a

24 de Maio de 1944

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA
Rua do Ouvidor, 110
RIO DE JANEIRO

Dêste livro foram tirados, fora de comércio, setenta exemplares em papel linho, numerados e assinados pelo autor.

Índice

O patriotismo do trabalhador brasileiro e a política trabalhista do Govêrno 31

O contacto do Chefe do Govêrno com os trabalhadores — O bem-estar da coletividade constitui o verdadeiro triunfo do homem público — Política trabalhista que não divide, não discrimina e a todos congrega — Preocupação constante do Govêrno a ampliação e reforçamento das leis de previdência — A Justiça do Trabalho representa a abóbada do sistema brasileiro de legislação trabalhista — Novas leis sujeitas a revisão final — Segurança econômica do trabalhador e estabilidade do lar proletário — A instituição das escolas de fábrica — Necessidade de aumentar a inscrição nos sindicatos profissionais, fazendo com que o número dos sindicalizados abranja todos os trabalhadores — A situação de guerra — Não alimentar temores quanto ao futuro — O Brasil identificado com o programa da Carta do Atlântico — A nossa participação na guerra e na reconstrução da paz — Eficiência do auxílio brasileiro às Nações Aliadas — Sem as bases do Nordeste não teria sido possível a ocupação da África do Norte — O suprimento de materiais estratégicos — A vigilância das nossas costas — A ação da Marinha e das fôrças aéreas do Brasil — O Exército conclui a sua mobilização — Precisamos criar uma mentalidade de guerra — A colaboração das populações civis com as fôrças armadas — A batalha da produção — O coeficiente dos transportes — Apêlo aos homens do mar, aos ferroviários e aos rodoviários — Combater o boato, a intriga, a calúnia e a maledicência, considerando-os atos de derrotismo — A primeira tentativa feita no Brasil, segundo os métodos e a inspiração nazistas, para subverter a ordem pública — Não vacilar; não transigir; não recuar; para a frente: são as vozes de comando da Nação Brasileira aos seus filhos.

A NOVA POLÍTICA DO BRASIL

VISITA DO PRESIDENTE DO PARAGUAI AO BRASIL

Comunhão de interêsses vitais entre o Brasil e o Paraguai 45

A visita do Presidente Morínigo e a confraternização interamericana — Os sentimentos do Brasil em relação ao heróico povo do Paraguai — As duas nações vizinhas estreitam os laços de mútua amizade — Os povos se tornam cada vez mais interdependentes — As nações americanas se esforçam para desenvolver a solidariedade continental — A visita ao Paraguai do Chefe do Govêrno do Brasil — Abertos nos portos brasileiros os caminhos marítimos vedados pelo destino ao Paraguai — Os dois países precisam consolidar a cooperação iniciada — A orientação administrativa do Presidente Morínigo — Votos da Nação Brasileira pela prosperidade e pelos altos destinos do Paraguai.

Volta Redonda e a capacidade construtiva dos brasileiros 53

Entusiasmo patriótico pelo empreendimento da Usina Siderúrgica de Volta Redonda — Grandiosa perspectiva de um futuro próximo e marco definitivo da emancipação econômica do país — Incompreensão e passividade — O problema siderúrgico ausente das cogitações governamentais durante 32 anos — A Companhia de Ferro Itabira numa campanha de 20 anos — A Revolução de 1930 evitou a entrega das nossas jazidas de ferro, da Estrada Vitória—Minas e do Vale do Rio Doce a um monopólio internacional — A plataforma do candidato da Aliança Liberal e o problema siderúrgico — A necessidade de ser nacionalizada a exploração das riquezas minerais do país — O aproveitamento das quedas d'água e a siderurgia como indústrias de paz e de guerra — Não conceder a estranhos a exploração de serviços ligados à defesa nacional —

A ação do Govêrno Nacional — A Usina Siderúrgica, a produção de coque metalúrgico e a exportação de minério — A Comissão Executiva do Plano Siderúrgico — A Companhia Siderúrgica Nacional — Vinte milhões invertidos na compra de maquinismos e em instalações industriais — A luta pelo consumo do carvão nacional — As emprêsas oneradas pelo serviço de dívidas e a medida exata das possibilidades internas — Jôgo de interêsses — Obrigatoriedade da quota de 10% do produto nacional em relação à hulha estrangeira aumentada para 20%, depois para 30%, 60% e 70% no consumo de algumas emprêsas — O carvão de Santa Catarina deu excelentes resultados nos Estados Unidos — A Companhia do Vale do Rio Doce — Aumento de produção da Usina de Volta Redonda — O Brasil em guerra — O nosso desenvolvimento futuro — Satisfação pela presença do Presidente Higínio Morínigo na Usina de Volta Redonda.

Tratado e Convênio entre o Brasil e o Paraguai ... 67

Tratado de Comércio e Navegação e Convênio de Turismo — Satisfação pela assinatura dêsses acordos quando as nações americanas se acham unidas em defesa de uma causa comum — Extinção da dívida de guerra do Paraguai — Alta e nobre significação dêsse ato do Govêrno do Brasil.

Campanha da borracha 73

A necessidade imperiosa de extrair borracha e mais borracha — Contribuição total do Brasil aos Aliados — Necessidade de nos provermos do material indispensável à vitória final — O aproveitamento completo da borracha — O problema nacional da borracha — Como o viu o Chefe do Govêrno na sua viagem ao Amazonas em outubro de 1940 — Importância atual da borracha — Conclamação para a campanha de "Mais borracha".

Mês nacional da borracha 79

Manifesto ao Povo Brasileiro — Os recursos do país colocados à disposição das Nações Aliadas para as necessidades da guerra — O compromisso assumido pelo Brasil perante a América e o mundo — Respeitadores e amantes da liberdade, enfrentamos a luta que nos foi imposta por um adversário impiedoso e cruel — Necessidade da cooperação leal e decidida dos brasileiros em favor da Campanha da Borracha — A seiva que corre nos troncos da seringueira para apressar a nossa vitória — Apêlo aos municípios brasileiros no sentido de mais borracha para a Vitória.

A terra fluminense — centro de trabalho organizado e de progresso contínuo 85

Campos, cidade hospitaleira e centro de trabalho — Demonstração de civismo que reflete a alma heróica do próprio Povo Brasileiro — Nenhuma preocupação de atacar os homens do passado — Reconhecimento dos seus propósitos de bem servir ao país, embora nem sempre os resultados correspondessem às boas intenções — A ambição partidária e a retórica em detrimento dos problemas máximos da vida nacional — A economia de Campos em 1930 — As grandes usinas açucareiras hipotecadas, pagando juros de usura; a produção não aproveitando nem ao industrial, nem ao consumidor; as safras adquiridas por preços ínfimos — A ação do Govêrno Nacional para resolver os problemas fundamentais da economia campista — Reintegração da Baixada Fluminense na economia do Rio de Janeiro e do Distrito Federal — A criação do Instituto do Açúcar e do Álcool e a instalação das grandes destilarias — Renascimento da prosperidade fluminense — Persistir no trabalho, produzir e produzir mais — Satisfação pela íntima cooperação dos fluminenses com o Interventor Federal — Solidariedade do povo fluminense.

ÍNDICE

VISITA DO PRESIDENTE DA BOLÍVIA AO BRASIL

O Brasil e a Bolívia bons vizinhos e bons amigos 95

O Brasil e a Bolívia ligados por tradições de estreito e pacífico convívio — A cooperação americanista orientando a conduta dos dois povos — Fatos históricos e contrastes geográficos como determinantes das afinidades brasileiro-bolivianas — O Brasil e a Bolívia com as mesmas responsabilidades no conflito mundial — Solução rápida dos assuntos de mútuo interêsse — A ferrovia Corumbá—Santa Cruz de la Sierra — O Altiplano irá dispor do pôrto de Santos para escoar os seus produtos e receber o necessário ao seu abastecimento — Os países sul-americanos já podem propor-se e resolver as questões relativas à sua articulação econômica — O momento de assentar as bases de uma política capaz de encarar construtivamente os grandes problemas da civilização no Novo Mundo — Lugar privilegiado da Bolívia no centro da América — Do Brasil tudo terá para o desenvolvimento do seu progresso — Entendimento modelar dos homens públicos das duas nacionalidades — A obra fecunda das chancelarias brasileira e boliviana.

O Chefe de Estado da Bolívia no Brasil 103

A satisfação de agradecer a saudação do Presidente Peñaranda na Embaixada do seu país e na capital do Brasil, sob a bandeira tricolor da Bolívia — O contacto do Chefe de Estado Boliviano com as classes armadas, a imprensa, o meio universitário e as instituições culturais, enfim, com o Povo Brasileiro — A sólida e carinhosa amizade dos dois países — Tudo faremos para reforçar a união brasileiro-boliviana — Deliberado e persistente empenho para facilitar o comércio de mercadorias e de idéias — Os povos podem viver respeitando-se e auxiliando-se — O exemplo do Brasil e da Bolívia — O êrro dos países que se fecharam em autarquias agressivas — O desenvol-

vimento econômico não deve ser tido como preocupação principal dos governos — Esfôrço do Brasil e da Bolívia no sentido de se compreenderem e estimarem cada vez mais — A visita do Presidente Peñaranda confirma a tradicional amizade brasileiro-boliviana.

As comemorações da Independência Nacional e a entrada do Brasil na guerra 111

Evocação das glórias do passado e consciência das responsabilidades da hora presente — O Povo Brasileiro convidado a atender ao apêlo das armas — A têmpera excelente e o ardor combativo da gente moça do Brasil — Problema de equipamento para a guerra moderna — A frente interna — Não desperdiçar fôrças em tarefas secundárias — Colocar o Brasil em posição de colaborar com as nações vitoriosas — Preparados para enfrentar os acontecimentos — As medidas previdentes adotadas pelo Govêrno Nacional — Fechamento das organizações políticas e estrangeiras e proibição do uso dos seus símbolos e emblemas — O golpe de 11 de maio, represália dos governos nazistas e por êles subsidiado — Tudo articulado e caminhando dentro das diretrizes de uma completa mobilização para a guerra — Confiança na consciência patriótica de cada brasileiro — Repúdio a quaisquer atos e palavras de fraqueza ou derrotismo — As exigências do bem-estar popular e da ordem interna — Combate ao encarecimento da vida — Viver dignos e construir pacìficamente a nossa prosperidade — Exortação aos brasileiros.

VISITA AO RIO GRANDE DO SUL

O esfôrço progressista dos fazendeiros de Uruguaiana 123

Palavras de simpatia pelo trabalho dos criadores de Uruguaiana e pela Exposição de Animais e Produ-

tos Derivados — O desenvolvimento do crédito aos fazendeiros — O objetivo da fundação do Banco do Rio Grande do Sul — A carteira comercial e a de crédito agrícola — Considerações a propósito da participação do Brasil na guerra — Necessidade da manutenção de dois exércitos: o das fôrças militares mobilizadas e o da retaguarda — A Legião Brasileira de Assistência — Aplausos aos fazendeiros que se dedicam à criação de gado — Cultivar a terra é também um modo de servir ao Brasil em guerra.

A cooperação de Uruguaiana para o progresso do Estado 129

Uruguaiana vive nas recordações do estudante, do advogado e do homem público — O encontro com o Presidente Agustin Justo e o nobre gesto do general argentino colocando a sua espada a serviço da defesa do Brasil — Impressão das manifestações recebidas — O gado e os campos do município considerados dos melhores do Rio Grande — Desenvolver a agricultura seguindo orientação técnica — Cuidados pela saúde e educação das novas gerações para a formação de um Brasil maior e melhor.

A Trigésima Exposição-Feira de Bagé 135

Bagé figura entre os municípios mais prósperos e progressistas da fronteira sul do Estado — A oportunidade de chegar a tempo de inaugurar a exposição organizada pela Associação Rural — O certame de 1943 testemunha o adiantamento da pecuária bageense — O desenvolvimento econômico do município — A campanha pelo aprimoramento da cultura de trigo no Rio Grande — Sôbre a Associação Rural de Bagé.

Bagé e o seu crescente desenvolvimento 141

Bagé vista na realidade, superior ao que fôra imaginado — Sensação risonha e acalentadora ao penetrar na cidade — Exemplo de disciplina, ordem, garbo e aparelhamento militar — O entusiasmo da população civil — Visitas feitas — A Estação Fitotécnica da Fronteira — As charqueadas e os saladeiros — O Brasil na guerra — A falta de combustível e a deficiência de transportes — O máximo esfôrço de todos para elevar a produção pecuária e agrícola — Na atual guerra os brasileiros nada têm a temer — O Brasil confia no presente e enfrenta corajosamente o futuro — Saudação à sociedade bageense.

O espírito progressista das classes conservadoras de Pelotas 147

A manifestação de aprêço das classes conservadoras de Pelotas e a saudação do representante da Associação Comercial — Reconhecimento dos serviços prestados pelo Govêrno Nacional — Significação das manifestações espontâneas do povo pelotense — O desenvolvimento da pecuária — Conseqüências da transformação do país de produtor de matérias primas em industrializador dos seus recursos naturais — A inauguração da Escola Técnica e a linha ferroviária que ligará Pelotas ao oeste do Rio Grande — A construção da barragem do rio Camaquam grande empreendimento destinado a produzir fôrça hidráulica e energia barata — A política do Govêrno Nacional não admite luta de classes e procura assegurar o equilíbrio e colaboração de tôdas — Nova mentalidade das classes conservadoras transformadas em elementos de cooperação governamental — Assistência e amparo econômico ao trabalhador.

O problema da energia elétrica e o desenvolvimento industrial do Rio Grande do Sul 155

Encontro do Chefe do Govêrno com as classes produtoras do Rio Grande do Sul — São passados em revista assuntos de maior interêsse — Escoamento da produção — Dificuldades de transporte — Como vem agindo o Govêrno para suprir as suas dificiências — As possibilidades da nossa produção durante e depois da guerra — O problema da energia elétrica e o desenvolvimento industrial do Rio Grande do Sul — O plano a ser executado para aumentar o potencial hidráulico do Estado — Barragens e usinas hidro-elétricas — Outros benefícios para a economia riograndense — As sêcas e as inundações — O que se deve fazer para evitá-las — Obras de defesa contra os seus terríveis efeitos — As derrubadas extensivas das matas e as suas inevitáveis conseqüências — O problema do reflorestamento — Objetivos essenciais do programa das obras que o Govêrno Federal vai realizar no Rio Grande do Sul.

O Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro e o interêsse do povo e do Govêrno do Brasil pelos seus soldados 165

A inauguração do Arsenal de Guerra e o interêsse e carinho do povo e do Govêrno pelos seus soldados — Sôbre as palavras do Ministro da Guerra — As fôrças armadas e a intensificação do seu adestramento — Povo pacífico por índole, o do Brasil — País sem pretensões a hegemonia nem veleidades imperialistas. Não obstante, necessitamos preparar-nos para cumprir as nossas obrigações de guerra e levar a nossa solidariedade às nações da América — O decreto melhorando os vencimentos das fôrças armadas — O esfôrço do Brasil nos últimos anos — O Exército aparelhado material e tècnicamente — Uma frota à altura das necessidades do nosso extenso litoral — A criação do Ministério da Aeronáutica — As últimas

reformas feitas na administração pública — Oportunidades oferecidas à juventude brasileira com a criação e ampliação dos quadros educacionais e com a formação de técnicos e a reforma do ensino em todos os graus — A construção de hospitais, centros sanitários, postos de tratamento das epidemias e serviços de puericultura em quase tôdas as regiões do Brasil — A reforma dos institutos de direito público e privado — Restauração das finanças da União, a ponto de, passada a guerra, em excepcionais condições de crédito, podermos reconstruir a vida econômica da Nação — O reerguimento da Amazônia — O entrosamento dos sistemas ferroviários num plano uniforme permitindo atingir qualquer região do território nacional — A articulação com o Uruguai, Paraguai e Bolívia nos levará, em breve, à bacia do Prata — Até 1930 só explorávamos os recursos vegetais e animais — A siderurgia — As usinas de alumínio e cobre, a exportação de minérios e a exploração de depósitos petrolíferos — Nas comemorações do sexto aniversário do regime de 10 de Novembro, os brasileiros encontram-se absorvidos nas tarefas imediatas de ganhar a guerra custe o que custar — O Govêrno disposto a reprimir quaisquer tentativas de perturbação estéril — A hora é de união — O exercício do poder público orientado pela exclusiva defesa dos interêsses da ordem e do bem-estar da coletividade — O Brasil confia no patriotismo e na ação de suas fôrças armadas — A dedicação patriótica do Exército e a compreensão dos seus nobres deveres.

A nova sede do Ministério da Fazenda 175

O novo edifício do Ministério da Fazenda — Capacidade construtiva e gôsto da ordem do Ministro Souza Costa — O exemplo das instalações higiênicas e confortáveis — Fase de renovação de valores e reconstrução social — Anunciando o aumento dos vencimentos do funcionalismo civil e dos salários do operariado — Passagem da economia de paz para a de guerra — Certeza da

colaboração dos brasileiros — A maior segurança do nosso progresso está na atividade dos soldados, dos funcionários e dos operários da Nação — Nem greves, nem perturbações da ordem, nem clamorosos atos de traição — As exemplares disposições patrióticas dos marítimos, dos ferroviários e dos trabalhadores dos transportes — As divergências internas serão o nosso maior inimigo — Não devemos perder tempo com a interpretação de fórmulas ideológicas e com preocupações políticas de simples finalidade eleitoral — Os reformadores improvisados em profetas democráticos — O momento próprio para reajustar a estrutura política da Nação e fazer as necessárias consultas ao Povo Brasileiro — A primazia nas posições de direção e consulta — O atual Ministério da Fazenda — Confronto entre duas épocas — As finanças nacionais e os nossos esforços de emancipação econômica.

A escola e a ação dos professôres 185

As novas professôras do Distrito Federal e as suas responsabilidades — A escola centro de conformação da mentalidade de um povo — Onde se realiza a modelagem definitiva das almas — O sentimento do dever nos que tiveram bons professôres — O que será o Brasil de amanhã — Heróis obscuros do quotidiano — Os professôres primários têm importante missão — A reunião na Capital Federal do "Congresso dos Professôres" — O Instituto de Educação — Confiança na juventude brasileira — O papel relevante das mulheres nos presentes dias de guerra — Obstáculos a vencer — Prédios escolares construídos pela atual administração — O Prefeito do Distrito Federal — Diretrizes do Govêrno Nacional em matéria de educação popular — Aparelhar modelarmente o ensino — A ação dos professôres e as novas gerações.

VISITA A SÃO PAULO

A política econômica do Govêrno e os problemas vitais do país 195

A exposição industrial promovida pela Federação das Indústrias de São Paulo — Demonstração exemplar de trabalho produtivo, despertando a admiração dos brasileiros interessados no progresso da terra comum — As dificuldades enfrentadas pelo país em 50 meses de luta — Realizações obtidas graças à política econômica do Govêrno — O café depois da situação calamitosa de 1929 — Condições, providências, resultados prósperos — A eletrificação da Sorocabana — A retificação da E. F. Central do Brasil — A nacionalização do capital da Mogiana, o pôrto de São Sebastião, os serviços de saúde e assistência — Quadro da ação do Govêrno Federal em São Paulo — Os velhos empréstimos e o recente acôrdo de pagamento da dívida externa — A operação cria possibilidades para realizarmos um plano de industrialização progressiva do país, no imediato após-guerra — Preparação para uma fase de readaptação econômica — As atuais condições de progresso do país oferecerão oportunidade excelente para o emprêgo de capitais estrangeiros — Transformações do parque industrial brasileiro — O êxito dos muitos empreendimentos de São Paulo e o progresso atual do Estado — Conveniência de estreitar a cooperação entre o poder público e as classes produtoras — Contradições do negativismo demagógico — As necessidades de renovação da nossa maquinaria — A política eleitoral de conchavos e arranjos — Campanha derrotista contra a administração — A Federação das Indústrias e o operariado paulista em colaboração com o Govêrno — As oligarquias que cindiam o Brasil, ameaçando-lhe a integridade — Luta permanente pelo que é fundamental para a Pátria Brasileira: a unidade moral e a unidade econômica — "Vocação da unidade", imperativo geográfico e determinação da própria história brasileira.

Assistência ao trabalhador intelectual 207

Surprêsa agradável ao penetrar no recinto — O Serviço de Assistência ao Intelectual — O Brasil perfeitamente à vontade como aliado de guerra das Nações Unidas — Democracia não é demagogia, como liberdade não é licença nem anarquia — O Chefe da Nação sempre atento aos reclamos da consciência nacional — A voz da juventude nunca despercebida — Os antigos "pais-da-Pátria" eram padrastos das letras — Apôio moral e material do Govêrno ao Serviço de Assistência ao Intelectual.

A lavoura de São Paulo e o desenvolvimento econômico do Brasil 213

Os agricultores de São Paulo demonstram descender dos antigos bandeirantes — A lavoura paulista apresenta características próprias no desenvolvimento do Brasil — O café e a sua importância numa fase econômica do país — Os entrechoques da concorrência e a procura de novas fontes de riqueza — A indústria canavieira do Nordeste e o plantio paulista da cana de açúcar — A cultura algodoeira tradicional do Norte e a iniciativa vitoriosa de São Paulo — Novas responsabilidades que se impõem à lavoura paulista — A guerra e a atividade dos brasileiros — O exército da retaguarda e o seu dever — Necessidade de multiplicar a produção — Um ruralista e agrônomo no Govêrno de São Paulo.

Na Academia Brasileira de Letras 221

A atividade intelectual como imposição da vida política — Nunca pretendeu ser um escritor de ofício — Atração pelas inteligências cultas e pelos espíritos de alto quilate moral — A "Casa de Machado de Assis" em seu início e o divórcio entre a pura análise espiritual

e a aplicação às chamadas atividades práticas — Simbiose operada entre os homens de pensamento e os homens de ação — Processo de integração social que a todos disciplina em sentido útil à coletividade — O papel das Academias — Visão global das responsabilidades acadêmicas — A Cadeira n.º 37 — Tomás Antônio Gonzaga e a participação do poeta num movimento de emancipação da terra brasileira — Sentimento de justiça, independência e anticolonialismo — Os dois primeiros ocupantes da Cadeira n.º 37 — Para Silva Ramos conhecer e escolher era mais grato que inventar e produzir — Antônio de Alcântara Machado — O amor à terra e o culto dos antepassados — Testamento patriótico — Antagonismo de duas gerações — Os antigos sertanistas e os modernos mamelucos — A transformação dos adventícios em autênticos e bons brasileiros — Aspectos singulares da fisionomia moral de Alcântara Machado — Perfil do professor Brasílio Machado — Alcântara Machado jurista — A organização do Código Criminal — O forte sentido de solidariedade humana do escritor e a sua atuação acadêmica — O Brasil realizou a sua emancipação econômica, constrói agora a sua emancipação política e inicia finalmente a sua emancipação cultural — À Academia Brasileira de Letras cabe função preponderante na execução dessa magna tarefa.

O Brasil e as suas fôrças armadas nas tarefas árduas da guerra 243

Almôço de camaradagem e confraternização das classes armadas — Reflexo das circunstâncias extraordinárias atuais do mundo na vida individual e coletiva dos brasileiros — Tarefas árduas e de sérias responsabilidades para o Brasil em 1944 — Os soldados, marinheiros e aviadores do Brasil provam a sua resistência e valor combativo — Contingentes de todos os Estados formarão o Corpo Expedicionário — Cumprimento das obrigações livremente assumidas perante os nossos

aliados — Posição única de representantes mais numerosos da cultura latina no grupo das nações vitoriosas — Confiança na atuação dos expedicionários brasileiros — As palavras dirigidas aos soldados do Brasil são na verdade dirigidas à Nação inteira já mobilizada — A vitória das Nações Unidas será a vitória do Brasil.

VISITA AO PARANÁ

O Brasil visto como um todo 253

Volta ao Paraná decorrido um decênio da gloriosa jornada de 1930 — Solicitude pelo progresso crescente do povo paranaense — O Chefe do Govêrno Nacional não distingue no Brasil regiões ou zonas, Estados grandes ou pequenos — Participação do Paraná no movimento de 1930 — As crises em que se debatia a comunidade paranaense na fase do Govêrno Provisório — A reorganização das finanças e o restabelecimento do crédito do Estado — O mate e o pinho — Aproveitamento dos recursos da terra fértil, transformando a coletividade paranaense em modêlo de valor produtivo — Receita que permite atacar de frente os problemas das comunicações, da educação, da saúde e do fomento da produção — As circunstâncias da vida brasileira perante a atual conflagração — O problema dos núcleos compactos de descendentes dos países inimigos no Paraná e nos Estados vizinhos — A participação do Brasil na guerra — Os progressos urbanísticos de Curitiba — A Segunda Exposição Estadual como índice das atividades do Govêrno e das iniciativas privadas.

Nova Terra da Promissão 263

Regresso ao solo paranaense após 13 anos de ausência — O progresso do Paraná nesse longo período — Uma fase de exaltação patriótica — A Revolução de 1930 renovou o Brasil política, social e econômicamente —

O Brasil preparando-se para uma guerra externa — Os brasileiros não suportam afrontas — A gente paranaense fará do Paraná uma nova Terra da Promissão.

A criação dos Territórios Nacionais 269

A criação dos Territórios Nacionais — Motivos que a determinaram — O Brasil constitui uma unidade territorial, política, de língua e religião — As nossas questões de limites foram resolvidas por negociações diretas ou por arbitramento — Donos de vasto território, não ambicionamos um palmo de terra alheia — O escasso povoamento de algumas regiões fronteiriças — A organização dos Territórios Nacionais era uma antiga aspiração política de evidente alcance patriótico — O programa administrativo das novas unidades criadas resume-se em sanear, povoar e educar — A história dos povos, a sua geografia e o sentido nacionalizador da nossa "Marcha para Oeste" — Não se pretende dificultar as atividades da emprêsa que estabeleceu naquela região bem organizado centro de trabalho e exploração econômica dos recursos locais — O respeito aos direitos da propriedade privada não pode impedir o Estado de exercer plenamente as prerrogativas inerentes à soberania nacional — Por tôda parte se vê o Brasil unido e próspero.

A orientação renovadora do Govêrno e da Imprensa 277

Encontro cordial com os homens de imprensa — O Chefe do Govêrno contribui para transformar em realidade uma velha aspiração profissional — O jornalismo brasileiro ao tempo da fundação da Associação Brasileira de Imprensa — Transformação que se espelha nas esplêndidas instalações do imponente edifício da A. B. I. — Evolução orientada pela atividade onímoda do presidente da "Casa dos Jornalistas" em harmonia com as grandes realizações da Revolução de 1930 — Atuação renovadora e solução dos problemas

fundamentais da nacionalidade — Apesar da guerra, mantém-se favoràvelmente o ritmo de trabalho e se lançam novos empreendimentos — Confronto da frente interna com qualquer outra situação anterior — Posição digna do Brasil na vida internacional — A nossa contribuição para a guerra — As energias jovens e heróicas do Brasil mobilizadas no Corpo Expedicionário — Quando está em jôgo o destino nacional precisamos sobrepor-nos às preocupações egoístas e às contingências transitórias — Os disfarces do quintacolunismo — Aguardar sem temor e confiantes os acontecimentos — Os órgãos institucionais que ainda não se acham funcionando — O Brasil há de ser na paz governado segundo as exigências da consciência nacional.

Cooperação e solidariedade entre os grupos sociais 287

Ida a São Paulo para pronunciar o discurso do "Dia do Trabalho", atendendo ao apêlo de quase meio milhão de trabalhadores — Reconhecido ao devotamento patriótico dos obreiros da riqueza e do progresso do país — Nem greves, nem perturbações, nem desajustamentos — A luta pela emancipação econômica do país iniciada com as indústrias de base — E' chegada a hora de promovermos uma larga política de aplicação dos recursos acumulados pelos institutos de previdência social — Adiantados os estudos para uma lei definidora dos direitos e deveres dos trabalhadores rurais — Necessidade de cerrar fileiras em tôrno das agremiações sindicais — A instalação de postos de previdência e o contacto dos associados com os órgãos de classe — Cumpre ao Estado dar o exemplo quanto à sindicalização dos seus trabalhadores — O Govêrno Nacional conta com a integral adesão dos trabalhadores para realizar os seus propósitos — As atividades produtoras devem subordinar-se aos interêsses da coletividade e não à preocupação absorvente de lucros — A voracidade dos gananciosos, intermediários e parasitas — Os desequilíbrios violentos da ordem social

— Inoperância do aumento de salários quando o custo da vida continua a elevar-se — Segurança no Brasil para o capital se souber usar a sabedoria da auto-limitação — Cooperação e solidariedade entre os grupos sociais — A oportunidade de colaborarmos na reconstrução do mundo.

A preparação e o patriotismo do Corpo Expedicionário 299

Agradecimento à oficialidade do Corpo Expedicionário na palavra do seu comandante — A preparação moral e material dos oficiais digna de rivalizar com a dos nossos aliados — Felicitações pelos brilhantes exercícios assistidos — A compreensão do nosso povo ante o dever de lutar — A vitória só se inclinou para os Aliados quando os Estados Unidos lançaram sôbre um dos pratos da balança o potencial formidável das suas indústrias — A nossa primeira lição: só os países suficientemente industrializados e capazes de produzir o seu material bélico podem realmente ser considerados potências militares — O espírito de coesão — Distinção entre os oficiais e os soldados e a qualidade de educador que compete a todo oficial — A solidariedade transforma os exércitos em fortalezas invencíveis — O sentimento fraternal que deve unir todos os filhos da Pátria comum.

Confiança do Brasil no seu Corpo Expedicionário.. 307

A grande hora de honrar a Pátria — Guerra justa: a guerra dos povos pacíficos que, ofendidos na sua dignidade, reagem contra os agressores — A coragem e tenacidade do Povo Brasileiro para se defender — Mais audaz que os anteriores o inimigo de hoje — Os escolhidos para combater os agressores do Brasil na sua própria fortaleza — Pela primeira vez vamos lu-

tar em outro continente — O momento de transformar em atos as vozes do povo quando pedia guerra ao agressor — Confiança da Nação — Tranqüilidade quanto ao futuro — Nada faltará aos soldados, às suas espôsas, mães, noivas e filhos — A bênção de Deus para os soldados expedicionários — Defesa de uma tradição, de uma bandeira e de um nome: Brasil.

O patriotismo do trabalhador brasileiro e a política trabalhista do Govêrno

(DISCURSO PRONUNCIADO NO ESTÁDIO DO "VASCO DA GAMA", POR OCASIÃO DAS COMEMORAÇÕES DE 1.º DE MAIO DE 1943)

SUMÁRIO

O contacto do Chefe do Govêrno com os trabalhadores — O bem-estar da coletividade constitui o verdadeiro triunfo do homem público — Política trabalhista que não divide, não discrimina e a todos congrega — Preocupação constante do Govêrno a ampliação e reforçamento das leis de previdência — A Justiça do Trabalho representa a abóbada do sistema brasileiro de legislação trabalhista — Novas leis sujeitas a revisão final — Segurança econômica do trabalhador e estabilidade do lar proletário — A instituição das escolas de fábrica — Necessidade de aumentar a inscrição nos sindicatos profissionais, fazendo com que o número dos sindicalizados abranja todos os trabalhadores — A situação de guerra — Não alimentar temores quanto ao futuro — O Brasil identificado com o programa da Carta do Atlântico — A nossa participação na guerra e na reconstrução da paz — Eficiência do auxílio brasileiro às Nações Aliadas — Sem as bases do Nordeste não teria sido possível a ocupação da África do Norte — O suprimento de materiais estratégicos — A vigilância das nossas costas — A ação da Marinha e das fôrças aéreas do Brasil — O Exército conclui a sua mobilização — Precisamos criar uma mentalidade de guerra — A colaboração das populações civis com as fôrças armadas — A batalha da produção — O coeficiente dos transportes — Apêlo aos homens do mar, aos ferroviários e aos rodoviários — Combater o boato, a intriga, a calúnia e a maledicência, considerando-os atos de derrotismo — A primeira tentativa feita no Brasil, segundo os métodos e a inspiração nazistas, para subverter a ordem pública — Não vacilar; não transigir; não recuar; para a frente: são as vozes de comando da Nação Brasileira aos seus filhos.

SENHORES

Já nos habituamos a compartilhar festivamente as comemorações do DIA DO TRABALHO, e isso sempre foi para mim motivo de particular satisfação. Ao vosso contacto, ao calor das vossas manifestações espontâneas e vibrantes, encontro motivos de júbilo cívico e o reconfôrto tão necessário às pesadas responsabilidades dos negócios públicos. No ano passado, um acidente de penosas conseqüências impediu-me de estar ao vosso lado e de associar-me às solenidades da vossa grande data. Mas essa forçada ausência não me distraiu a atenção dos vossos problemas, aspirações e necessidades.

O verdadeiro triunfo do homem público consiste em realizar o bem-estar da coletividade. Nenhuma reforma, nenhuma mudança institucional ou substituição de quadros administrativos pode ter justificação fora dêsse imperativo de ordem política. Os regimes nascidos de grandes e profundos movimentos de opinião trazem como signo a necessidade de realizar as suas conquistas e ampliá-las até se estabilizarem e se consolidarem. As revoluções não podem deter-se e estacar na contemplação do passado ou na admiração do presente.

Na fase de reconstrução, de remodelação de processos governativos, como a em que vivemos, as manifestações desta natureza equivalem para o Chefe do Govêrno a uma espécie de reafirmação da confiança popular, diretamente expressa.

O trabalhador brasileiro nunca me decepcionou. Diligente, apto a aprender e a executar com enorme fa-

cilidade, sabe ser, também, bom patriota. A essas disposições o Govêrno responde com uma política trabalhista que não divide, não discrimina, mas, ao contrário, congrega a todos, conciliando interêsses no plano superior do engrandecimento nacional. À medida que impulsionamos as fôrças da produção para favorecer o progresso geral e unificar econômicamente o país, organizamos o trabalho, disciplinamo-lo sem compressões inúteis, afastando a luta de classes e estabelecendo as verdadeiras bases da justiça social. A ampliação e o reforçamento das leis de previdência são, para nós, uma preocupação constante. As nossas realizações em matéria de amparo ao trabalhador constituem corpo de normas admiradas e imitadas por outros países que ainda não conseguiram o justo equilíbrio entre os fatôres da riqueza pública. Para atingir êsse objetivo, não desencadeamos conflitos ideológicos nem transformamos o Estado em senhor absoluto e o trabalhador em escravo.

A JUSTIÇA DO TRABALHO, abóbada do nosso sistema de legislação trabalhista, tem provado o acêrto da sua criação. Instituída em moldes novos, justifica-se pelos bons resultados colhidos e vem demonstrando o espírito de cooperação existente entre empregados e empregadores, que aceitam sem relutância os seus veredítos. Decerto ainda existem falhas a corrigir e disso o Govêrno cuida ativamente. Aliás, êste sentido de aperfeiçoamento se patenteia nas seguintes leis recentemente elaboradas e sujeitas agora à revisão final para promulgação: "Consolidação das leis do trabalho", "Lei orgânica de previdência social" e "Salário adicional para a indústria". Todos êsses projetos, seguindo inalteráveis diretrizes do meu Govêrno na solução dos problemas sociais, foram organizados por comissões técnicas, sob a imediata orientação do Ministro Marcondes Filho, que empresta atualmente à pasta do Trabalho as luzes da sua

culta inteligência e a sua operosidade incansável, servida por um esclarecido e realizador espírito público.

As tarefas de organização promovidas pelo Estado Nacional visam, primordialmente, dar segurança econômica ao trabalhador e garantir-lhe a estabilidade do lar. Obedecendo a êsse propósito persistente, apesar das circunstâncias excepcionais do momento, decretamos a regulamentação da Lei do abono familiar, que concede auxílio às proles numerosas e completa a lei anterior, que proporcionou as mesmas vantagens aos funcionários públicos.

O problema da alimentação está sendo encarado sèriamente, através do órgão especial para isso criado — o Serviço de Alimentação e Previdência Social. A organização dos restaurantes-modêlo, primeiro passo nessa campanha pela nutrição farta e sadia, será ampliada e desenvolvida, de modo a estender os seus benefícios a maior número de trabalhadores, em tôdas as regiões do país.

A instituição das escolas de fábrica — iniciativa tentada em vários países e entre nós em plena execução — veio alargar as possibilidades do preparo profissional do trabalhador e da sua prole. É natural em todo lar organizado o desejo de ver os filhos continuarem os pais na sua trajetória de trabalho honesto, repetindo em novos lares as alegrias simples da família. Congregá-los para que tenham amanhã um ofício e possam constituir outras famílias atende a um anseio afetivo e a um justo reclamo social. É isso que nos proporcionará o ensino industrial, capacitando os brasileiros a atingirem o ideal da unidade na diversidade, isto é: o trabalho para todos e as ocupações variadas exercidas segundo as próprias tendências e aptidões.

Neste Primeiro de Maio, aproveitando o ensêjo de falar-vos diretamente, quero lembrar a necessidade de

aumentarmos a inscrição nos sindicatos profissionais. Não se cogita de alterar-lhes a organização, a estrutura ou a finalidade, mas apenas fazer com que o número de sindicalizados se eleve até abranger todos os trabalhadores, de forma que êstes, representando a totalidade das profissões, possam influir mais diretamente nas resoluções de caráter econômico, social e político. Não há, aí, apenas um dever patriótico a cumprir. Reclamam-no os interêsses gerais e o interêsse particular do próprio trabalhador, que falando por si mesmo junto às instâncias da administração mais se integra na organização do Estado e se liberta por completo das explorações parasitárias de politiqueiros e demagogos, sempre prontos a prometer o que não podem dar em troca de tudo aquilo a que não têm direito.

Mau grado as sérias apreensões decorrentes da atual situação do mundo não devemos alimentar temores e receios quanto ao futuro. Sabemos que a guerra é uma escola de sacrifícios e para enfrentá-los não nos faltam coragem e tenacidade. A fase de reorganização que sobrevirá ao choque dos exércitos não nos encontrará desprecavidos. Antecipadamente nos preparamos para fazer face aos seus problemas. Identificados com o programa das Nações Aliadas, consubstanciado na CARTA DO ATLÂNTICO, cumpriremos até o fim os nossos compromissos de solidariedade e estreita cooperação na luta militar e econômica, certos de concorrermos para a vitória e de compartilharmos, em futuro próximo, de acontecimentos felizes, capazes de aumentar o relêvo da nossa atuação.

É demasiado cedo para prevermos quais sejam, em última instância, as formas da nossa participação na guerra e na reconstrução do mundo, mas estamos seguros de que poderemos ampliar a nossa contribuição para a luta, onde e quando fôr necessário. As nações a cujo

lado batalhamos reconhecem a eficiência do nosso auxílio. Sem as bases do Nordeste não teria sido possível a ocupação da África do Norte — operação preliminar e ponto de apôio indispensável para o prosseguimento da campanha de libertação dos povos martirizados pelo nazismo. O fornecimento de materiais estratégicos, a vigilância das nossas costas, a ação persistente e silenciosa da nossa valorosa Marinha e das nossas destemidas fôrças aéreas já representam considerável esfôrço bélico. O Exército Nacional, de tão gloriosas tradições, conclui a sua mobilização, articula-se com a Armada e a Aeronáutica, segundo os planos de cooperação militar com os Estados Unidos, e se apresta para as eventualidades da luta.

Precisamos, todavia, acelerar o ritmo da nossa preparação militar e criar-nos uma mentalidade de guerra. Elevem os corações todos os brasileiros, coloquem-se acima dos interêsses transitórios, desprezando intrigas e tricas mesquinhas. Onde houver perseguições, propósitos de vingança, desonestidades ou explorações, far-se-á sentir a ação reparadora do poder público. E asseguro-vos que não deixarão de ser tomadas as medidas de justa punição contra os culpados e providências de amparo a possíveis vítimas, desde que cheguem ao meu conhecimento abusos e transgressões.

O povo brasileiro não faltará, por certo, aos seus soldados, aos seus marinheiros e aos seus aviadores, com os elementos de que careçam para atuar mais amplamente. E para que isto aconteça torna-se indispensável continuarmos, com redobrado empenho, a mobilização dos nossos recursos econômicos, diríamos melhor, usando a linguagem militar: A BATALHA DA PRODUÇÃO. Produzir mais, produzir melhor — nas fábricas, nos campos, nas hortas e nos pomares — é a palavra de ordem que deveremos ter sempre nos ouvidos, alertando-nos e retempe-

rando-nos a vontade e a decisão de atingir o máximo dentro das nossas possibilidades. Hoje mais do que nunca a ociosidade deve ser considerada crime contra o interêsse coletivo. Não se pode tolerar a desocupação quando há tantas tarefas urgentes a realizar. Operários nas máquinas, marinheiros nos navios, ferroviários, motoristas, funcionários, diretores de indústria, almirantes nos mares ou generais nos postos de comando — todos estão sob o mesmo imperativo: fazer bem e ràpidamente a parte que lhes toca.

Não é demais acentuar quanto, nas circunstâncias especialíssimas desta guerra, representa o coeficiente do transporte. Pelos caminhos do ar e pelas velhas rotas marítimas transferem-se de continente a continente exércitos e alimentos para países inteiros. Homens do mar, que atravessais oceanos infestados de submarinos e que já enriquecestes com pesados sacrifícios as tradições do nosso heroísmo; ferroviários e rodoviários que levais aos portos os abastecimentos e materiais, da vossa bravura e do vosso devotamento depende, em boa parte, o contingente da nossa cooperação para a vitória. O Govêrno não vos esquecerá, vigilante pela situação vossa e das vossas famílias. E, principalmente, vigilante para impedir que os espiões, sabotadores e quintacolunistas de várias espécies abalem a nossa mútua confiança e perturbem o nosso trabalho com as suas manobras e expedientes criminosos. O boato, a intriga, a calúnia e a maledicência, em épocas como a que atravessamos, são as máscaras freqüentemente usadas pelos traidores. Ficai alertas e auxiliai a ação das autoridades policiais, que no seu zêlo pela segurança pública encontram, na presente emergência, cooperação espontânea de todos os bons brasileiros empenhados na difícil tarefa de descobrir e reprimir as atividades dos inimigos da Pátria.

O PATRIOTISMO DO TRABALHADOR BRASILEIRO

Dentro de dez dias terá decorrido um lustro da primeira tentativa feita no Brasil, segundo a inspiração e os métodos nazistas, para subversão da ordem: o assalto à residência do Chefe do Govêrno, pela calada da noite, e o cêrco aos lares de elementos destacados da administração militar e civil. A conspirata integralista fracassou, mas só hoje é possível imaginar a que triste condição estaríamos reduzidos se tivesse logrado êxito. Recordemos o fato, extraindo as lições que a sua análise comporta. Há uma falsa maneira de ser patriota: a dos que se arvoram em intérpretes das necessidades e aspirações nacionais, quando, realmente, só pensam nos próprios interêsses e vaidades.

TRABALHADORES DO BRASIL

Estamos em guerra. Isto quer dizer: empenhados numa luta decisiva para os destinos da Pátria. Quem não estiver conosco está contra nós. Com os homens de trabalho e com tôdas as fôrças vivas da nacionalidade sei que posso contar.

Não vacilar; não transigir; não recuar; para a frente: são as vozes de comando da Nação Brasileira a todos os seus filhos.

Visita do Presidente do Paraguai ao Brasil

Comunhão de interêsses vitais entre o Brasil e o Paraguai

(DISCURSO PRONUNCIADO NO ITAMARATÍ, POR OCASIÃO DO BANQUETE OFERECIDO PELO GOVÊRNO BRASILEIRO AO PRESIDENTE HIGÍNIO MORÍNIGO, A 5 DE MAIO DE 1943)

SUMÁRIO

A visita do Presidente Morínigo e a confraternização interamericana — Os sentimentos do Brasil em relação ao heróico povo do Paraguai — As duas nações vizinhas estreitam os laços de mútua amizade — Os povos se tornam cada vez mais interdependentes — As nações americanas se esforçam para desenvolver a solidariedade continental — A visita ao Paraguai do Chefe do Govêrno do Brasil — Abertos nos portos brasileiros os caminhos marítimos vedados pelo destino ao Paraguai — Os dois países precisam consolidar a cooperação iniciada — A orientação administrativa do Presidente Morínigo — Votos da Nação Brasileira pela prosperidade e pelos altos destinos do Paraguai.

SENHOR PRESIDENTE HIGÍNIO MORÍNIGO

A visita de Vossa Excelência é uma alta honra para o meu Govêrno e uma prova de amizade que a Nação Brasileira compreende e interpreta no seu elevado sentido de confraternização interamericana.

O longo trato de terra brasileira percorrido por Vossa Excelência antes de chegar à nossa capital e de aqui receber a consagração de aplausos espontâneos e calorosos, já lhe deu, seguramente, mostra dos sentimentos do Brasil em relação ao grande e heróico Povo Paraguaio, cujos destinos dirige Vossa Excelência com sabedoria e patriótico devotamento.

Em ocasião como esta, quando a Nação Brasileira se encontra em guerra para defender os princípios de solidariedade continental e a liberdade das comunicações marítimas, avulta extraordinàriamente o significado da presença entre nós do primeiro mandatário do Paraguai. Obedecendo a idênticas diretrizes nos negócios externos, ligados pelas afinidades de cultura, a contigüidade territorial e a comunhão de interêsses vitais, fôra de admirar que as duas nações irmãs e vizinhas não estreitassem mais e mais os laços de amizade existentes e cooperassem em tudo quanto possível para o progresso recíproco.

Já vai longe o tempo em que as relações internacionais podiam permanecer no terreno abstrato da boa vontade, limitadas aos fatôres passivos resultantes da ausência de diferenças de fronteira ou de competições econômicas. Na atualidade, com a intensificação das trocas e a facilidade das comunicações, os povos são, cada dia, mais interdependentes, vivendo em íntimo contacto,

obrigados a manter uma colaboração permanente, alicerçada em realidades mùtuamente interessantes.

Nós, representantes das jovens nações americanas, procuramos a solução do problema da prosperidade internacional, somando esforços no mesmo sentido do progresso e fugindo aos processos de segregação e isolamento, de exclusivismos discriminadores, causa quase sempre de rivalidades estéreis, de desconfianças e até mesmo de conflitos inglórios. Só existe verdadeira independência entre iguais e só é possível alcançar alto nível de desenvolvimento quando as nações que nos cercam dispõem das mesmas oportunidades para usufruir os benefícios da civilização.

Quando tive a felicidade de visitar, como Presidente do Brasil, a hospitaleira e formosa terra paraguaia, de onde trouxe gratas e inesquecíveis recordações, que evoco neste instante com especial satisfação, subscrevemos conjuntamente numerosos atos que possibilitaram entendimento mais amplo e proveitoso entre os nossos povos. Agora, ao imprimirmos novo impulso, em meio a circunstâncias extraordinárias, à aproximação para a qual trabalhamos sinceramente, desejo dizer-vos que o Govêrno do Brasil, interpretando com fidelidade o sentimento nacional, espera tornar cada vez mais funda e extensa a cooperação encetada sob tão excelentes auspícios.

Os caminhos marítimos vedados pelo destino à vossa Pátria foram abertos nos portos brasileiros; as nossas escolas, as nossas usinas, os nossos técnicos, os produtos da indústria nacional e a nossa experiência econômica e financeira continuam ao dispor das vossas necessidades. Entre as nossas corporações militares são recebidos com especial agrado os jovens oficiais do vosso Exército e da vossa arma aérea, e da mesma forma acontecerá na Marinha de Guerra quando enviardes vossos

engenheiros e oficiais aos nossos navios, arsenais e estaleiros.

Desdobra-se, largo e fecundo, à nossa frente o caminho da cooperação que apenas começamos a trilhar. Cabe-nos persistir, aumentar as oportunidades de contacto e compreensão, reforçar os motivos de mútua confiança e estabelecer a convicção de que nada existe capaz de separar-nos, mesmo passageiramente. E êsse programa de exemplar entendimento entre duas nações que se estimam e respeitam será cumprido, porque o Paraguai tem em Vossa Excelência um renovador avisado, um governante esclarecido. A orientação administrativa do país irmão, de um modo geral, se identifica com a nossa; são os mesmos os métodos e intenções: desenvolver as riquezas naturais, estimular as energias produtoras, para que o padrão de vida do povo melhore, a cultura geral se eleve e o aperfeiçoamento técnico crie novas fontes de trabalho e de bem-estar.

Soube Vossa Excelência, para imprimir à vida do seu glorioso país êsse ritmo fecundo e construtivo, selecionar valores e capacidades, cercando-se de um núcleo ativo de auxiliares. Vejo, com prazer, na vossa comitiva, algumas dessas figuras representativas das modernas gerações paraguaias. O Ministro Luiz Argaña é, há muito, merecedor da minha consideração pessoal. Da sua dedicada e inteligente colaboração com o Ministro Oswaldo Aranha, que tem mostrado sincera e decidida disposição de bem servir à nossa política de confraternização, resultaram os atos mais importantes últimamente celebrados entre os governos do Brasil e do Paraguai. O Ministro Amâncio Pampliega, que conheci e apreciei em Assunção, e o General Juan Bautista Ayala, chefe da missão diplomática acreditada entre nós e cujo profícuo labor e distinção natural já conquistaram as nossas

vivas simpatias, são expoentes da nova fase aberta às relações paraguaio-brasileiras.

SENHOR PRESIDENTE

A Nação Brasileira, pelo seu Govêrno, tem a honra de oferecer a Vossa Excelência e aos seus ilustres companheiros a sua hospitalidade afetuosa, formulando calorosos votos pela prosperidade e pelos altos destinos de vossa Pátria.

Ergo a minha taça à saúde de Vossa Excelência, Senhor Presidente, e da Senhora Morínigo, que representa dignamente, neste momento, as virtudes patrícias de bondade e distinção da mulher paraguaia.

Volta Redonda e a capacidade construtiva dos brasileiros

(DISCURSO PRONUNCIADO EM VOLTA REDONDA, POR OCASIÃO DO ALMÔÇO OFERECIDO AO PRESIDENTE HIGÍNIO MORÍNIGO, A 7 DE MAIO DE 1943)

25126

SUMÁRIO

Entusiasmo patriótico pelo empreendimento da Usina Siderúrgica de Volta Redonda — Grandiosa perspectiva de um futuro próximo e marco definitivo da emancipação econômica do país — Incompreensão e passividade — O problema siderúrgico ausente das cogitações governamentais durante 32 anos — A Companhia de Ferro Itabira numa campanha de 20 anos — A Revolução de 1930 evitou a entrega das nossas jazidas de ferro, da Estrada Vitória—Minas e do Vale do Rio Doce a um monopólio internacional — A plataforma do candidato da Aliança Liberal e o problema siderúrgico — A necessidade de ser nacionalizada a exploração das riquezas naturais do país — O aproveitamento das quedas d'água e a siderurgia como indústrias de paz e de guerra — Não conceder a estranhos a exploração de serviços ligados à defesa nacional — A ação do Govêrno Nacional — A Usina Siderúrgica, a produção de coque metalúrgico e a exportação de minério — A Comissão Executiva do Plano Siderúrgico — A Companhia Siderúrgica Nacional — Vinte milhões invertidos na compra de maquinismos e em instalações industriais — A luta pelo consumo do carvão nacional — As emprêsas oneradas pelo serviço de dívidas e a medida exata das possibilidades internas — Jôgo de interêsses — Obrigatoriedade da quota de 10% do produto nacional em relação à hulha estrangeira aumentada para 20%, depois para 30%, 60% e 70% no consumo de algumas emprêsas — O carvão de Santa Catarina deu excelentes resultados nos Estados Unidos — A Companhia Vale do Rio Doce — Aumento de produção da Usina de Volta Redonda — O Brasil em guerra — O nosso desenvolvimento futuro — Satisfação pela presença do Presidente Higínio Morínigo na Usina de Volta Redonda.

SENHORES

Diante de empreendimento de tamanha magnitude como o que estamos aqui realizando, não posso ocultar o meu entusiasmo patriótico e a minha confiança na capacidade dos brasileiros.

O que representam as instalações da Usina Siderúrgica de Volta Redonda, aos nossos olhos deslumbrados pelas grandiosas perspectivas de um futuro próximo, é bem o marco definitivo da emancipação econômica do país. Aqui está êle plantado, em cimento e ferro, desafiando cepticismos e desalentos. Admiremo-lo, primeiro, com justo orgulho, para refletirmos, depois, quanto foi difícil lançar os seus fundamentos numa realização vitoriosa. E digo difícil, não só tendo em vista os obstáculos materiais a vencer, como ainda as resistências e omissões de uma mentalidade pública que parecia incapacitar-nos para levar ao terreno das soluções práticas o grande problema.

Não será exagêro atribuir, històricamente, a nossa conduta de incompreensão e passividade ao provincialismo que a Constituição de 1891 estabeleceu e ao reclamo dos países industriais interessados em manter-nos na situação de simples fornecedores de matérias primas e consumidores de produtos manufaturados. Aquela expressão — "país essencialmente agrícola" — de uso corrente para caracterizar a economia brasileira, mostra, em boa parte, a responsabilidade do nosso atraso. Durante 32 anos de vida republicana — de 1890 a 1922, — permanecera o problema de tal maneira ausente das cogitações

governamentais que se poderia considerá-lo inexistente. Reabriu-se a discussão sôbre a matéria em 1922, por uma razão clara e simples: a primeira guerra mundial arrastara até nós a crise dos produtos manufaturados e a queda das taxas de juros na Europa de *post-guerra* trazia-nos um afluxo de capitais inquietos, dispostos a explorações industriais distantes dos centros em que a questão social tomava plano de relêvo.

A enunciação de um simples nome — Companhia de Ferro Itabira — resumiria uma campanha de 20 anos. Retomado o problema siderúrgico com o famoso contrato de concessão que fez correr rios de tinta, ainda persistia uma parte da opinião voltada para a solução semicolonial: — exportar minério sem possuir usina transformadora. Levemente alterada, a fórmula "país essencialmente agrícola" orientava ainda os nossos atos. E o argumento, freqüente e capcioso, era o mesmo: não dispúnhamos de combustível para fabricar aço.

A Revolução de Outubro, de tendências acentuadamente nacionalistas, afastou por algum tempo o risco de entregarmos as nossas jazidas de ferro, a Estrada de ferro Vitória—Minas e o Vale do Rio Doce a um monopólio internacional. Sempre se pretendeu, interessadamente, considerar como partes inseparáveis do problema a fundação da grande siderurgia, a exportação de minério e a produção de carvão. Simples fórmula dilatória. Não resolvendo tudo, nada era possível resolver. Tínhamos, porém, os homens da Revolução de 30, vistas diferentes sôbre a questão.

Já o candidato da Aliança Liberal assinalava na sua plataforma: "O surto industrial só será lógico, entre nós, quando estivermos habilitados a fabricar, senão tôdas, a maior parte das máquinas que nos são indispensáveis. Daí a necessidade de não continuarmos a adiar a solução

do problema siderúrgico". E, um ano depois, em Belo Horizonte, triunfante o movimento, desenvolvia aquêle ponto de vista, apenas indicado: "Mas o problema máximo, pode dizer-se básico, da nossa economia é o siderúrgico. Para o Brasil, a idade do ferro marcará o período da sua opulência econômica. No amplo emprêgo dêsse metal, sôbre todos precioso, se expressa a equação de nosso progresso. Entravam-no a nossa míngua de transportes e a falta de aparelhamento indispensável à exploração da riqueza material que possuímos imobilizada. Completando, finalmente, o meu pensamento, no tocante à solução do magno problema, julgo oportuno insistir, ainda, em um ponto: a necessidade de ser nacionalizada a exploração das riquezas naturais do país, sobretudo a do ferro. Não sou exclusivista nem cometeria o êrro de aconselhar o repúdio do capital estrangeiro a empregar-se no desenvolvimento da indústria brasileira, sob a forma de empréstimos, no arrendamento de serviços, concessões provisórias ou em outras múltiplas aplicações equivalentes. Mas, quando se trata da indústria de ferro, com a qual havemos de forjar tôda a aparelhagem dos nossos transportes e da nossa defesa; do aproveitamento das quedas d'água, transformadas na energia que nos ilumina e alimenta as indústrias da paz e da guerra; das rêdes ferroviárias de comunicação interna, por onde se escoa a produção e se movimentam, em casos extremos, os nossos exércitos; quando se trata — repito — da exploração de serviços de tal natureza, de maneira tão íntima ligados ao amplo e complexo problema da defesa nacional, não podemos aliená-los, concedendo-os a estranhos, e cumpre-nos, previdentemente, manter sôbre êles o direito de propriedade e de domínio."

Colocado o problema nestes têrmos, tratamos de passar, sem demora, à ação. Pouco depois, nomeávamos

grande Comissão de Estudos, da qual fazia parte o Capitão Edmundo de Macedo Soares e Silva, considerado autoridade no assunto, por seus estudos especializados e a sua incontestável capacidade. As conclusões do trabalho realizado foram, então, encaminhadas ao Congresso, na vigência da Constituição de 1934, e aí permaneceram até o seu encerramento, em 1937.

Não era possível, em meio a opiniões saturadas de conservantismo, abolir velhos erros de apreciação. E, verdadeiramente, num grande corpo legislativo, a penetração de influências capazes de eternizar os debates não poderia mesmo permitir solução satisfatória.

O Govêrno, porém, não estava disposto a consentir em protelação maior. O exame do assunto passou a ser feito, em 1938, pela Comissão Técnica do Ministério da Fazenda, e nesta os depoimentos do Major Edmundo de Macedo Soares e Silva e do Dr. Guilherme Guinle fizeram pender a balança das razões para a solução nacionalista. Ao primeiro deu-se logo o encargo de preparar o projeto brasileiro, o qual, concluído em tôdas as suas modalidades, foi submetido ao exame de técnicos americanos, que o aprovaram.

Abordávamos, a um tempo, o problema pelos seus três aspectos capitais, mas sem interdependência: usina siderúrgica, produção de coque metalúrgico e exportação de minério. Nessa fase de estudo e apreciação do problema é de justiça salientar a competente e dedicada atuação do Ministro Mendonça Lima. Os trabalhos, tomando ritmo acelerado, passaram depois à Comissão Executiva do Plano Siderúrgico, diretamente subordinada ao Chefe do Govêrno, que fizera seguir para os Estados Unidos o Major Edmundo de Macedo Soares e Silva, com o fim de ultimar os estudos técnicos do plano elaborado, enquanto confiava à inteligente e devotada iniciativa do

Dr. Guilherme Guinle a organização da Companhia Siderúrgica Nacional. Escolheu-se a localização da usina e com o apôio financeiro americano, que não nos faltou graças à intervenção amiga do Presidente Roosevelt, iniciamos a compra dos maquinismos e instalações industriais, invertendo nesses fornecimentos o primeiro empréstimo de 20 milhões, concedido pelo Banco de Importação e Exportação. Porque, é oportuno dizer-se, a aplicação dos fundos externos foi exclusivamente reservada à aquisição do material estrangeiro. As demais instalações de várias ordens são custeadas pelo capital nacional subscrito pelo Govêrno e pelo povo. É com dinheiro brasileiro que se pagam os salários de cêrca de 8 mil homens que aqui trabalham, desde os técnicos americanos e nacionais até ao mais humilde operário. Da mesma fonte provêm os recursos necessários à aquisição de 50 mil toneladas de ferro, de 3 milhões de sacos de cimento, de 400 mil metros cúbicos de pedra britada, de 3 milhões de metros quadrados de madeira e 55 quilômetros de vias-férreas — materiais aqui empregados em edifícios, levantamento de plataformas para maquinismos, instalações e equipamentos indispensáveis ao trabalho industrial. A cidade siderúrgica está pronta para crescer e expandir-se, atingindo a plenitude da sua finalidade.

A solução da premissa fundamental do problema foi também encontrada. Contra os cépticos e a conjura de interêsses estranhos, o Govêrno, desde 1930, não descontinuou a proteção à hulha nacional. Administrações anteriores haviam procurado amparar o nosso combustível mineral, concedendo empréstimos e pequenos favores. A produção incipiente não encontrava, porém, em face da concorrência, condições propícias ao crescimeto. As emprêsas oneradas pelo serviço de dívida, o consumo sujeito a flutuações derivadas de fatôres vários, e quase restrito,

em certa oportunidade, à Viação Férrea do Rio Grande do Sul, consumidora de carvão de baixo teor calorífico, não permitiam tomar a medida exata das possibilidades internas. O que se alastrava, em face do jôgo de interêsses, que iam da propaganda aberta contra o nosso produto aos *dumpings* e demais processos inconfessáveis, era o desânimo. Sòmente outras medidas poderiam reanimar os produtores. Em 1931, a lei n.º 20.089, de 9 de junho, criou a obrigatoriedade da quota de 10% do produto nacional em relação ao consumo de hulha estrangeira. As dificuldades que tive de enfrentar, as resistências a vencer, foram enormes e é cedo ainda para relatá-las em público.

Mas, o primeiro resultado estava obtido: as emprêsas brasileiras de extração ampliavam com segurança a produção. E em breve o Govêrno aumentava a quota para 20%, elevando-a depois a 30%, de modo geral atingindo nalgumas emprêsas consumidoras, como a Estrada de Ferro Central do Brasil, sob a atual administração, 60% do consumo total do ano último e 70% no primeiro quadrimestre dêste ano.

Mudou, portanto, o panorama, e a prospecção de novas jazidas interessa aos industriais, que estendem o seu campo de ação, contando com o consumo do produto na siderurgia nacional. Realmente, êste grande empreendimento, com os seus atuais fornos para produzir mil toneladas de coque em 24 horas, dará consumo seguro ao carvão brasileiro e aproveitará os resíduos na fabricação de benzol, toluol, xilol, amoníaco, alcatrão e outros subprodutos que ainda importamos. As experiências feitas com o carvão de Santa Catarina deram excelentes resultados nos Estados Unidos e pode-se considerar simplificado êste importante fator da siderurgia com a instalação

da Usina de Benefício, que se monta em Tubarão, naquele Estado.

O problema básico da nossa economia estará, em breve, sob novo signo. O país semicolonial, agrário, importador de manufaturas e exportador de matérias primas, poderá arcar com as responsabilidades de uma vida industrial autônoma, provendo as suas mais urgentes necessidades de defesa e de aparelhamento. Já não é mais adiável a solução. Mesmo os mais empedernidos conservadores agraristas compreendem que não é possível depender da importação de máquinas e ferramentas, quando uma enxada, êsse indispensável e primitivo instrumento agrário, custa ao lavrador 30 cruzeiros, ou seja, na base do salário comum, uma semana de trabalho.

A questão da exportação de minério, resolvida em separado, com a constituição da Companhia Vale do Rio Doce, demonstrou perfeitamente como era falso o pressuposto de interdependência em que se procurara colocar, antes, o problema da exploração mineral no país.

A Usina de Volta Redonda está planejada para aumentar a sua produção até um milhão de toneladas por ano. Com a sua coqueria de 55 fornos, a usina de subprodutos e os altos-fornos em instalação, teremos, de início, cêrca de 200 mil toneladas de laminados e com o equipamento já adquirido atingiremos 350 mil toneladas anuais de trilhos, chapas, grandes perfis e barras. Só o primeiro alto-forno tem capacidade para mil toneladas em 24 horas. Tudo o que se está fazendo deixa, entretanto, margem a maior expansão, de acôrdo com as possibilidades do mercado, e não afeta, nem afetará de futuro, a siderurgia de carvão vegetal, tão necessária ao suprimento de especialidades de aço e à formação da nossa indústria metalúrgica.

Essa transformação básica da nossa produção industrial exige, agora, o trato de uma questão de pessoal. E' a formação de técnicos. O Serviço de Ensino Industrial instituindo escolas de fábrica dará, dentro de pouco tempo, um número avultado de trabalhadores e especializados, e a rêde de 200 escolas profissionais irá preparando jovens de 14 a 16 anos para as atividades que o desenvolvimento das indústrias comporta. Dêste impulso, em que colaboram o Govêrno e as emprêsas privadas, constitui padrão o Liceu Nacional do Rio de Janeiro. E no grau superior, a reforma em elaboração cogita de alguns cursos de especialização para engenheiros, sobressaindo os de metalurgia, eletricidade, mecânica e aeronáutica, além da criação de um Instituto de Pesquisas Técnicas, capaz de auxiliar eficazmente a nossa expansão industrial.

A nossa guerra, Senhores, não abrange apenas setores de preparação bélica e adestramento para campanhas militares. Deve compreender um vasto programa de estruturação para o nosso desenvolvimento futuro, de modo que, ao têrmo da segunda guerra mundial, possamos empreender, com o aço desta usina, com os braços dos brasileiros instruídos e capazes e a vontade patriótica de vencer, a remodelação do nosso parque industrial antiquado pelo desgaste.

Sendo a Usina Siderúrgica de Volta Redonda uma das mais importantes realizações do meu Govêrno, resolvi visitá-la em companhia do Senhor General Higínio Morínigo, preclaro Presidente do Paraguai, por tantos títulos digno representante do seu heróico povo. Quis, assim, ressaltar, não só a significação excepcional do empreendimento, como também exprimir ao nosso ilustre hóspede a satisfação que a sua presença nos proporciona, declarando-lhe que consideramos esta obra uma conquista da capacidade americana e que os benefícios

dela resultantes nós os compartilharemos, de bom grado, com a nobre nação amiga.

MEUS SENHORES

Eu vos felicito pelo que haveis realizado em prol do Brasil. Esta cidade industrial será um marco da nossa civilização, um monumento a atestar a capacidade de nossa gente, um exemplo com tal poder de evidência que afastará quaisquer dúvidas e apreensões sôbre o futuro, instituindo no país um novo padrão de vida e uma nova mentalidade.

A todos vós, construtores, simples trabalhadores, engenheiros — homens animosos que dais o esfôrço do vosso cérebro e do vosso braço a êste empreendimento gigantesco — os meus parabéns e votos de felicidade, que são mais uma afirmação de fé e confiança nos gloriosos destinos da nossa Pátria.

Tratados entre o Brasil e o Paraguai

(IMPROVISO RESPONDENDO AO PRESIDENTE HIGÍNIO MORÍNIGO, NO PALÁCIO GUANABARA, EM 8 DE MAIO DE 1943, A PROPÓSITO DO ATO DO GOVÊRNO BRASILEIRO DECLARANDO EXTINTA A DÍVIDA DE GUERRA DO PARAGUAI E POR MOTIVO DA ASSINATURA DO TRATADO DE COMÉRCIO E NAVEGAÇÃO E DO CONVÊNIO DE TURISMO)

SUMÁRIO

Tratado de Comércio e Navegação e Convênio de Turismo — Satisfação pela assinatura dêsses acordos quando as nações americanas se acham unidas em defesa de uma causa comum — Extinção da dívida de guerra do Paraguai — Alta e nobre significação dêsse ato do Govêrno do Brasil.

SENHOR PRESIDENTE HIGÍNIO MORÍNIGO

As palavras dê Vossa Excelência, tão sinceras e eloqüentes, a propósito dos acordos assinados e da extinção da dívida de guerra do Paraguai, tocaram-nos profundamente o coração pelas circunstâncias excepcionais em que foram proferidas, precisamente quando as nações americanas se acham unidas em defesa da mesma causa — a boa causa para a qual já vemos raiar o sol da vitória.

Disse Vossa Excelência que, ao percorrer nosso território, as manifestações de afeto que recebeu por onde passou e nesta capital demonstraram sobejamente como o ato praticado pelo meu Govêrno reflete o pensamento e as disposições fraternais do Povo Brasileiro.

A observação é verdadeira e justa, e eu posso, confirmando-a, dizer também a Vossa Excelência: — Felizes os governantes e felizes os povos que, em eventualidades dramáticas como as que vivemos, podem encerrar com uma penada um velho episódio da sua história, estendendo-se as mãos e abraçando-se amistosamente.

Campanha da borracha

(CIRCULAR AOS PREFEITOS, CONCITANDO-OS A EMPENHAR DECISIVOS ESFORÇOS PARA O ÊXITO DO "MÊS NACIONAL DA BORRACHA", A 29 DE MAIO DE 1943)

SUMÁRIO

A necessidade imperiosa de extrair borracha e mais borracha — Contribuição total do Brasil aos Aliados — Necessidade de nos provermos do material indispensável à vitória final — O aproveitamento completo da borracha — O problema nacional da borracha — Como o viu o Chefe do Govêrno na sua viagem ao Amazonas em outubro de 1940 — Importância atual da borracha — Conclamação para a campanha de "Mais borracha".

SENHORES PREFEITOS

Dentro do espírito de mútua colaboração com que se resolvem todos os problemas do Govêrno Nacional venho pessoalmente concitar-vos a dar todo o vosso entusiasmo em prol de uma iniciativa de decisiva influência sôbre a presente guerra.

Povo pacífico, fomos, entretanto, arrastados a esta luta sangrenta pela audácia de nossos inimigos, na defesa da nossa honra e da nossa liberdade. Desta forma, a nossa contribuição aos Aliados é total. Devemos prover-nos a nós mesmos do material indispensável à vitória final. E, tanto quanto precisamos do cristal de rocha, mica e outras matérias primas, temos necessidade urgente, inadiável, de borracha.

A borracha existe, em nossa terra, formando reserva incalculável. Falta, apenas, extraí-la, transformá-la, industrializá-la. Nossa missão é colhêr esta seiva — o "latex" que corre nos troncos da "hevea brasiliensis", da maniçoba, da mangabeira, espalhadas por vários pontos de nosso fértil solo.

Em minha viagem ao rio Amazonas, em outubro de 1940, tive ocasião de apontar aos brasileiros o problema nacional da borracha, que era, naquela data, apenas o da industrialização. Sugeri, então, que com o deslocamento das nossas indústrias para as proximidades dos centros de matérias primas, em breve a produção não bastaria para as fábricas já instaladas entre nós ou em vias de instalação. Hoje, o problema se apresenta incomparàvelmente mais grave. Não mais se trata de uma industrialização para as nossas necessidades pa-

cíficas, mas de produzir para o consumo gigantesco de uma guerra mundial. É o problema nosso e dos nossos aliados, aos quais devemos fornecer a borracha sôbre a qual rodarão as armas vitoriosas da liberdade. Requerem-se medidas extraordinárias, para as quais, mais uma vez, conto com o espírito de compreensão de todos os brasileiros. Ide, pois, Srs. Prefeitos, mobilizai os vossos concidadãos para a grande campanha da borracha. Eis por que resolvi proclamar o próximo mês de junho o "Mês nacional da borracha", como marco inicial de uma vigorosa campanha que durará até atingirmos os nossos derradeiros objetivos.

Convido-vos a contribuir pràticamente para o completo êxito do "Mês nacional da borracha", a que se dedicará todo o mês de junho próximo.

Junto a esta segue o plano que orientará a referida campanha e através de cuja leitura vos convencereis da importância de vossa colaboração. Conclamamos todos os brasileiros disponíveis a extrair "latex", onde se encontrar, por métodos técnicos e racionais. A vossa operosidade saberá acrescentar outras iniciativas de valor, tendentes à consecução dêste único fim: MAIS BORRACHA! Crede que, ao trabalhardes juntamente com vossos munícipes, estareis não só acelerando a marcha de nossa vitória, mas realizando obra civilizadora, de fixação do homem brasileiro ao seu solo. Repito o que já afirmei uma vez: "Vemos abrir-se, agora, à exploração sistemática um *hinterland* dos mais férteis e promissores, apenas desbravado e onde deverão expandir-se a energia, a perseverança e o trabalho de numerosas gerações". Extrair, agora, a nossa borracha é um imperativo do presente e um compromisso com o futuro.

Mês nacional da borracha

(MANIFESTO AO POVO BRASILEIRO, POR OCASIÃO DE INICIAR-SE A CAMPANHA NACIONAL DE UM MÊS EM FAVOR DE MAIS BORRACHA PARA A GUERRA, A 1.º DE JUNHO DE 1943)

SUMÁRIO

Manifesto ao Povo Brasileiro — Os recursos do país colocados à disposição das Nações Aliadas para as necessidades da guerra — O compromisso assumido pelo Brasil perante a América e o mundo — Respeitadores e amantes da liberdade, enfrentamos a luta que nos foi imposta por um adversário impiedoso e cruel — Necessidade da cooperação leal e decidida dos brasileiros em favor da Campanha da Borracha — A seiva que corre nos troncos da seringueira para apressar a nossa vitória — Apêlo aos municípios brasileiros no sentido de mais borracha para a Vitória.

BRASILEIROS

Fiéis à política continental, que sempre norteou as nossas atividades no Govêrno, assumimos, diante da América e do mundo, uma posição clara e definida, deixando à disposição de nossos aliados todos os recursos que a natureza nos prodigalizou.

Mais de que isso, porém, estamos agora unindo as nossas armas às dos nossos irmãos, em nome da honra nacional e na defesa dêsse patrimônio que representa a nossa forma de viver.

Com ânimo forte e cheio de inabalável fé em nossos gloriosos destinos, o Brasil, respeitador e amante da liberdade, enfrentou a luta que lhe impôs um adversário impiedoso e cruel.

Juntamente com os nossos aliados, vamos levar as nossas fôrças à vitória final. Mas, antes de atingirmos todos os objetivos, uma tarefa urgente nos aguarda: temos de ganhar a batalha da produção.

Com a mesma clareza com que me habituei a falar-vos, venho, neste momento, solicitar a vossa cooperação leal e decidida em prol da campanha que hoje se inaugura: a Campanha da Borracha.

Sabeis quão gigantesco é o desgaste de material na presente guerra. E entre êsses materiais alguns merecem o nosso especial cuidado, pela sua urgente necessidade. Êste é o caso da borracha, que entra em quase todos os equipamentos bélicos, em vultosas quantidades. Podeis imaginar o que é êsse consumo, lembrando-vos de que sòmente um bombardeiro pesado consome nada menos de 826 quilos de borracha.

As armas aliadas precisam de mais borracha, dessa borracha que existe, não só no extenso vale amazônico, mas em Mato Grosso, nesse rumo a Oeste e em vários outros pontos do território nacional, tanto nas seringueiras como nas maniçobas e mangabeiras. A seiva que corre nos troncos dessas árvores é, agora, necessária para apressar a nossa vitória.

Extraí borracha onde puderdes, de acôrdo com os planos que estão, hoje, sendo lançados, através de todos os municípios brasileiros, com a colaboração sincera dos vossos prefeitos.

A solidariedade dos vossos sentimentos garante o êxito desta campanha, que nos dará MAIS BORRACHA PARA A VITÓRIA.

Inauguro, pois, o "Mês nacional da borracha", a que ficarão consagrados êstes dias de junho, nos quais ides aumentar, poderosamente, o nosso esfôrço de produção.

A terra fluminense - centro de trabalho organizado e de progresso contínuo

(IMPROVISO AGRADECENDO O BANQUETE OFERECIDO EM CAMPOS, A 6 DE JUNHO DE 1943)

SUMÁRIO

Campos, cidade hospitaleira e centro de trabalho — Demonstração de civismo que reflete a alma heróica do próprio Povo Brasileiro — Nenhuma preocupação de atacar os homens do passado — Reconhecimento dos seus propósitos de bem servir ao país, embora nem sempre os resultados correspondessem às boas intenções — A ambição partidária e a retórica em detrimento dos problemas máximos da vida nacional — A economia de Campos em 1930 — As grandes usinas açucareiras hipotecadas, pagando juros de usura; a produção não aproveitando nem ao industrial, nem ao consumidor; as safras adquiridas por preços ínfimos — A ação do Govêrno Nacional para resolver os problemas fundamentais da economia campista — Reintegração da Baixada Fluminense na economia do Rio de Janeiro e do Distrito Federal — A criação do Instituto do Açúcar e do Álcool e a instalação das grandes destilarias — Renascimento da prosperidade fluminense — Persistir no trabalho, produzir e produzir mais — Satisfação pela íntima cooperação dos fluminenses com o Interventor Federal — Solidariedade do povo fluminense.

SENHORES

Sinto ainda a vibração dos calorosos aplausos com que me recebeu a generosa terra fluminense, desde a sua bela capital até esta hospitaleira cidade, centro de trabalho organizado e de progresso contínuo. Nas grandes concentrações urbanas e nos mais humildes vilarejos, as aclamações espontâneas, o entusiasmo acolhedor, a jovialidade franca e leal da população emocionaram-me profundamente. E essa emoção se renova e cresce agora, ao contemplar êste impressionante espetáculo popular e ao ouvir os cânticos cívicos da juventude campista, ressoando como clarinadas, numa conclamação corajosa e decisiva para a luta. Sentimos refletir-se admiràvelmente nesta demonstração de civismo sadio a alma heróica do próprio Povo Brasileiro, neste momento totalmente voltado para os destinos da Pátria, disposto ao esfôrço máximo pela sua defesa, estimulando a garbosa mocidade que acorre aos quartéis, destemerosa e altiva. Não podemos ter dúvidas, em face de tão vigorosas provas de sentimento patriótico, que saberemos enfrentar, na hora precisa, as asperezas e perigos da luta.

Devo responder, agora, aos vossos oradores. Nunca tive a preocupação de atacar os homens do passado. Ao contrário, sempre lhes reconheci os patrióticos propósitos e o desejo de bem servir ao país. Mas a realização dêsses propósitos nem sempre correspondia às boas intenções. As ambições partidárias faziam com que procurassem o povo para lisonjeá-lo e angariar clientela eleitoral. E, enquanto os políticos se debatiam no vazio da

retórica artificial, os problemas máximos da vida nacional permaneciam no esquecimento.

Ao assumir o Govêrno, em 1930, a economia de Campos estava desorganizada. As grandes usinas açucareiras, comprometidas com os créditos hipotecários, pagavam juros de usura. A produção não aproveitava ao industrial nem ao consumidor. Ia ter às mãos dos intermediários, arvorados em grandes produtores de açúcar, quando não plantavam um pé de cana, nem conheciam as instalações de uma usina. Adquiriam as safras pelo menor preço possível, jogando na baixa, e, após a alta, obtinham o máximo. Sacrificavam o industrial e extorquiam o consumidor, pela falta de aparelho de contrôle capaz de defender uns e outros. Por seu turno, o trabalhador, sem a garantia dos seus direitos, se esgotava nessas alternativas e sofria as contingências da instabilidade econômica. Nesta ubérrima região, a malária aniquilava os que tentavam o cultivo dos campos e as verminoses assolavam os rebanhos dos que se aventuravam a empreender a indústria pastoril. O Govêrno viu-se obrigado a enfrentar, por isso, os problemas fundamentais da economia de Campos. E não se deteve. Inicialmente, baixou os juros dos empréstimos. Em seguida, decretou o reajustamento econômico, reduzindo à metade os débitos dos usineiros sacrificados. Feito o saneamento econômico, cuidou do saneamento do solo e, voltando as vistas para a extensa Baixada Fluminense, começou a reintegrá-la na economia do Estado e do Distrito Federal. Em substituição dos favores monetários, de efeitos falhos, procurou garantir o consumo do produto e estabeleceu a obrigatoriedade da aquisição de certa percentagem de álcool sôbre a gasolina importada. Seguiram-se a criação do Instituto do Açúcar e do Álcool e a instalação das grandes destilarias. Hoje, o aumento da produção do álcool e as amplas possibilidades do seu emprêgo já permitem

pensar no estabelecimento de uma indústria autônoma, ao invés de subsidiária ou simples transformadora do excesso de açúcar. Poderíamos, assim, assegurar o uso regular e generalizado do álcool como carburante, aproveitando as contingências criadas pelas dificuldades dos transportes marítimos.

Foram essas as iniciativas fundamentais que o Govêrno Federal houve por bem tomar, sem a intenção de favorecer indivíduos ou grupos, disposto apenas a cumprir o dever do Estado, a quem incumbe a defesa da economia do país e de sua população laboriosa. Torna-se evidente o renascimento da prosperidade fluminense. O lema é, portanto, persistir no trabalho, produzir e produzir mais, certos de que nenhum esfôrço será inútil ao progresso geral.

Quero dizer-vos, agora, da satisfação com que observei a estreita e confiante cooperação do povo do Estado do Rio com o seu Interventor para realizar os objetivos comuns do engrandecimento da terra fluminense. Sou, aliás, testemunha do esfôrço, do entusiasmo e do carinho com que o vosso governante se dedica às tarefas da administração pública. A solidariedade com que o envolveis comprova o acêrto da sua escolha para tão alto pôsto e representa, ao mesmo tempo, um estímulo e uma prova de confiança na sua atuação governamental. Isto permite que os problemas do Estado sejam estudados e resolvidos com serena persistência e com os auspiciosos resultados conhecidos. No plano geral da administração fluminense nota-se constante e profícuo empenho no sentido de melhorar as condições da saúde pública, de desenvolver a educação, de incrementar a organização cooperativista da economia privada, de ampliar os meios de comunicação através da vasta rêde rodoviária que se está construindo

e, finalmente, de aproveitar a fôrça hidráulica, fornecendo energia barata às indústrias.

Confesso-me sinceramente reconhecido à solidariedade que me testemunhais. Exprimindo os meus agradecimentos, quero, ainda, dizer-vos que Campos me aparece como um límpido e fiel espêlho a refletir a imagem do Brasil grande e heróico. Olhando êsse espêlho, vê-se, na refração de seus raios, resumido e esplendente, todo o esfôrço do trabalho, da organização, da atividade laboriosa do Brasil.

Visita do Presidente da Bolívia ao Brasil

O Brasil e a Bolívia bons vizinhos e bons amigos

(DISCURSO PRONUNCIADO NO ITAMARATÍ, POR OCASIÃO DO BANQUETE OFERECIDO AO GENERAL ENRIQUE PEÑARANDA, PRESIDENTE DA BOLÍVIA, A 23 DE JUNHO DE 1943).

SUMÁRIO

O Brasil e a Bolívia ligados por tradições de estreito e pacífico convívio — A cooperação americanista orienta a conduta dos dois povos — Fatos históricos e contrastes geográficos como determinantes das afinidades brasileiro-bolivianas — O Brasil e a Bolívia com as mesmas responsabilidades no conflito mundial — Solução rápida dos assuntos de mútuo interêsse — A ferrovia Corumbá—Santa Cruz de la Sierra — O Altiplano irá dispor do pôrto de Santos para escoar os seus produtos e receber o necessário ao seu abastecimento — Os países sul-americanos já podem propor-se e resolver as questões relativas à sua articulação econômica — O momento de assentar as bases de uma política capaz de encarar construtivamente os grandes problemas da civilização no Novo Mundo — Lugar privilegiado da Bolívia no centro da América — Do Brasil tudo terá para o desenvolvimento do seu progresso — Entendimento modelar dos homens públicos das duas nacionalidades — A obra fecunda das chancelarias brasileira e boliviana.

SENHOR PRESIDENTE PEÑARANDA

A visita de Vossa Excelência é para nós motivo de grande e sincera satisfação. A Bolívia e o Brasil, bons vizinhos e bons amigos, possuem tradições de estreito e pacífico convívio e procuram consolidá-las com exemplos de compreensão fraternal e construtiva. Em tôdas as oportunidades a conduta dos nossos povos foi de espontânea e leal cooperação americanista. A contigüidade territorial permitiu-nos enfrentar muito cedo os problemas do progresso comum e os vamos resolvendo de forma inteiramente satisfatória.

As razões determinantes das nossas afinidades são, por certo, numerosas. Originam-se de fatos históricos, de contrastes geográficos e de imperativos econômicos. Sustentando idênticos princípios e idênticos compromissos na política externa, nunca como hoje nos sentimos tão próximos e tão unidos. O Brasil e a Bolívia assumiram as mesmas responsabilidades no conflito mundial e solidários com as Nações Unidas participam ativamente da luta pelo ideal da liberdade dos povos. Por conseguinte, tudo o que fizermos com o fim de reforçar a nossa cooperação resultará em benefício da causa comum e assegurará às nossas Pátrias vinculação mais firme e duradoura. Felizmente, estamos trabalhando quanto podemos e o melhor que podemos para dar solução rápida aos assuntos de mútuo interêsse. Apesar dos entraves resultantes da guerra, não foram interrompidos os trabalhos da ligação ferroviária que tantas possibilidades oferecerá ao nosso intercâmbio econômico e cultural. A ferrovia Corumbá—Santa Cruz de la Sierra já tem em tráfego um quarto do

seu percurso total e 400 quilômetros de leito prontos para receber trilhos. Mais um esfôrço, mais um impulso às nossas atividades, e o Altiplano disporá do pôrto de Santos para escoar os seus produtos e receber as manufaturas e gêneros indispensáveis ao seu abastecimento. O vosso país poderá contar, então, com uma saída franca pelo Atlântico, e, se as circunstâncias permitirem prolongar êste ramal até Vila-Vila, ficarão ligados os dois oceanos que banham as costas sul-americanas.

Não pode passar despercebido a quantos trabalham pela cooperação interamericana o valor dessa realização de alcance eminentemente prático. E' motivo de justo orgulho para todos nós que os países sul-americanos possam propor-se e resolver por si mesmos as questões relativas à sua articulação econômica. Os fatos indicam que é chegado o momento de assentar as bases de uma política ativa e realizadora, apta a encarar com espírito construtivo os grandes problemas da civilização no Novo Mundo. As terras vastas e férteis do Oeste precisam ser desbravadas e valorizadas, e só o conseguiremos empregando os melhores recursos da técnica e da ciência. Tôdas as nações que se solidarizaram na luta contra o predomínio da fôrça bruta e da conquista armada, que defendem a cultura e a civilização cristãs, devem esforçar-se por construir um mundo melhor, no qual haja idênticas oportunidades para todos os homens corajosos e trabalhadores.

A Pátria de Vossa Excelência, Senhor Presidente Peñaranda, ocupa lugar privilegiado no centro da nossa América. Com o correr dos anos e a nossa política de sadio continentalismo criaremos, seguramente, os escoadouros indispensáveis à sua expansão. Do Brasil tereis tudo quanto se faça necessário ao vosso progresso. Podeis dispor dos recursos ao nosso alcance, pois de vós queremos apenas boa vontade e cooperação.

O entendimento dos nossos homens públicos se tem revelado modelar; as comissões técnicas constituídas de membros dos dois países funcionam com pleno rendimento; os contactos culturais e comerciais se desenvolvem em ritmo crescente; as nossas chancelarias realizam obra de fecunda e compreensiva aproximação. O Ministro Tomás Elio, personalidade de relêvo internacional e velho amigo do Brasil, e o ministro Oswaldo Aranha ajustam os atos necessários ao incremento do nosso intercâmbio, concluindo negociações agora transformadas em tratados, que serão novos caminhos abertos ao engrandecimento comum.

SENHOR PRESIDENTE

Levanto a minha taça pela felicidade pessoal de Vossa Excelência e de seus ilustres companheiros e auxiliares e saúdo em nome do Povo Brasileiro a nobre Nação Boliviana, augurando-lhe dias de glória e prosperidade.

O Chefe de Estado da Bolívia no Brasil

(IMPROVISO RESPONDENDO À SAUDAÇÃO DO PRESIDENTE ENRIQUE PEÑARANDA, POR OCASIÃO DO BANQUETE OFERECIDO NA EMBAIXADA DA BOLÍVIA, EM 27 DE JUNHO DE 1943)

sob o n.º
25126

SUMÁRIO

A satisfação de agradecer a saudação do Presidente Peñaranda na Embaixada do seu país e na capital do Brasil, sob a bandeira tricolor da Bolívia — O contacto do Chefe de Estado Boliviano com as classes armadas, a imprensa, o meio universitário, as instituições culturais, enfim, com o Povo Brasileiro — A sólida e carinhosa amizade dos dois países — Tudo faremos para reforçar a união brasileiro-boliviana — Deliberado e persistente empenho para facilitar o comércio de mercadorias e de idéias — Os povos podem viver respeitando-se e auxiliando-se — O exemplo do Brasil e da Bolívia — O êrro dos países que se fecharam em autarquias agressivas — O desenvolvimento econômico não deve ser tido como preocupação principal dos governos — Esfôrço do Brasil e da Bolívia no sentido de se compreenderem e estimarem cada vez mais — A visita do Presidente Peñaranda confirma a tradicional amizade brasileiro-boliviana.

SENHOR PRESIDENTE PEÑARANDA

Constitui para mim uma honra e particular satisfação agradecer a Vossa Excelência a saudação que me dirigiu dentro de sua Embaixada e na capital do meu país, debaixo da bandeira tricolor, símbolo da soberania e das glórias da Bolívia.

Vossa Excelência, durante a sua curta estada em nossa terra, pôde entrar em contacto com as classes armadas, com a imprensa, com o meio universitário, com as instituições culturais, com o povo do Brasil, e, pelas manifestações espontâneas e sinceras que recebeu, verificou quanto é sólida e carinhosa a amizade dos nossos dois países. Ela tem raízes profundas em tradições de compreensão política e de colaboração econômica. E tudo faremos para reforçar esta união, torná-la mais firme, mais viva, mais útil. Eis o trabalho a que nos consagramos neste momento. As nossas chancelarias, ìntimamente ligadas, empenham-se, num ambiente de perfeita fraternidade, em aperfeiçoar o nosso comércio já existente de mercadorias e de idéias e em ampliá-lo através de novos tratados e convênios.

Damos desta forma, Senhor Presidente, um exemplo que, sem vaidade, podemos destacar. Mostramos como os povos podem viver respeitando-se, auxiliando-se e em paz. Assim desejamos seja o mundo de amanhã: um mundo igual ao nosso, baseado na liberdade, na justiça, no entendimento.

Realmente, seria iniqüidade que, depois de tanto sangue derramado, depois de tanto sacrifício de vidas e de

bens, voltássemos ao regime que provocou a conflagração mundial.

O inesperado fim da anterior conflagração não permitiu, talvez, que se tivessem a calma e a reflexão necessárias para pesquisar com segurança as causas que a provocaram a fim de as suprimir e criar um mundo melhor, onde houvesse menos sofrimentos. Em vez disto, o que se viu foi agravarem-se os motivos de dissídios e discórdias. Os países exacerbados por nacionalismos exaltados e imperialistas fecharam-se em autarquias de tôda natureza, vedando qualquer colaboração, intercâmbio ou aproximação de boa fé. A produção das utilidades decaía por falta de consumidores; destruíam-se quantidades incríveis de produtos indispensáveis à vida e, enquanto isso acontecia, massas humanas definhavam subnutridas ou morriam de fome.

Não soubemos ou não tivemos tempo de aproveitar a lição que a conflagração nos devia ter proporcionado. E por isso assistimos, desolados, ao espetáculo de tristezas e de misérias que se desenrola aos nossos olhos. Mas, há evidentes sinais de que não reincidiremos no êrro. Já as nações vitoriosas procuram entrar em entendimentos, a fim de prover, no futuro, adequada organização de acôrdo com princípios sãos de liberdade e de justiça. E, como chegaremos a êsse resultado? Reconhecendo que o desenvolvimento econômico não deve ser tido como preocupação principal dos governos e deve subordinar-se a uma finalidade social.

E' preciso, pois, organizar a economia dentro dessa concepção e firmar a fraternidade dos povos pela colaboração e pelo comércio pacífico, suprimindo, custe o que custar, as tiranias e os imperialismos.

O CHEFE DE ESTADO DA BOLÍVIA NO BRASIL

SENHOR PRESIDENTE

A Bolívia e o Brasil sempre se compreenderam e estimaram e a amizade que os liga baseia-se, precisamente, nestas normas salutares de conduta internacional. A presença de Vossa Excelência entre nós, trazendo-nos a sua honrosa visita, veio avivar esta amizade, que desejamos aumentada e desenvolvida em benefício das nossas Pátrias.

Ergo a minha taça pela felicidade pessoal de Vossa Excelência e pela prosperidade do nobre Povo Boliviano.

As comemorações da Independência Nacional e a entrada do Brasil na guerra

(DISCURSO PRONUNCIADO NO ESTÁDIO DO "VASCO DA GAMA", POR OCASIÃO DA "HORA DA INDEPENDÊNCIA", A 7 DE SETEMBRO DE 1943)

SUMÁRIO

Evocação das glórias do passado e consciência das responsabilidades da hora presente — O Povo Brasileiro convidado a atender ao apêlo das armas — A têmpera excelente e o ardor combativo da gente moça do Brasil — Problemas de equipamento para a guerra moderna — A frente interna — Não desperdiçar fôrças em tarefas secundárias — Colocar o Brasil em posição de colaborar com as nações vitoriosas — Preparados para enfrentar os acontecimentos — As medidas previdentes adotadas pelo Govêrno Nacional — Fechamento das organizações políticas e estrangeiras e proibição do uso dos seus símbolos e emblemas — O golpe de 11 de maio, represália dos governos nazistas e por êles subsidiado — Tudo articulado e caminhando dentro das diretrizes de uma completa mobilização para a guerra — Confiança na consciência patriótica de cada brasileiro — Repúdio a quaisquer atos e palavras de fraqueza ou derrotismo — As exigências do bem-estar popular e da ordem interna — Combate ao encarecimento da vida — Viver dignos e construir pacificamente a nossa prosperidade — Exortação aos brasileiros.

BRASILEIROS

O ano cento e vinte e dois da Independência encontra-nos empenhados numa luta decisiva para os destinos da Pátria.

As solenidades promovidas para celebrar êsse magno acontecimento não podem, por isso, limitar-se às simples expansões de regozijo cívico. Somos obrigados a lembrar, com as glórias do nosso passado, as graves responsabilidades dos dias presentes, os deveres e os compromissos que nos cabem na defesa da dignidade nacional.

Decorreu há pouco o primeiro aniversário da entrada do Brasil na segunda guerra mundial e já podemos avaliar quanto isso nos custa como sacrifício de vidas e de bens.

Felizmente, o Povo Brasileiro, bravo, altivo, cioso de sua honra, tem correspondido de modo edificante ao apêlo das armas. A juventude, idealista e corajosa, sabe qual é o seu dever e acorre pressurosa ao chamado da Pátria. Em tôda parte, nos quartéis e nas fábricas, nas cidades e nos campos, o trabalho e a preparação bélica obedecem ao mesmo ritmo acelerado. As fôrças de terra, do mar e do ar aprestam-se ràpidamente para a luta, e já têm revidado, com denôdo e vigor, os golpes traiçoeiros do inimigo.

O ânimo combativo da gente moça do Brasil é de excelente têmpera. Vibra nas manifestações de exaltação patriótica e se retrata na massa excepcional do voluntariado. As únicas dificuldades encontradas na mobilização pessoal consistem no selecionamento dos mais aptos e dos menos necessários à vida econômica do país.

Podemos desassombradamente afirmar que os nossos problemas bélicos não são problemas de homens; êstes sobram, prontos a combater. Precisamos apenas de equipamento indispensável à guerra moderna. Mas também a êsse aspecto material vamos fazendo face com o auxílio eficiente dos nossos leais e valorosos aliados da grande Nação industrial americana.

Dispondo de uma frente interna sólida, cumpre-nos sòmente não desperdiçar fôrças em tarefas secundárias; porque o objetivo supremo é ajudar a ganhar a guerra e colocar o Brasil em posição de colaborar com as nações vitoriosas no restabelecimento da paz.

Não há, nem pode haver para nós, nas circunstâncias atuais, preocupação de maior relevância. O homem cuja casa está próxima a um grande incêndio não pode pensar noutra coisa que não seja apagá-lo. Qualquer desvio de atenção, quaisquer discussões com outros objetivos são condenáveis e nocivos. Vencer militar, política e econômicamente — deve ser o nosso alvo exclusivo e, para atingi-lo, nenhum sacrifício deve parecer demasiado no presente, porque estamos defendendo o próprio futuro da Pátria.

Os acontecimentos, por sorte, não nos colheram de surprêsa. Estávamos moralmente preparados para enfrentá-los, não só pelo revigoramento das energias cívicas como pelas medidas de caráter governamental adotadas em momento oportuno. Não irrompera ainda o conflito e apenas se pronunciava a tremenda catástrofe já o Govêrno do Brasil se colocàra em condições de reagir contra a infiltração totalitária. Em 1938, poucos meses decorridos da instauração do regime de 10 de Novembro, decretávamos o fechamento das organizações estrangeiras de caráter político e proibíamos o uso de seus símbolos e emblemas, anulando por êste e outros meios a propaganda dissolvente que visava transformar em traidores

da Pátria os descendentes de naturais dos países eixistas. A tal ponto a medida foi desagradável que os governos em causa, além de formularem protestos diplomáticos, cuidaram de subsidiar e insuflar, em represália, o golpe de 11 de maio, com o propósito deliberado de exterminar o Chefe do Govêrno e os seus auxiliares.

O malôgro dessa tentativa de brutal trucidamento forneceu-nos o ensêjo de mostrar à Nação o perigo que a ameaçava e levou-nos a enfrentar enèrgicamente, nas suas atividades subterrâneas, a ação do quintacolunismo e da sabotagem, com a segregação dos elementos ligados aos agentes mercenários da traição. Quando resolvemos declarar guerra às nações que por atos de verdadeira pirataria afrontaram a soberania nacional e imolaram numerosas vidas de brasileiros já estava quebrada a espinha dorsal das organizações de espionagem, restando apenas extinguir os focos alimentados à sombra de imunidades decorrentes das praxes internacionais.

Na hora atual, depois de curto período de preparação, tudo se articula e caminha dentro das diretrizes da completa mobilização para a guerra. Se os nossos soldados tiverem de participar de operações fora do Continente não lhes faltarão condições morais e materiais para combater com eficiência e heroísmo.

E' possível que em meio ao ruído do trabalho construtivo apareçam de vez em quando vozes desencorajadoras e pessimistas. Isso costuma acontecer em tôdas as conjunturas históricas difíceis. Nos períodos graves da vida dos povos há sempre os heróis que se sacrificam com alegria e os imediatistas preocupados com as comodidades e vantagens pessoais, esquecidos de que os males que recaírem sôbre a coletividade arruinarão a todos. Acreditamos que nenhum brasileiro seja capaz de fugir aos mandamentos da consciência patriótica e que a conduta de cada um, particularmente ou em público, há de ser de

repúdio completo a quaisquer atos e palavras de fraqueza ou derrotismo.

Em plena luta, ao lado dos nossos aliados, correndo os mesmos riscos, a serviço dos mesmos princípios claramente definidos na Carta do Atlântico, só essa luta nos deve preocupar, sendo desperdício de tempo e de energias formular prognósticos sob as formas e processos de reorganização do mundo. Ninguém pode, a esta altura dos acontecimentos, prever com segurança os rumos que tomarão os povos atualmente açoitados pelo terrível flagelo da guerra.

Cuidemos, portanto, do que é essencial e urgente: vencer a guerra e preparar o país para fortalecer a sua independência política e completar a sua independência econômica. Os problemas internos de estrutura definitiva do Estado, de complementação da ordem institucional, serão resolvidos em tempo com o pronunciamento amplo de tôdas as fôrças sociais. Numa situação de emergência como a que atravessamos, com tantos imperativos de segurança a atender, não é possível existir ambiente de serenidade, apropriado à livre manifestação da opinião, permitindo realizar obra duradoura e útil. Todos compreendem isto, excetuados, talvez, os impacientes e os saudosistas das agitações estéreis. A êsses não seria demais perguntar: Que haveis feito pelo povo e pela Nação em vastos e tranqüilos períodos de vida pública? Que medidas ou projetos de interêsse geral haveis promovido? Seguramente, emudeceriam ou responderiam com sofismas político-partidários, com os velhos e desacreditados chavões demagógicos. A liberdade que desfruta o Povo Brasileiro para viver, prosperar e promover a sua felicidade não é superada por nenhum outro povo atingido pelas dificuldades e provações da guerra.

Convém acentuar, para melhor compreensão das nossas responsabilidades no momento, que o poder público,

além das imperiosas questões atinentes à defesa nacional, precisa atender às exigências do bem-estar popular e da ordem interna. Combater o encarecimento da vida; melhorar a remuneração do funcionalismo e dos trabalhadores no comércio e na indústria; retirar o maior proveito possível dos transportes; evitar o açambarcamento e as explorações dos aproveitadores: estas e muitas outras tarefas constituem programa de ação imediata e enérgica. E, sobretudo, produzir mais e mais, nas fábricas e na lavoura, a fim de têrmos quanto baste ao suprimento crescente das necessidades da guerra. Tudo isto vai sendo feito sem descontinuar ou retardar os grandes empreendimentos que nos permitirão dar nova estrutura econômica ao país, baseada no aço, no carvão e no petróleo.

O confronto entre os resultados da política de isolamento, de barreiras econômicas e raciais, e a cooperação franca e leal entre as nações não deixa dúvidas sôbre a sorte reservada aos imperialismos de conquista e dominação pela fôrça. Nos grupos sociais reduzidos, como nos enormes agrupamentos políticos que formam os Estados, a interdependência é lei inflexível. As pretensões autárquicas, as veleidades de hegemonia, receberam golpe mortal com a espantosa tragédia dos nossos dias. O sentido humano da vida exige e impõe a colaboração; o progresso técnico contemporâneo afasta a simples possibilidade de subsistir sem os outros ou contra os outros.

Pela nossa parte, o que desejamos é viver dignos, construir pacìficamente a nossa prosperidade, resguardar a nossa soberania e respeitar a das demais nações, mantendo a nossa tradicional política de cooperação e de acolhimento fraternal aos homens de boa vontade, dispostos a servir ao Brasil e a acatar as suas leis. Nas faixas de território até agora escassamente povoadas, no Centro, no Oeste e no Norte, preparamos grandes núcleos de no-

vas explorações, capazes de absorver milhões de trabalhadores, principalmente agricultores, artesões e técnicos que procurem a paz no labor honesto e o progresso na ordem.

BRASILEIROS

O Brasil é um povo de civilização cristã, cujos fundamentos assentam nas virtudes mestras da tolerância, do respeito e da magnanimidade.

Livre de preconceitos, apreciando os homens em função do seu valor social, não alimenta ódios, não cultiva ressentimentos nem prevenções. A nossa conduta internacional constitui um apêlo constante ao uso de meios suasórios, de fórmulas de aceitação unânime, sem pretensões a interferir na vida dos outros povos. O que dêles queremos é o que amplamente lhes oferecemos: cooperação franca, relações amistosas, maior intercâmbio material e cultural, em proveito comum. Esta é a linha invariável da nossa convivência continental; estas são as nossas sinceras disposições em relação a tôdas as nações civilizadas.

Mais uma vez, na gloriosa data da Independência, temos a satisfação de acolher como hóspedes de honra figuras representativas de países irmãos. O Chanceler Fernandez y Fernandez, o General Vicente Machuca e as suas ilustres comitivas trazem à nossa celebração a presença oficial da grande Pátria Chilena e da nobre Nação Paraguaia.

Exorto o Povo Brasileiro, sempre disposto a lutar pelas grandes causas, a permanecer unido e vigilante, completamente devotado ao esfôrço heróico dos últimos tempos e ao engrandecimento da Pátria.

Visita ao Rio Grande do Sul

O esfôrço progressista dos fazendeiros de Uruguaiana

(IMPROVISO NO ALMÔÇO OFERECIDO PELA SOCIEDADE PASTORIL DE URUGUAIANA, NESSA CIDADE, A 7 DE OUTUBRO DE 1943)

SUMÁRIO

Palavras de simpatia pelo trabalho dos criadores de Uruguaiana e pela Exposição de Animais e Produtos Derivados — O desenvolvimento do crédito aos fazendeiros — O objetivo da fundação do Banco do Rio Grande do Sul — A carteira comercial e a de crédito agrícola — Considerações a propósito da participação do Brasil na guerra — Necessidade da manutenção de dois exércitos: o das fôrças militares mobilizadas e o da retaguarda — A Legião Brasileira de Assistência — Aplausos aos fazendeiros que se dedicam à criação de gado — Cultivar a terra é também um modo de servir ao Brasil em guerra.

SENHORES

Antes de retirar-me quero dirigir-vos algumas palavras de simpatia e de aplauso à festa de vosso trabalho, que se reflete no quadro magnífico desta exposição, produto do esfôrço dos fazendeiros progressistas de Uruguaiana e municípios vizinhos.

Já tendes conhecimento, pela palavra eloqüente do vosso intérprete, de tudo quanto o Govêrno tem feito e poderá ainda fazer no sentido de amparar a classe agrícola do país, especialmente com referência a Uruguaiana. Disse êle que entre as aspirações dos criadores dêste município se conta a do alargamento do crédito aos fazendeiros, com prazos longos e juros módicos, suprimindo-se as exigências restritivas e morosas que entravam a expansão dos negócios.

Quando exerci a Presidência do Estado fundei exatamente com êsse objetivo o Banco do Rio Grande do Sul, o qual, além da Carteira Comercial, mantinha a de Crédito Agrícola e Hipotecário, destinada a conceder empréstimos nessas condições, mediante garantia da propriedade imobiliária. Infelizmente, sobreveio a crise econômica de 1929 e impediu o desenvolvimento do plano estabelecido, que pode ser agora retomado e executado, desde que a referida carteira funcione em combinação com o Banco do Brasil, através da Carteira de Redescontos, que fornecerá os recursos necessários a tais operações.

Cumpre-nos considerar que o Brasil se acha em guerra e precisa, por isso, de dois exércitos. Um dêles é constituído pelas fôrças militares prontas para entrar em luta quando fôr necessário. Quanto a êste o Govêr-

no tudo faz para que nada lhe falte. A Legião Brasileira de Assistência foi criada para amparar, por sua vez, as famílias dos soldados, que não devem sofrer necessidades por causa da ausência de seus chefes, impedidos de trabalhar. O outro exército forma a retaguarda da Nação mobilizada. Cabe-lhe conseguir a vitória na batalha da produção, que assegurará os suprimentos indispensáveis aos brasileiros empenhados em fazer a guerra.

Os fazendeiros que se dedicam à criação de gado desenvolvem indiscutìvelmente louvável esfôrço de cooperação patriótica. E o Govêrno, cumprindo promessa feita, presta-lhes auxílio eficiente, possibilitando a ampliação das instalações onde se expõem os produtos selecionados, demonstrando a melhoria dos rebanhos da zona. E' preciso, entretanto, nas circunstâncias atuais, não limitar as atividades exclusivamente à pecuária. O criador deve também plantar a terra, produzir cereais e gêneros de alimentação. Para isso lhes dará o Govêrno a indispensável assistência técnica e financeira. Todo aquêle que dispõe de um pedaço de solo e não o cultiva falta ao seu dever para com o Brasil, deixa de contribuir para o esfôrço de guerra e, mais ainda, agrava o encarecimento da vida. Quem podendo não planta pelo menos para o próprio consumo tem que o adquirir de outros, e até no estrangeiro, elevando o preço dos gêneros de primeira necessidade.

Eis o conselho que vos quero dar neste momento: — Cultivai a terra; plantai de tudo; aproveitai os vossos campos. Assim, sem usar armas, tereis cumprido o vosso dever, combatendo também pelo Brasil.

Com os meus agradecimentos pelas vossas manifestações cheias de afeto e vibração cívica, saúdo os valorosos e progressistas cidadãos de Uruguaiana, flor da gauchada dêstes pagos.

A cooperação de Uruguaiana para o progresso do Estado

(IMPROVISO RESPONDENDO À SAUDAÇÃO DO INTERVENTOR FEDERAL, POR OCASIÃO DO BANQUETE OFERECIDO NO CLUBE COMERCIAL, EM URUGUAIANA, A 7 DE OUTUBRO DE 1943)

SUMÁRIO

Uruguaiana vive nas recordações do estudante, do advogado e do homem público — O encontro com o Presidente Agustin Justo e o nobre gesto do general argentino colocando a sua espada a serviço da defesa do Brasil — Impressão das manifestações recebidas — O gado e os campos do município considerados dos melhores do Rio Grande — Desenvolver a agricultura seguindo orientação técnica — Cuidados pela saúde e educação das novas gerações para a formação de um Brasil maior e melhor.

SENHORES

Rever Uruguaiana equivale a recordar de algum modo parte da minha existência. Desde os tempos de estudante, mais tarde, no exercício da minha profissão ou nas atividades da vida pública, aqui estive e convivi com grandes amigos, muitos desaparecidos dentre os vivos e outros ausentes em lugares distantes. Uruguaiana é, portanto, uma das fortes e permanentes impressões da minha vida.

Na penúltima vez que a visitei lançávamos o marco fundamental da ponte destinada a unir o Brasil à Argentina. Avistei-me, então, com o Presidente Agustin Justo, que anos depois nobre e dignamente colocava sua espada a serviço da defesa do Brasil, num gesto que a história registrará, gravando-o indelèvelmente na memória de todos os brasileiros.

O entusiasmo e o carinho com que me recebestes não podia causar-me surprêsa. Exterioriza sentimentos de nobreza e hospitalidade que sempre encontei entre vós.

As comemorações do centenário de Uruguaiana deram ensêjo a uma verdadeira concentração do que o Rio Grande possui de mais representativo na sua vida social e econômica. As festividades realizadas tiveram também a presença de delegações de três países vizinhos e amigos. Uruguaianenses ilustres, afastados do torrão natal, vieram especialmente assisti-las e entre êles vejo o General Valentim Benício da Silva, Comandante da 3.ª Região Militar, e o Embaixador Batista Luzardo, chefe da nossa missão diplomática no Uruguai.

Não posso ocultar a satisfação com que acompanhei as manifestações de entusiasmo e vibração cívica promovidas para celebrar tão magno acontecimento na vida desta histórica e valorosa cidade fronteiriça. O desfile militar a que todos assistimos com admiração patriótica foi de certo modo uma digna evocação dos feitos que imortalizaram nestas lindes extremas da Pátria tantos vultos gloriosos da nossa história militar. A população civil, a juventude das escolas e a graça das mulheres uruguaianenses emprestaram às festividades um colorido e uma extensão verdadeiramente surpreendentes.

O Município de Uruguaiana é um dos mais ricos do Estado pela qualidade dos seus campos e gados selecionados, dispondo de um rebanho de quase meio milhão de cabeças. A sua Associação Rural é das mais empreendedoras e, por isso mesmo, o Govêrno vai destinar-lhe verba orçamentária para ampliar e melhorar as instalações do seu recinto de exposições. E' uma forma de premiar o cuidadoso trato dos uruguaianenses com as coisas da terra — as lavouras prósperas e os rebanhos finos. Sob o aspecto econômico não pode ser mais promissora a contribuição desta gleba gaúcha. Os seus filhos trabalham pelo progresso local e, sob o aspecto moral, descubro também aqui grandes reservas de civismo e patriótica dedicação.

Agradeço, uruguaianenses, o vosso caloroso aplauso e as saudações trazidas pelo Interventor Tenente-Coronel Ernesto Dorneles, que acaba de assumir o Govêrno do Estado com as mais sinceras disposições de trabalho e entre manifestações de confiança da coletividade riograndense, que tudo deve esperar da sua atuação administrativa e alto senso patriótico.

A Trigésima Exposição-Feira de Bagé

(IMPROVISO INAUGURANDO, NA SEDE DA ASSOCIAÇÃO RURAL, DE BAGÉ, A TRIGÉSIMA EXPOSIÇÃO-FEIRA DE GADO E AGRADECENDO AS MANIFESTAÇÕES POPULARES RECEBIDAS, A 11 DE OUTUBRO DE 1943)

SUMÁRIO

Bagé figura entre os municípios mais prósperos e progressistas da fronteira sul do Estado — A oportunidade de chegar a tempo de inaugurar a exposição organizada pela Associação Rural — O certame de 1943 testemunha o adiantamento da pecuária bageense — O desenvolvimento econômico do município — A campanha pelo aprimoramento da cultura de trigo no Rio Grande — Sôbre a Associação Rural de Bagé.

SENHORES

Desejava há muito conhecer Bagé e hoje tenho a grata oportunidade de satisfazer essa antiga aspiração.

Ocupando larga e fértil faixa fronteiriça, com características próprias, a terra e a gente bageenses sempre me mereceram espontânea e sincera simpatia.

Já sabia perfeitamente que Bagé era um dos nossos municípios mais prósperos e progressistas. O desenvolvimento de sua pecuária, orgulho de numerosos criadores e estancieiros empenhados em aperfeiçoá-la, despertava em mim forte interêsse. Circunstâncias fortuitas, estranhas à minha vontade, desviaram-me, porém, do deliberado propósito de visitar-vos há mais tempo.

Estava informado de que todos os anos, no segundo domingo de outubro, se realizava a Exposição-Feira de Bagé e diversas vêzes planejei assisti-la. Hoje, finalmente, me vejo entre vós e com isso me regozijo. Verifico quanto avançastes para melhor na seleção dos gados que enriquecem êste privilegiado recanto gaúcho. E verifico ainda com maior prazer como é vibrátil e afetiva a alma do povo bageense, de tradições tão elevadas, com rasgos de generosidade e bravura que nos enchem de justo orgulho.

Na Presidência do Estado e como Chefe do Govêrno Nacional nunca perdi de vista as vossas atividades. Os homens animosos que aqui trabalham e prosperam contaram sempre com o meu apôio para levar a cabo empreendimentos e iniciativas de interêsse geral.

A Associação Rural de Bagé desfruta de grande prestígio entre os nossos criadores. E' uma entidade com

longa e proveitosa atuação em benefício da pecuária do sul do Estado. Justifica-se, por isso, que aspire organizar-se cada vez melhor, dispondo de instalações mais amplas e completas. Como estímulo ao trabalho realizado e à ampliação do espírito associativo, o Govêrno Federal fará construir o novo parque destinado às suas acreditadas e concorridas exposições.

Era o que desejava dizer aos bageenses hoje reunidos na sede desta associação, agradecendo as manifestações de aprêço e o carinhoso acolhimento que me fizeram.

Bagé e o seu crescente desenvolvimento

(IMPROVISO AGRADECENDO O BANQUETE OFERECIDO PELA MUNICIPALIDADE NA SEDE DA ASSOCIAÇÃO RURAL, EM BAGÉ, A 11 DE OUTUBRO DE 1943)

SUMÁRIO

Bagé vista na realidade, superior ao que fôra imaginado — Sensação risonha e acalentadora ao penetrar na cidade — Exemplo de disciplina, ordem, garbo e aparelhamento militar — O entusiasmo da população civil — Visitas feitas — A Estação Fitotécnica da Fronteira — As charqueadas e os saladeiros — O Brasil na guerra — A falta de combustível e a deficiência de transportes — O máximo esfôrço de todos para elevar a produção pecuária e agrícola — Na atual guerra os brasileiros nada têm a temer — O Brasil confia no presente e enfrenta corajosamente o futuro — Saudação à sociedade bageense.

SENHORES

Na expressiva homenagem que me é prestada pela Municipalidade de Bagé vejo repetir-se o mesmo carinhoso acolhimento que encontrei ao atravessar entre aclamações populares as esplêndidas avenidas desta bela cidade.

Foi um dia feliz, luminoso e inesquecível, êsse em que desci do avião para pisar a generosa terra bageense. Sôbre a vasta cidade, rodeada de colinas floridas pela primavera, o meu olhar pairou por alguns instantes surprêso e embevecido, enchendo-se de imagens risonhas e confortadoras. O espetáculo se completou ao assistir depois à parada da juventude e ao desfile das corporações militares, realizados com garbo e imponência sob os aplausos da população civil exultante de entusiasmo cívico.

Já percorri os principais objetivos da minha visita. Fui ao parque da Associação Rural, onde se realiza anualmente o seu tradicional certame; almocei na Fazenda Experimental, onde se selecionam raças ovinas, vacuns e cavalares; estive na Estação Fitotécnica da Fronteira, onde se aprimoram os tipos de trigo nacional, cultura por nós transformada numa realização vitoriosa; passei entre grandes charqueadas e saladeiros.

Levo de tudo o que vi e examinei uma forte impressão de ordem e trabalho fecundo, mas levo também, guardada no coração, a contagiosa afetuosidade com que o povo bageense me cercou por tôda parte.

As dificuldades da guerra, sobretudo as que dizem respeito ao transporte, não foram aqui causa de desânimo para o esfôrço de elevar ao máximo a produção pe-

cuária e agrícola. Os homens corajosos costumam sobrepor-se aos obstáculos, vencendo-os e marchando para a frente. Isso fizestes e o reconheço com sincera alegria patriótica.

Todos sabemos que a guerra exige sacrifícios e o Brasil vem suportando-os com exemplar devotamento. A vitória há de compensar-nos com os benefícios da paz e do labor tranqüilo. Se a guerra atual tem por fim tornar a humanidade melhor num mundo também melhor, cumpre-nos resistir com estoicismo e serena confiança às suas perturbações violentas e inevitáveis.

Agradecendo a saudação que me foi dirigida pelo sr. Prefeito, levanto a minha taça em honra da sociedade bageense, tão bem representada neste recinto pelos seus elementos mais significativos e expressão legítima de trabalho fecundo e dignidade cívica.

O espírito progressista das classes conservadoras de Pelotas

(IMPROVISO AGRADECENDO A GRANDE MANIFESTAÇÃO DE APRÊÇO DAS CLASSES CONSERVADORAS DE PELOTAS, NA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DA CIDADE, A 12 DE OUTUBRO DE 1943)

SUMÁRIO

A manifestação de aprêço das classes conservadoras de Pelotas e a saudação do representante da Associação Comercial — Reconhecimento dos serviços prestados pelo Govêrno Nacional — Significação das manifestações espontâneas do povo pelotense — O desenvolvimento da pecuária — Conseqüências da transformação do país de produtor de matérias primas em industrializador dos seus recursos naturais — A inauguração da Escola Técnica e a linha ferroviária que ligará Pelotas ao oeste do Rio Grande — A construção da barragem do rio Camaquam grande empreendimento destinado a produzir fôrça hidráulica e energia barata — A política do Govêrno Nacional não admite luta de classes e procura assegurar o equilíbrio e colaboração de tôdas — Nova mentalidade das classes conservadoras transformadas em elementos de cooperação governamental — Assistência e amparo econômico do trabalhador.

SENHORES

A manifestação das classes conservadoras de Pelotas constitui mais um motivo de íntimo contentamento entre os muitos que venho recolhendo no decorrer desta minha agradável viagem pelo Rio Grande do Sul. Mostra o calor e a sinceridade de sentimentos de uma gente habituada a exteriorizar sem temor o que pensa e o que sente. Fala-me, por isso mesmo, diretamente ao coração e recebo-a desvanecido e confortado.

O digno intérprete da Associação Comercial de Pelotas acaba de referir lealmente os serviços prestados pelo meu Govêrno à terra pelotense. Não foram numerosos por certo, nem tão extraordinários me parecem diante do muito que desejaria fazer pelo progresso e bem-estar de todos os meus conterrâneos.

Na vida do homem público que se orienta num sentido reto e justo há sempre momentos que compensam os sacrifícios e as incompreensões, e êsses momentos êle os encontra ocasionalmente na espontaneidade das expansões populares. E' o que me aconteceu ao entrar em contacto com o nobre e valoroso povo pelotense.

Pelotas não é só uma das mais encantadoras cidades do Rio Grande. E' também um rico e ativo núcleo de trabalho. A pecuária preponderou durante muito tempo no conjunto das suas atividades produtoras. Lançou-se depois aos empreendimentos industriais e nêles começa a aplicar reservas apreciáveis e capacidades comprovadas. E' ainda sob êsse aspecto um núcleo de trabalho promissor, procurando antecipar-se à rápida transformação que se opera na vida econômica do país, que

de mero produtor de matérias primas passa a industrializador dos próprios recursos naturais.

A compreensão inteligente dessa mudança em nossos processos de produção ressalta do interêsse despertado pela inauguração da Escola Técnica destinada a formar auxiliares para a indústria da região. A circunstância excepcional de possuir um pôrto de fácil acesso à navegação marítima, servido por ligações ferroviárias que se completarão com a linha que ligará Pelotas ao oeste do Rio Grande, é mais um fator favorável a influir decisivamente no desenvolvimento das suas atividades manufatureiras. Mas há mais ainda a registrar sôbre as possibilidades do progresso pelotense. Aproveitando a oportunidade quero dar-vos, nesse sentido, uma auspiciosa notícia. Entre os empreendimentos que o Govêrno Federal vai iniciar em breve, com o fim de criar para o Rio Grande do Sul mais amplas e seguras condições de desenvolvimento econômico, figura precisamente a construção da barragem do Rio Camaquam, que virá proporcionar a Pelotas, Rio Grande e Bagé, fôrça hidráulica e portanto energia barata. Pelotas está assim fadada a ser um dos maiores empórios industriais do sul do Estado.

A riqueza é sempre produto do esfôrço humano e os homens aqui sabem esforçar-se para conquistá-la. Devem, porém, lembrar-se que não há coletividade rica onde a fortuna se concentra nas mãos de poucos. As classes menos favorecidas precisam usufruir igualmente os bens da civilização, que só ficam ao seu alcance quando dispõem de recursos para adquiri-los. A política do Govêrno Nacional não admite a luta de classes, nem o predomínio de umas sôbre outras. Procura estabelecer e assegurar o equilíbrio e a colaboração de tôdas para o bem geral. Felizmente, as classes conservadoras, transformadas hoje em elementos de cooperação governamen-

tal, já não têm a mentalidade das épocas passadas e se orientam no sentido de proporcionar amparo e segurança econômica ao trabalhador.

Encerrando estas rápidas considerações, que me parecem de todo oportunas, renovo os meus agradecimentos pelas homenagens que me são prestadas com tão confortadoras disposições de confiança e solidariedade.

O problema da energia elétrica e o desenvolvimento industrial do Rio Grande do Sul

(CONFERÊNCIA COM AS CLASSES CONSERVADORAS DO RIO GRANDE DO SUL, REALIZADA NO PALÁCIO DO COMÉRCIO DE PÔRTO ALEGRE, A 14 DE OUTUBRO DE 1943)

SUMÁRIO

Encontro do Chefe do Govêrno com as classes produtoras do Rio Grande do Sul — São passados em revista assuntos de maior interêsse — Escoamento da produção — Dificuldades de transporte — Como vem agindo o Govêrno para suprir as suas deficiências — As possibilidades da nossa produção durante e depois da guerra — O problema da energia elétrica e o desenvolvimento industrial do Rio Grande do Sul — O plano a ser executado para aumentar o potencial hidráulico do Estado — Barragens e usinas hidro-elétricas — Outros benefícios para a economia riograndense — As sêcas e as inundações — O que se deve fazer para evitá-las — Obras de defesa contra os seus terríveis efeitos — As derrubadas extensivas das matas e as suas inevitáveis conseqüências — O problema do reflorestamento — Objetivos essenciais do programa das obras que o Govêrno Federal vai realizar no Rio Grande do Sul.

O encontro teve lugar no Palácio do Comércio e decorreu num ambiente de franca cordialidade, passando-se em revista diversos assuntos de maior interêsse.

O Presidente Getulio Vargas, após ouvir atentamente os comerciantes e industriais presentes, começou declarando que a crise de transportes e meios de comunicação vinha realmente afetando todo o país e sobretudo o Rio Grande do Sul por se achar mais distante dos mercados consumidores. Acrescentou, no entanto, que as dificuldades já estavam bastante reduzidas em conseqüência da intensificação da campanha anti-submarina.

— Tais dificuldades — continua dizendo o Chefe do Govêrno — não devem, todavia, constituir motivos de apreensão ou receios de que a produção do Estado fique estagnada. Os transportes não faltarão, mesmo porque os mercados consumidores dependem sempre dos centros produtores, quer prossiga, quer termine a guerra. No caso de prosseguir, tal consumo será exigido pela própria guerra. Se terminar breve, a situação dos países flagelados reclamará o concurso de tôdas as nações que tiverem produtos disponíveis. Os Estados Unidos vêm solicitando a colaboração do Brasil nesse sentido. Findo o conflito armado, os reclamos do consumo serão de tal modo acentuados e urgentes que talvez a produção não corresponda às exigências.

O sr. Alberto de Oliveira, Presidente da Associação Comercial, interpretando o pensamento dos seus colegas, confessa-se satisfeito com os esclarecimentos do Chefe do Govêrno, os quais — frisou — constituíam grande estímulo às atividades dos produtores. Teceu, a seguir, uma série de comentários sôbre problemas diversos. Foi

abordado, então, o da energia elétrica, indagando logo o Presidente Getulio Vargas qual o seu preço e condições de fornecimento. Informaram-lhe que a média de consumo era de 50 mil quilovates, variando o preço da unidade entre 60 e 75 centavos. Declarou o Presidente da República que êsse problema tem lhe merecido especial atenção, porque sem energia barata não pode haver desenvolvimento industrial. E afirmou que, a propósito, desejava dar aos industriais uma notícia que iria satisfazê-los sobremodo.

— Devido à última enchente, de proporções tão catastróficas — prosseguiu dizendo — deliberara o Govêrno fazer estudar o assunto de maneira definitiva, não só para evitar as conseqüências conhecidas, como também para acabar com as apreensões da população. Os trabalhos nesse sentido e organização dos respectivos projetos foram confiados ao Departamento Nacional de Obras e Saneamento, dirigido eficientemente pelo engenheiro Hildebrando Góis. Das cogitações iniciais visando defender Pôrto Alegre contra as inundações passou-se logo depois a um programa mais amplo e geral, destinado também a concorrer para o desenvolvimento econômico de todo o Estado. O projeto aprovado compreende a construção de represas e bacias de acumulação nos rios formadores do estuário do Guaíba, permitindo o aproveitamento de um grande potencial hidráulico e a irrigação das terras marginais. O Rio Grande do Sul, sendo embora o terceiro centro industrial do país, dispõe de muito pouca fôrça motriz. As 88 pequenas usinas hidro-elétricas existentes no Estado somam no máximo 8 mil cavalos. A energia elétrica dada ao consumo é quase tôda produzida por lenha, carvão, óleo cru e gás pobre. Contam-se, ao todo, 180 usinas termo-elétricas com cêrca de 60 mil cavalos. O preço do quilovate resulta ele-

vadíssimo. Na capital do Estado as fábricas e usinas pagam 75 centavos por unidade. Com tão alto custo de energia os produtos da indústria riograndense dificilmente poderão concorrer com os seus similares nacionais. A região nordeste do Estado é a mais necessitada de fôrça motriz para uso industrial. Além de Pôrto Alegre, que é um grande centro fabril, compreende numerosas localidades e prósperos núcleos urbanos, como sejam: Jaguarí, São Pedro, Santa Maria, Cachoeira, Rio Pardo, Candelária, Santa Cruz, Jacuí, Venâncio Aires, Lajeado, Estrêla, Bento Gonçalves, Garibaldi, Caxias, Montenegro, São Sebastião do Caí, São Leopoldo, Taquara e Nova Hamburgo. Os principais potenciais hidroelétricos dessa extensa região se acham localizados nas bacias dos rios Jacuí, Antas, Santa Cruz e Guaporé. O aproveitamento das quedas incluídas no plano elaborado deverá fornecer um total de 260 mil quilovates, quase quatro vêzes o potencial elétrico hoje disponível, em todo o Estado, para utilização industrial. As barragens do Salto, no rio Santa Cruz, e a do Cuscuí, no rio Guaporé, serão as primeiras construídas, instalando-se, em seguida, três usinas nos locais denominados Bugres, Canastra e Laranjeiras, que trarão ao potencial elétrico da região nordestina, inclusive Pôrto Alegre, um acréscimo de 33 mil quilovates. No Passo do Blang, ainda no rio Santa Cruz, levantar-se-á outra barragem com a capacidade de 20 mil quilovates. Dêsse modo, o plano elaborado para o mesmo rio Santa Cruz produzirá, depois de executado, 62 mil quilovates aproveitáveis numa área já bastante industrializada. Para se ter uma idéia da importância dêsses melhoramentos e da sua repercussão na economia do Estado, basta considerar que Pôrto Alegre apenas dispõe, atualmente, de pouco mais de 16 mil quilovates para movimentar o seu parque fabril. A outra barragem

incluída na primeira etapa do plano projetado se localizará no boqueirão do Cuscuí, no alto Guaporé, próximo a Passo Fundo, devendo fornecer perto de 3 mil e quinhentos quilovates, energia bastante para atender os serviços da referida cidade e da extensa zona circunvizinha entre Caràzinho e José Bonifácio. O sul do Estado é sabidamente pobre em fôrça hidro-elétrica. Para supri-lo será aproveitada a Cachoeira do Paredão, na bacia do Camaquam, capaz de produzir 40 mil quilovates que serão distribuídos às indústrias do Rio Grande, Pelotas e Bagé. As grandes quedas existentes nos vales do rio das Antas e do rio Jacuí ficarão reservadas para futuro aproveitamento, quando se faça necessária a utilização do seu potencial estimado em mais de 150 mil quilovates. A construção das referidas barragens, além de proporcionar extraordinário aumento ao nosso potencial hidro-elétrico, problema fundamental de que depende a expansão econômica do Rio Grande, concorrerá para corrigir, até certo ponto, o regime torrencial dos seus grandes rios. Não são de menor interêsse os benefícios que se podem tirar do vastos represamentos de água para irrigação das culturas marginais em épocas de estiagens prolongadas. Os arrozais que se estendem pelas amplas várzeas do Jacuí encontrarão, por exemplo, nessa irrigação novos fatôres favoráveis de produtividade. Como vemos, a solução proposta para o importante problema é completa. As obras iniciais vão ser logo atacadas. O projeto exigirá certamente a inversão de vultosos recursos financeiros, aproximadamente 200 milhões de cruzeiros. De qualquer forma será realizado. O Rio Grande do Sul retribuirá êsse largo esfôrço com o desenvolvimento em alta escala das suas atividades industriais, de possibilidades tão seguras e promissoras.

Animam-se os comentários no círculo dos ouvintes do Presidente Getulio Vargas. Todos se mostram atentos e

não escondem a excelente impressão deixada pelas informações do Chefe do Govêrno. E' ainda êle quem retoma a palavra para deduzir algumas considerações oportunas sôbre o problema das sêcas e das enchentes, que tantos prejuízos trouxeram ùltimamente às populações gaúchas.

— Não devemos esquecer — insiste o Presidente Getulio Vargas — que as obras de engenharia, consistindo na retenção e no simples armazenamento das águas, não podem operar o milagre de suprimir as sêcas ou as enchentes. Só remedeiam em parte os males por elas causados, atenuando-lhes os terríveis efeitos sôbre a vida e a economia das populações. A falta e os excessos de chuvas, determinantes das longas estiagens e das inundações torrenciais, são considerados fenômenos especìficamente climatéricos. O desaparecimento das florestas é dado como uma das principais causas da irregularidade e pobreza das descargas pluviais. Ora, todos sabemos a quanto chega a enorme redução sofrida pelas nossas matas. As derrubadas sucederam-se sem que se fizessem reflorestamentos equivalentes. Noutras regiões do Brasil êsses processos de "fazer desertos" têm sido e continuam sendo praticados até que o poder público, com a sua política de defesa das reservas florestais, consiga neutralizá-los. No Rio Grande, onde se desmataram para aproveitamento das culturas agrícolas e fins comerciais extensas áreas, ao longo dos cursos d'água e até nas suas nascentes, as conseqüências começam a se fazer sentir de forma inevitável. Apesar de estarmos situados na faixa sub-tropical, gozando todos os benefícios das zonas temperadas, nunca tratamos de utilizar essas vantagens naturais para o replantio das florestas. Já é tempo de fazermos a restauração ainda que parcial das reservas consumidas. Que o Rio Grande a inicie quanto antes é

o que devemos desejar para evitar os flagelos das inconstâncias do clima, representados pelas grandes sêcas e as grandes enchentes. Resumindo, finalmente, as ponderações feitas, podemos apresentar o programa dos empreendimentos projetados sob quatro aspectos essenciais: a) Defesa contra as enchentes e neutralização dos seus efeitos; b) Produção de energia elétrica capaz de permitir o desenvolvimento industrial em bases de competição econômica, o que não é possível com energia térmica sempre cara e sujeita a dificuldades; c) Irrigação para as lavouras intensivas em condições de compensarem as elevadas despesas de instalações e de custeio; d) Reflorestamento para corrigir as estiagens periódicas ou pelo menos para dilatar-lhes os ciclos.

A clara exposição do Presidente Getulio Vargas sôbre tão palpitante assunto foi recebida pelos presentes com aprovação sem reservas. Todos se congratularam pela oportunidade daquele proveitoso e oportuno encontro das classes produtoras com o Chefe da Nação, que aproveitou ainda o ensêjo para referir-se com pormenores às principais realizações que vem empreendendo com o objetivo de promover o engrandecimento econômico do país.

O Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro e o interêsse do povo e do Govêrno do Brasil pelos seus soldados

(DISCURSO PRONUNCIADO AO INAUGURAR O NOVO ARSENAL DE GUERRA DO RIO DE JANEIRO, A 10 DE NOVEMBRO DE 1943)

SUMÁRIO

A inauguração do Arsenal de Guerra e o interêsse e carinho do povo e do Govêrno pelos seus soldados — Sôbre as palavras do Ministro da Guerra — As fôrças armadas e a intensificação do seu adestramento — Povo pacífico por índole, o do Brasil — País sem pretensões a hegemonia nem veleidades imperialistas. Não obstante, necessitamos preparar-nos para cumprir as nossas obrigações de guerra e levar a nossa solidariedade às nações da América — O decreto melhorando os vencimentos das fôrças armadas — O esfôrço do Brasil nos últimos anos — O Exército aparelhado material e tècnicamente — Uma frota à altura das necessidades do nosso extenso litoral — A criação do Ministério da Aeronáutica — As últimas reformas feitas na administração pública — Oportunidades oferecidas à juventude brasileira com a criação e ampliação dos quadros educacionais e com a formação de técnicos e a reforma do ensino em todos os graus — A construção de hospitais, centros sanitários, postos de tratamento das epidemias e serviços de puericultura em quase tôdas as regiões do Brasil — A reforma dos institutos de direito público e privado — Restauração das finanças da União, a ponto de, passada a guerra, em excepcionais condições de crédito, podermos reconstruir a vida econômica da Nação — O reerguimento da Amazônia — O entrosamento dos sistemas ferroviários num plano uniforme permitindo atingir qualquer região do território nacional — A articulação com o Uruguai, Paraguai e Bolívia nos levará, em breve, à bacia do Prata — Até 1930 só explorávamos os recursos vegetais e animais — A siderurgia — As usinas de alumínio e cobre, a exportação de minérios e a exploração de depósitos petrolíferos — Nas comemorações do sexto

aniversário do regime de 10 de Novembro, os brasileiros encontram-se absorvidos pelas tarefas imediatas de ganhar a guerra custe o que custar — O Govêrno disposto a reprimir quaisquer tentativas de perturbação estéril — A hora é de união — O exercício do poder público orientado pela exclusiva defesa dos interêsses da ordem e do bem-estar da coletividade — O Brasil confia no patriotismo e na ação de suas fôrças armadas — A dedicação patriótica do Exército e a compreensão dos seus nobres deveres.

SENHORES

A inauguração do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro é uma dessas solenidades marcantes na vida do nosso glorioso Exército e demonstra, de maneira concreta, o interêsse e carinho do povo e do Govêrno do Brasil pelos seus soldados.

As palavras do vosso Ministro, General Eurico Dutra, infatigável trabalhador e chefe de ação e disciplina, revelam o entusiasmo do homem de armas devotado integralmente à sua classe e sempre disposto a oferecer à Pátria o máximo das suas energias e da sua capacidade organizadora. A exposição que acaba de fazer evidencia, de modo claro e preciso, a importância e o vulto das nossas realizações no setor da preparação militar. Os grandes empreendimentos ultimados ou em execução e as iniciativas industriais do Govêrno não deixam dúvidas quanto ao nosso empenho em atender aos imperativos da segurança nacional e à satisfação dos compromissos internacionais.

As fôrças armadas intensificam atualmente o seu adestramento com o fim de se adaptarem aos modernos processos e técnica de luta e ampliam o aproveitamento dos materiais estratégicos que lhes permitirão atingir ao máximo de eficiência no cumprimento das tarefas que lhes sejam impostas pelos acontecimentos.

Somos por tradição e por índole um povo pacífico, sem pretensões de hegemonia, nem veleidades imperialistas, mas necessitamos, com o acréscimo das responsabilidades assumidas no campo internacional, e que são vitais para o nosso desenvolvimento, dispor de fôrça bastante

não só para cumprir as obrigações resultantes da atual situação de guerra, como para prestar a necessária solidariedade às nações da América, que confiam em nossa atuação moderadora e na linha invariável de nossa política externa.

Com os decretos hoje assinados assegurou o Govêrno melhor remuneração ao pessoal das fôrças armadas. A elevação dos vencimentos abrange tôdas as categorias e corresponde à situação anormal decorrente da guerra. Os militares verdadeiramente cônscios dos seus deveres não têm folgas para dedicar-se às atividades privadas; consomem na profissão as suas energias e merecem ser completamente amparados pela Nação a cuja defesa devotam tudo, inclusive a vida. É justo, por conseguinte, colocá-los ao abrigo das eventualidades, dando-lhes a certeza de prover aos encargos da família e à educação dos filhos.

Já mostrei, noutras oportunidades, o que tem sido o nosso esfôrço dos últimos anos, nos vários setores da vida econômica e social do país. Reaparelhamos o Exército material e tècnicamente, proporcionando-lhe os elementos indispensáveis para crescer em efetivos, em treinamento e no variado preparo exigido por uma fôrça de escol; à Marinha estamos dando uma frota à altura das necessidades do nosso extenso litoral; iniciamos a construção de aeronaves, instalando fábricas de motores e de aviões, e criamos o Ministério da Aeronáutica. Reformamos a administração pública e organizamos o trabalho nacional, assegurando vantagens econômicas e garantias legais a empregados e empregadores. Oferecemos oportunidades novas à juventude, com a ampliação dos quadros educacionais, iniciando a formação técnica e reformando o ensino em todos os graus, de modo que corresponda às exigências da Nação em franco crescimento. Empenhados na preservação da saúde do povo,

construímos e fizemos funcionar vasta rêde de hospitais, centros sanitários, postos de tratamento das endemias e serviços de puericultura, em quase tôdas as regiões do país. Os institutos jurídicos de direito privado e público foram reformados de acôrdo com os ensinamentos contemporâneos e instalamos órgãos técnicos capazes de elevar os rendimentos da agricultura, da pecuária e das indústrias. Melhorando o aparelhamento fiscal, restauramos as finanças da União, a ponto de, passada a guerra, em condições excepcionais de crédito, podermos empreender a reestruturação definitiva da vida econômica do país. O reerguimento da Amazônia pelo aproveitamento das suas virtualidades, as obras do Nordeste, o saneamento da Baixada Fluminense e o povoamento do Oeste são grandiosos empreendimentos em marcha, premissas obrigatórias da prosperidade geral.

Para realizar tudo isso dispendemos esforços extraordinários — trabalho ingente, quase sempre pouco visível a quem contempla o Brasil do litoral. O entrosamento dos sistemas ferroviários num plano uniforme e as obras rodoviárias concluídas e em andamento nos permitirão atingir, no sentido dos paralelos ou dos meridianos, qualquer ponto do território nacional; a articulação com as repúblicas vizinhas do Uruguai, Paraguai e Bolívia levar-nos-á, brevemente, ao Oceano Pacífico, como já nos leva à bacia do Prata.

Os benefícios e progressos de tão curto período, num país de tamanha extensão, tornam-se difíceis de apreciar à primeira vista. Por oito milhões e meio de quilômetros quadrados espalham-se as iniciativas da administração; em vinte Estados, um distrito federal e seis territórios, aplica-se a ação propulsora do Govêrno, sem contar grandes setores da indústria privada, em que o Estado participa ativamente pela assistência técnica e financeira. Isto ressalta com tôda a evidência se tivermos em mente

que, até 1930, só explorávamos os recursos vegetais e animais. Agora, com a siderurgia, as usinas de alumínio e cobre, a exportação de minérios, a exploração de depósitos petrolíferos, vamos criando corajosamente, em meio às dificuldades oriundas da guerra, do retraimento financeiro e das competições internacionais, os elementos básicos da transformação de uma vasta comunidade agrária e dispersa numa nação capaz de prover às suas necessidades fundamentais, desfrutando prestígio externo, ouvida e respeitada, colaborando com as nações civilizadas na guerra e na paz. Através das exigências de uma fase histórica sobremodo crítica, em que grandes povos sofreram eclipses e derrotas de que dificilmente se recuperarão, o Brasil marcha firme para os seus supremos destinos.

As comemorações do sexto aniversário do regime de 10 de Novembro encontram-nos absorvidos e ocupados com as tarefas imediatas de ganhar a guerra a qualquer preço, de cooperar com os nossos aliados, oferecendo-lhes o contingente do nosso sangue, das nossas energias, da nossa capacidade de produzir e organizar. Em circunstâncias assim difíceis, necessitando antes de tudo de estabilidade interna para garantir-nos lugar condigno entre as nações vitoriosas, seria êrro e crime agitar a Nação. Por isso mesmo, o Govêrno não vacilará em reprimir quaisquer tentativas de perturbação estéril. A hora é de união, e para mantê-la não hesitaremos em usar meios enérgicos. Numa emergência de guerra, mais do que em qualquer outra situação, o poder público tem de exercer-se na exclusiva defesa dos interêsses da ordem e do bem-estar da coletividade. Não deve tolerar explorações demagógicas, açambarcamentos, monopólios e lucros exorbitantes, que só podem tornar mais penosa e dura a existência das classes menos favorecidas. É ao povo brasileiro, tolerante, destemido e laborioso, que precisa-

mos amparar, protegendo-o contra a ganância dos intermediários e agentes de negócios fáceis.

O Brasil confia no patriotismo e na ação das suas fôrças armadas. Com elas e o povo, unidos e em estreita colaboração, havemos de satisfazer os compromissos contraídos com as nações aliadas, continuando a obra de reconstrução iniciada em 10 de Novembro de 1937, no firme propósito de dar completa solução aos grandes problemas nacionais.

SENHORES

O Exército vem sendo exemplar na dedicação patriótica, no trabalho silencioso, na compreensão dos seus nobres deveres.

As manifestações de apôio e solidariedade que, pela voz do vosso ilustre chefe, o Ministro Eurico Dutra, trazeis à política do Govêrno, que consiste acima de tudo em promover o engrandecimento econômico e defender os interêsses permanentes da Pátria, constituem poderoso estímulo para persistirmos nos rumos traçados e apertarmos cada vez mais os sagrados vínculos da unidade nacional.

Agradeço-vos e ergo a minha taça pela maior glória do Exército Brasileiro.

A nova sede do Ministério da Fazenda

(DISCURSO INAUGURANDO O NOVO EDIFÍCIO DO MINISTÉRIO DA FAZENDA, A 10 DE NOVEMBRO DE 1943)

SUMÁRIO

O novo edifício do Ministério da Fazenda — Capacidade construtiva e gôsto da ordem do Ministro Souza Costa — O exemplo das instalações higiênicas e confortáveis — Fase de renovação de valores e reconstrução social — Anunciando o aumento dos vencimentos do funcionalismo civil e dos salários do operariado — Passagem da economia de paz para a de guerra — Certeza da colaboração dos brasileiros — A maior segurança do nosso progresso está na atitude modelar dos soldados, dos funcionários e dos operários da Nação — Nem greves, nem perturbações da ordem, nem clamorosos atos de traição — As exemplares disposições patrióticas dos marítimos, dos ferroviários e dos trabalhadores dos transportes — As divergências internas serão o nosso maior inimigo — Não devemos perder tempo com a interpretação de fórmulas ideológicas e com preocupações políticas de simples finalidade eleitoral — Os reformadores improvisados em profetas democráticos — O momento próprio para reajustar a estrutura política da Nação e fazer as necessárias consultas ao Povo Brasileiro — A primazia nas posições de direção e consulta — O atual Ministério da Fazenda — Confronto entre duas épocas — As finanças nacionais e os nossos esforços de emancipação econômica.

SENHORES

Ao inaugurar êste sólido e imponente edifício, sede condigna do Ministério da Fazenda, obra em que a capacidade construtiva, a clara inteligência e o gôsto da ordem do Ministro Souza Costa mais uma vez se revelaram, quero congratular-me convosco, porque assim podeis verificar, através dêsses argumentos irrespondíveis de cimento e ferro, como a administração progride e quanto se interessa pelos problemas da organização técnica dos serviços, da eficiência e do bem-estar do funcionalismo.

Cumpre ao Estado dar o bom exemplo das instalações higiênicas e confortáveis, onde o trabalho não seja desagradável ganha-pão, mas exercício adequado das energias humanas. É de esperar que as emprêsas privadas, em franca prosperidade, adotem idêntica orientação, que resulta ao mesmo tempo em vantagens de ordem geral e em acréscimo de rendimento das atividades industriais.

Atravessamos uma fase de renovação de valores, de reconstrução social em bases mais equitativas, visando assegurar ao maior número os benefícios da vida civilizada. Devemos, portanto, em proveito de todos, com o elevado escopo de poupar à humanidade agruras maiores, agir segundo as tendências da época e promover o levantamento do nível econômico da coletividade.

O ensêjo é propício para anunciar-vos a decretação do aumento de vencimentos do funcionalismo civil e dos salários do operariado, medida oportuna e justa, que o Govêrno resolveu tomar em face do encarecimento das principais utilidades. A elevação nos preços dos gêneros de primeira necessidade, quando não é fruto de manobras

excusas e atos ilícitos passíveis de severa punição, decorre inevitàvelmente das circunstâncias novas criadas pela guerra. A soma de braços retirados pela conscrição ou por serviços de natureza militar à produção de gêneros de consumo das populações urbanas acarreta, sem dúvida, perturbações momentâneas que não tardarão a ser corrigidas.

A passagem da economia de paz para a de guerra representa por si mesma uma causa poderosa de transtornos e dificuldades. Todos os povos pacíficos, que não alimentam propósitos agressivos, só conseguem preparar-se enfrentando resolutamente os imperativos da luta. É êste o nosso caso. Conhecendo como conheço a fibra dos brasileiros, a sua admirável capacidade de adaptação, estou certo de que a cooperação geral e a colaboração de boa vontade vencerão os obstáculos inevitáveis, favorecendo o natural reajuste. Temos apenas quatorze meses de guerra declarada, mas sentimos desde 1939 os reflexos diretos da anormalidade mundial. Dentro das próprias circunstâncias especiais vamos, apesar de tudo, reagindo e criando condições novas de triunfo, despertando energias, transformando fôrças potenciais em fôrças produtivas. E o melhor exemplo para o futuro, a maior segurança do nosso progresso, está precisamente na atitude modelar dos nossos soldados, dos nossos funcionários civis, dos nossos operários. Nos dias conturbados de agôsto de 1942, quando o inimigo traiçoeiro iniciou o seu ataque brutal, eu lhes pedia vigilância, disciplina, discrição, devotamento ao trabalho. Temos produzido discreta e disciplinadamente; liquidamos os inimigos internos; prevenimos a sabotagem; impedimos a espionagem e o entendimento com os agentes estrangeiros. Não registramos greves, nem perturbações da ordem, nem clamorosos atos de traição. Nas fábricas, nas usinas, nos arsenais, nos navios, nos transportes, arcando com as de-

ficiências do nosso parque industrial, vamos marchando com firmeza e suprindo com extraordinário engenho as dificuldades técnicas e materiais. Os nossos marítimos, valentes e prontos ao sacrifício, os ferroviários, os trabalhadores dos transportes, têm feito prodígios. Merecem, portanto, nossa admiração e francos louvores.

É preciso que todos correspondam, em outros setores da vida nacional, a êsse devotamento patriótico. Se escasseiam alguns gêneros, se as colheitas não bastam para as exigências atuais, plantemos mais e melhor; se os transportes apresentam falhas, cabe reclamar e solicitar pelos meios adequados a intervenção dos poderes públicos; se ocorrem irregularidades na distribuição de gêneros e mercadorias ou no contrôle de preços, cumpre à Coordenação Econômica providenciar para que sejam executados os planos da administração. Incumbe-lhe agir e tem amplitude de poderes para fazê-lo, punindo açambarcadores e intermediários vorazes, prejudiciais, ao mesmo tempo, ao produtor, que não lucra com a carestia, e ao consumidor, obrigado a suportar o pêso dos lucros dos aproveitadores. Todos devem colaborar no bom combate. As donas de casa, responsáveis pela economia doméstica, o homem do povo, o funcionário, mostrando-se igualmente zelosos pela observância das leis, fiscalizando-lhes o cumprimento, estarão contribuindo para ajustar os suprimentos às necessidades gerais.

Precisamos convencer-nos de que a contribuição individual, a fiscalização popular, são ainda os meios mais eficientes para compelir os recalcitrantes ao cumprimento do dever. O Govêrno espera que os brasileiros, jovens e velhos, homens e mulheres, habitantes das cidades e dos campos, concorram com a sua parcela de esfôrço para o bem comum, que no momento significa, precisamente, esfôrço para a vitória.

Não há, nem pode haver, devo repetir nesta oportunidade, outro objetivo capaz de desviar-nos a atenção. O nosso maior inimigo ainda será a divergência interna. Não preciso lembrar exemplos de outras nações. Está no consenso de todos que a pior forma de impatriotismo, quando nos achamos em plena luta, é impedir ou dificultar, por qualquer modo, o esfôrço comum para vencer a guerra. Não temos tempo para desperdiçar na interpretação de fórmulas ideológicas e no exame das conveniências políticas de simples finalidade eleitoral. No fundo da nossa consciência sentiríamos remorso se contribuíssemos para lançar o povo brasileiro nos excessos de uma agitação partidária com o fim de tranqüilizar os pruridos demagógicos de alguns leguleios em férias. É singular e merece reparo irônico que êsses inquietos reformadores improvisados, sempre conhecidos no cenário político pelas suas tendências retardatárias, se erijam em profetas democráticos, exatamente na ocasião em que os povos de velha estrutura representativa preferem adiar as convocações à vontade popular e manter os chefes nos seus postos. Quando terminar a guerra, em ambiente próprio de paz e ordem, com as garantias máximas à liberdade de opinião, reajustaremos a estrutura política da Nação, faremos de forma ampla e segura as necessárias consultas ao Povo Brasileiro. E das classes trabalhadoras organizadas tiraremos de preferência os elementos necessários à representação nacional: patrões, operários, comerciantes, agricultores — gente nova, cheia de vigor e de esperança, capaz de crer e de levar avante as tarefas do nosso progresso. A primazia nas posições de direção, contrôle e consulta caberá aos que trabalham e produzem e não aos que se viciaram em cultivar a atividade pública como meio de subsistência e instrumento de simples acomodações pessoais. Encontrarão, também, oportunidade para fazer-se ouvir e opinar os represen-

cantes da mocidade, que, nas escolas, nas fábricas e nos quartéis, se prepara e concorre, cheia de ardor cívico, para construir o futuro da Pátria, dispondo-se a defendê-la decidida e virilmente.

SENHORES

Teremos de empreender, no imediato após-guerra, a reforma completa do nosso antiquado sistema tributário e a reorganização bancária indispensável ao desenvolvimento das finanças nacionais.

Dispondo de condições propícias, podendo centralizar e acomodar todo o seu pessoal, o novo Ministério da Fazenda reflete a nossa situação atual e presta-se a um confronto edificante com as épocas passadas. O velho edifício da Avenida Passos, insuficiente e colonial, correspondia à nossa posição de país devedor, onerado pela carga de juros e amortizações, resgatando empréstimos com empréstimos e fazendo *fundings* ruinosos para a economia nacional, em proveito exclusivo dos banqueiros internacionais, até a Revolução de 1930 modificar o panorama geral das nossas finanças, revendo tais compromissos, que terão de ser adaptados às circunstâncias novas ou suspensos, enquanto não se verificar o necessário reajustamento.

O alojamento provisório da Avenida Rio Branco marcou a época de transição, da mesma forma que êste monumental edifício mostra a prosperidade alcançada, que se há de tornar maior com o nosso trabalho fecundo e garantirá ao Brasil a posição independente e digna que conquistou no concêrto das nações civilizadas.

A Escola e a ação dos professôres

(DISCURSO PRONUNCIADO NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, POR OCASIÃO DA FORMATURA DAS NOVAS PROFESSÔRAS DO DISTRITO FEDERAL, A 18 DE DEZEMBRO DE 1943)

SUMÁRIO

As novas professôras do Distrito Federal e as suas responsabilidades — A escola, centro de conformação da mentalidade de um povo — Onde se realiza a modelagem definitiva das almas — O sentimento do dever nos que tiveram bons professôres — O que será o Brasil de amanhã — Heróis obscuros do quotidiano — Os professôres primários têm importante missão — A reunião na Capital Federal do "Congresso dos Professôres" — O Instituto de Educação — Confiança na juventude brasileira — O papel relevante das mulheres nos presentes dias de guerra — Obstáculos a vencer — Prédios escolares construídos pela atual administração — O Prefeito do Distrito Federal — Diretrizes do Govêrno Nacional em matéria de educação popular — Aparelhar modelarmente o ensino — A ação dos professôres e as novas gerações.

JOVENS PROFESSÔRAS

Compreendo e compartilho o vosso júbilo neste dia, que representa o têrmo de uma jornada e o início de responsabilidades mais graves.

Realmente, a partir de hoje se abrem para vós as portas da vida pública e o largo caminho da ação educadora. Sôbre os vossos ombros recairão severos compromissos. As gerações mais novas, as que não conhecem da vida senão o pequeno espaço do lar, serão confiadas aos vossos cuidados. Ides concorrer com as próprias mães, modelando o espírito dos filhos. As grandes noções que conformam a mentalidade de um povo adquirem-se na escola. Ensinar o que é Pátria, família, sociedade; temperar os ânimos para as lutas maiores; incutir a coragem cívica; estabelecer as normas salutares do trabalho e da disciplina: são algumas das tarefas imediatas que tereis de desempenhar, de enorme repercussão na vida dos indivíduos e conseqüentemente na vida da comunidade.

O largo e assíduo trato das coisas públicas convenceu-me de que na escola se realiza a modelagem definitiva das almas. Os homens que tiveram professôres justos, verdadeiramente instruídos, costumam conduzir-se, nas relações privadas e sociais, com equanimidade, senso de equilíbrio e firme compreensão dos seus deveres.

Não constitui, por isso, exagêro dizer-vos que o Brasil de amanhã será o que dêle fizerdes. Neste mesmo fim de ano, neste mês de dezembro, noutras escolas espalhadas por todo o país, outros professôres, também animosos e cheios de ardor idealista, aprestam-se para tare-

fas idênticas. Alguns milhões de crianças — argil plástica nas mãos hábeis dos educadores — irão dar outro tantos milhões de soldados, trabalhadores, donas de casa mestres, funcionários, técnicos — aquilo de que a Naçã carece para desenvolver-se e progredir.

A contemplação ideal dêsse grande espetáculo obri ga-me a refletir sôbre a importante missão social dêsse pequenos e obscuros heróis do quotidiano que são os pro fessôres primários. Nos meios mais diversos, num país de povoação esparsa, através de dificuldades maiores o menores, êles vão preparando os cidadãos de amanhã dando às crianças o pão de espírito, tão necessário quant o do corpo.

Sempre foi meu pensamento, logo que as circuns tâncias o permitam, reuni-los na Capital Federal, vindo de todos os recantos do país, mesmo os mais longínquos auscultar-lhes as aspirações e sentir de perto as necessi dades do ambiente onde trabalham. Seria êste o "Con gresso dos Professôres", em que se cuidasse de dar unida de ao ensino, não só pela legislação, o que é pouco, mas pela escolha do livro escolar único, pela padronização do material, pela harmonia de espírito de todos os apóstolos dessa grande cruzada. Instituiríamos, também, o "Dia do Professor", destinado a celebrar, em todo o território na cional, a missão fundamentalmente patriótica do mes tre-escola.

Creio que assim falando dou a maior prova do aprê ço que sempre votei aos obreiros da educação pública.

Estava, desde muito, acostumado a contemplar-vos com admiração nas formaturas cívicas, a ouvir-vos com enlêvo nos grandes corais. Conhecia, de longa data, o vosso Instituto, que congrega um número apreciável de bons mestres, de cuja preparação e capacidade nos po demos orgulhar.

A ESCOLA E A AÇÃO DOS PROFESSORES

Presidindo hoje a cerimônia máxima da vossa vida escolar, a recompensa de 8 anos de estudo, de labor metódico, quero dizer, por vosso intermédio, à juventude do Brasil que confio e espero tudo do seu valor.

Na sociedade moderna, nos dias que correm, cheios de ruídos de guerra, pontilhados de incertezas, cabe às mulheres desempenhar encargos de excepcional relevância. Acompanham os homens aos campos de batalha como enfermeiras, salvando vidas; empunham, nas fábricas e nos campos, os instrumentos de trabalho que os homens trocaram pelas armas. Já não são apenas, segundo a velha imagem poética, os anjos do lar. São as companheiras fiéis e dedicadas, irmãs de luta, de glória e de sacrifício.

Temos ainda de vencer tremendos obstáculos. Mas, quaisquer que sejam êles, é preciso não nos descuidarmos da instrução, onde a mulher encontra ocupação digna e permanente.

Urge abrirmos mais escolas em todo o país. Mesmo no Distrito Federal, onde se verifica um aumento extraordinário na matrícula e freqüência, os estabelecimentos existentes não bastam para tôdas as crianças em idade escolar. Há zonas urbanas insuficientemente dotadas, em que os pais menos favorecidos da fortuna não podem educar os filhos.

A atual administração vem se esforçando louvàvelmente para melhorar o ensino. Já construiu mais de 20 prédios escolares e tem vários outros em construção com capacidade para 20 mil alunos. O Prefeito Henrique Dodsworth, que ainda conserva, como antigo professor, o seu amor pela escola, mostra decidido empenho em atender às necessidades educacionais da mocidade, encontrando no seu ilustre e dedicado Secretário da Educação e Cultura um colaborador devotado e operoso. Devemos esperar que, continuando as diretrizes do Govêrno Nacio-

nal, possamos, em breve, aparelhar modelarmente o ensino da Capital da República, dando escolas a quantos delas precisem e erigindo-as em padrão para todo o país. A ninguém escapa a importância dessa obra patriótica, e será honra insigne para vós contribuir com o máximo de esfôrço para a sua completa realização.

PROFESSÔRES E PROFESSÔRAS

O vosso sacerdócio reclama altas virtudes, fortaleza de ânimo, coragem invulgar, paciência, tenacidade.

Tendes a alma cheia de idealismo, uma concepção justa das necessidades nacionais e sólido preparo profissional. Podeis empenhar-vos, com tôdas as energias da vontade, na grande luta pela difusão do ensino popular.

O Govêrno amparará e auxiliará o vosso esfôrço e a Pátria há de premiá-lo com o reconhecimento das novas gerações.

Visita a São Paulo

A política econômica do Govêrno e os problemas vitais do país

(DISCURSO PRONUNCIADO POR OCASIÃO DO ALMÔÇO OFERECIDO PELA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE SÃO PAULO, NO CASSINO UMUARAMA, A 21 DE DEZEMBRO DE 1943)

SUMÁRIO

A exposição industrial promovida pela Federação das Indústrias de São Paulo — Demonstração exemplar de trabalho produtivo, despertando a admiração dos brasileiros interessados no progresso da terra comum — As dificuldades enfrentadas pelo país em 50 meses de luta — Realizações obtidas graças à política econômica do Govêrno — O café depois da situação calamitosa de 1929 — Condições, providências, resultados prósperos — A eletrificação da Sorocabana — A retificação da E. F. Central do Brasil — A nacionalização do capital da Mogiana, o pôrto de São Sebastião, os serviços de saúde e assistência — Quadro da ação do Govêrno Federal em São Paulo — Os velhos empréstimos e o recente acôrdo de pagamento da dívida externa — A operação cria possibilidades para realizarmos um plano de industrialização progressiva do país, no imediato após-guerra — Preparação para uma fase de readaptação econômica — As atuais condições de progresso do país oferecerão oportunidade excelente para o emprêgo de capitais estrangeiros — Transformações do parque industrial brasileiro — O êxito dos muitos empreendimentos de São Paulo e o progresso atual do Estado — Conveniência de estreitar a cooperação entre o poder público e as classes produtoras — Contradições do negativismo demagógico — As necessidades de renovação da nossa maquinaria — A política eleitoral de conchavos e arranjos — Campanha derrotista contra a administração — A Federação das Indústrias e o operariado paulista em colaboração com o Govêrno — As oligarquias que cindiam o Brasil, ameaçando-lhe a integridade — Luta permanente pelo que é fundamental para a Pátria Brasileira: a unidade moral e a unidade econômica — "Vocação da unidade", imperativo geográfico e determinação da própria história brasileira.

SENHORES

Decorridos mais de quatro anos de guerra na Europa, Ásia e África, e dezesseis meses da nossa beligerância — justo revide aos ataques brutais que sofremos, — a mostra industrial de São Paulo, em boa hora promovida pela Federação das Indústrias, sob a presidência operosa do dr. Roberto Simonsen, constitui demonstração exemplar de trabalho produtivo e desperta a melhor admiração dos brasileiros patriotas, interessados no progresso da terra comum.

As dificuldades que vimos enfrentando, nestes cinqüenta e poucos meses de luta, foram numerosas e de vária ordem. Primeiro, nos dias distantes do fim de 1939, perdemos os mercados europeus e ficamos limitados ao intercâmbio americano e asiático. Em 1941, o conflito estendia-se ao nosso continente e a campanha submarina insulava-nos quase totalmente do comércio mundial, agravando-se a situação com a beligerância dos Estados Unidos e subseqüentes modificações das suas necessidades como importador e exportador. Mais um passo, estávamos também nós a braços com a guerra e os seus tremendos problemas. Essas circunstâncias desfavoráveis desafiavam a nossa capacidade de organizar e as possibilidades de reagir e de adaptar-nos a contingências novas.

Em perfeito congraçamento já atravessamos a pior fase da luta, vencendo os obstáculos que se nos depararam; e, honra-me dizê-lo, São Paulo e a sua laboriosa população mostraram-se modelares nessa emergência. Levantando indústrias novas, iniciando culturas agrárias de

outros continentes, concorrestes de maneira admirável para a resistência que apresentamos e para a preparação alcançada, que nos permitirá fazer face às perturbações do após-guerra.

Tudo isso é verdade meridiana. Mas também é verdade que só foi possível tal realização graças à política econômica do Govêrno. Se depois de 1930 houvéssemos persistido nos velhos processos do "laisser-faire" seguramente não teríamos atingido ao elevado nível de desenvolvimento que esta exposição testemunha.

Devo indicar em resumo o vulto dos esforços dispendidos para conseguirmos a posição privilegiada de hoje. Comecemos pelo café. É preciso não esquecer a calamitosa situação de 1929. As cotações caíram, as hipotecas venceram-se, os recursos bancários esgotaram-se e a bancarrota geral avizinhava-se de todos — produtores ou não — igualmente atingidos pela repercussão da baixa vertiginosa dos preços e paralisação das exportações. Só o Govêrno instaurado pela Revolução de 30 teve a coragem de enfrentar o problema da salvação da vossa principal e nessa época quase única fonte de riqueza. Encontrando cêrca de 15 milhões de sacas de café acumuladas em armazéns e portos, conseguimos, até 1933, retirar do mercado êsse *stock* invendável e mais as safras subseqüentes no montante de 49 milhões e meio de sacas, das quais foram incineradas, no triênio, 23 milhões e meio. Em dez anos retiramos do mercado 95 milhões de sacas e o Govêrno assumiu compromissos no valor de um bilhão e trezentos milhões de cruzeiros, que pesavam sôbre a lavoura. Isto sem contar com os ônus do reajustamento econômico, que se elevou em todo o país a 920 milhões de cruzeiros, cabendo a São Paulo quase meio bilhão, ou seja 53,38% do total geral. Da mesma forma, no financiamento da Carteira Agrícola e Industrial do Banco

do Brasil, a vossa quota aparece considerável. Num total de 2 bilhões de cruzeiros, correspondem a São Paulo 818 milhões — a alta percentagem de 40,59%. A lavoura ainda contou com o financiamento do algodão, cujo movimento se elevou a 295 milhões, dos quais o vosso Estado recebeu 272 milhões, isto é, 92,50% do total em 1942, e até o mês de novembro de 1943 mais 208 milhões da soma de 233 milhões, equivalente a 89,20% de todo o financiamento nacional. As encomendas militares feitas à indústria paulista orçam por 500 milhões, que somados a outros 500 milhões de obras e instalações atingem a um bilhão de cruzeiros.

Acrescentai a isto o dispêndio administrativo da eletrificação da Sorocabana, da retificação do traçado da E. F. Central do Brasil, da nacionalização do capital da Mogiana, do pôrto de São Sebastião, dos serviços de saúde e assistência, e tereis o quadro, sem minúcias, da ação do Govêrno Federal em São Paulo. E último mas não menor benefício se apura do recente acôrdo de pagamento da dívida externa, em que os velhos empréstimos, que iam onerar o vosso trabalho por meio século, foram reformados em têrmos justos, restabelecendo-se o crédito externo do país e permitindo-nos adquirir no estrangeiro aquilo de que necessitamos para o nosso engrandecimento. Na liquidação dos juros atrasados e nas reduções das remessas anuais, em todos os empréstimos — do Estado, do Instituto do Café e do Banco do Estado — atingirá a economia feita o total de 550 milhões de cruzeiros. Vale acentuar que o recente acôrdo geral para resgate da dívida externa, realizado com elevado descortino pelo Ministro Souza Costa, é uma solução definitiva e não mero ajuste provisório, determinando nos nossos compromissos a vultosa redução de mais de 6 bilhões de cruzeiros e colocando-os realmente ao alcance da nossa capacidade

normal de pagamento. O maior proveito da operação consiste, porém, na possibilidade de realizarmos o plano de industrialização progressiva do país, no imediato após-guerra.

O dia da vitória está cada vez mais perto. As Nações Aliadas cumprem admiráveis tarefas, batendo os adversários em tôdas as frentes. É precisamente para essa fase de readaptação econômica que nos devemos preparar. As condições de progresso em que se encontra o país darão oportunidade excelente para o emprêgo de capitais estrangeiros, que devemos acolher com simpatia, oferecendo-lhes esfera própria de ação e lucros remuneradores, sem permitir, entretanto, que se transformem em árbitros da economia nacional sob a forma de *cartéis* ou *dumpings*. A salvaguarda das indústrias nacionais deve ser a nossa divisa no futuro e para alcançá-la incumbe ao Estado assegurar-lhes proteção e amparo e aos industriais cuidar do aperfeiçoamento técnico da produção, barateando-lhe o custo, melhorando-a em qualidade e estabelecendo padrões capazes de manter os mercados adquiridos.

Não é segrêdo que o nosso parque industrial, por antiquado e sobretrabalhado, deixará, em curto prazo, de produzir econômicamente. A previdência manda que nos resguardemos, fazendo reservas substanciais para a sua remodelação. Creio chegado o momento de cogitarmos da organização especializada de um banco de reconstrução industrial, para o qual concorram, na medida dos seus lucros, todos os interessados. Em lugar de desviar fundos da indústria para outras inversões, esta seria, parece-me, a melhor aplicação das disponibilidades apuradas no período excepcional que atravessamos. Em oportunidade idêntica, neste mesmo ambiente, já vos falei da necessidade de renovar a nossa maquinaria. Hoje quero

fazer-vos nesse sentido novo apêlo, que estou certo ressoará como palavra de estímulo e prudência. Evitemos que o futuro nos encontre com aparelhagem insuficiente e gasta porque isso fatalmente provocaria outra crise como a do decênio passado.

O êxito de tantos empreendimentos e o progresso atual de São Paulo não devem ser considerados frutos ocasionais de circunstâncias favoráveis, dádiva milagrosa do tempo. Resulta de uma convergência de esforços continuados e de fatôres fàcilmente apreciáveis. O espírito realizador dos homens de negócio, a colaboração ordeira e fecunda do operariado e o amparo governamental, evidenciado nas vultosas cifras já referidas, haviam de inevitàvelmente produzir tão admiráveis resultados. Registramos o acontecimento para reconhecer a conveniência de estreitar cada vez mais a cooperação entre o poder público e as classes produtoras, que precisam orientar-se num sentido construtivo, para através dos seus órgãos participarem da vida política da Nação e se libertarem definitivamente da influência facciosa dos corrilhos partidários. O Govêrno, que espontâneamente veio ao encontro das justas aspirações dos homens de trabalho, dando-lhes uma legislação social que pode servir de exemplo a outros povos, concita-os a se organizarem, constituindo uma fôrça poderosa e pacífica de opinião apta a decidir sôbre os rumos da vida nacional.

Contra tantos argumentos de fato — contabilizados, concretos, palpáveis — não valem atoardas, nada significam o vozear confuso e as objurgatórias cheias de contradições do negativismo demagógico. São Paulo vem dando ao país o exemplo de quanto pode o trabalho, a energia criadora, a coragem de empreender. O que a política eleitoral de conchavos e arranjos não permitiu aos numerosos chefes do Govêrno da República, saídos de São

Paulo, embora capazes e bem intencionados, fizessem pelo seu Estado, com isenção e destemor pôde realizá-lo outro brasileiro colocado acima das paixões regionalistas e das mesquinhas competições provincianas.

É oportuno apontar à vigilância do povo paulista, inteligente, realista e compreensivo, a existência no seu meio e provàvelmente noutras regiões do país de elementos perturbadores, empenhados em sabotar o nosso esfôrço bélico. Abusando da liberdade de que gozam, mesmo sob as leis da guerra, procuram espalhar a desconfiança, criar dissídios e intranqüilizar as populações laboriosas. Essa campanha derrotista é feita contra a administração, visando desprestigiar as personalidades que servem dedicadamente à Nação e atinge até as gloriosas fôrças armadas, no propósito de obstar a preparação do Corpo Expedicionário. Ninguém deve iludir-se quanto ao caráter quintacolunista de tais maquinações, que envolvem uma reduzida minoria de maus brasileiros — pessoas bem instaladas na vida e que se aproveitam largamente de situações excepcionais. Por sorte, em contraste com essa atitude *impatriótica*, os *simples trabalhadores* e operários, que não gozam sequer do confôrto que merecem, fazem o quanto podem para auxiliar o esfôrço do Brasil e dos seus aliados, produzindo materiais e transportando-os às usinas e às frentes de combate. Não fôssem êste exemplo tão digno de louvor e a cooperação decidida dos verdadeiros produtores, dos que trabalham e criam, talvez tivéssemos de lamentar o desprestígio do país no exterior. Reconforta ver como a Federação das Indústrias e o operariado paulista, acudindo às necessidades, organizam em colaboração com o Govêrno, através do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, o ensino profissional, que há de fazer, dos filhos dos trabalhadores, obreiros competentes e de alto rendimento.

A POLÍTICA ECONÔMICA DO GOVÊRNO

A renovação decorrente do movimento revolucionário de 1930 liquidou, de vez, as formas de oligarquia que cindiam o Brasil ameaçando-lhe a integridade. A nossa diretriz governamental tem sido uma luta permanente pelo que é fundamental para a Pátria: a unidade moral e a unidade econômica. Quaisquer que sejam os combates a travar, os obstáculos a transpor, os recalcitrantes a convencer, nada nos entibiará o ânimo. Nem ameaças, nem motins, nem agitações estéreis modificarão a serena decisão do Govêrno empenhado em atingir o supremo objetivo do reforçamento da unidade nacional. E para isso sei que posso contar convosco, gente paulista, descendente dos pioneiros dessa unidade — os heróicos bandeirantes, que dilataram os meridianos e se sentiram brasileiros em todos os paralelos. A vossa predestinação de homens do planalto é iniludível. Olhais do tôpo das serranias o Brasil total e podeis abandonar-vos à correnteza dos vossos rios que levam para o Sul, para o Norte, para o Oeste. Tendes a "vocação da unidade" como imperativo geográfico e determinação da própria história.

SENHORES

Acompanhar a vossa marcha rápida no caminho do progresso, apreciar a vossa evolução técnica é um espetáculo confortador para qualquer brasileiro patriota.

Agradeço as vossas homenagens e concito-vos a prosseguir nas realizações fecundas que atestam a prosperidade atual de São Paulo, apertando cada vez mais os vínculos de coesão e unidade para fazermos do Brasil uma grande e poderosa Nação.

Assistência ao trabalhador intelectual

(IMPROVISO INAUGURANDO O SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA AO TRABALHADOR INTELECTUAL, NO D. E. I. P. DE SÃO PAULO, A 21 DE DEZEMBRO DE 1943)

SUMÁRIO

Surprêsa agradável ao penetrar no recinto — O Serviço de Assistência ao Intelectual — O Brasil perfeitamente à vontade como aliado de guerra das Nações Unidas — Democracia não é demagogia, como liberdade não é licença nem anarquia — O Chefe da Nação sempre atento aos reclamos da consciência nacional — A voz da juventude nunca despercebida — Os antigos "pais-da-Pátria" eram padrastos das letras — Apôio moral e material do Govêrno ao Serviço de Assistência ao Intelectual.

SENHORES

Devo confessar-vos que ao entrar nesta sala não sabia bem o que aqui se realizaria; quero, por isso, dizer-vos da minha surprêsa, da agradável surprêsa de encontrar neste pequeno recinto tão seleta assistência, composta de professôres, estudantes, escritores, jornalistas e representantes de tôdas as profissões liberais.

Acertadamente se exprimiram os que antes de mim disseram que o Brasil ao lado das Nações Aliadas, neste momento de guerra, se sente perfeitamente à vontade, defendendo a mesma causa, porque pelas suas tradições, pela sua organização, pela sua vida social é um país democrático. E assim falando somos sinceros e não mostramos qualquer receio em pronunciar a palavra democracia. Apenas entendemos que democracia não é demagogia, como liberdade não é licença nem anarquia.

À frente do Govêrno e como administrador costumo permanecer sempre atento aos reclamos da consciência nacional. Neste recinto, ouvindo professôres, estudantes, jornalistas e escritores, considero-me em contacto direto com a inteligência brasileira, que em São Paulo possui tantas e tão belas expressões. Nunca fui surdo à voz dos moços, sobretudo quando traduz coragem e ardor patriótico. O cântico da juventude desperta em meu coração profundas ressonâncias, sentimentos de compreensão e magnanimidade. E aqui me encontro, portanto, à vontade, apesar de comovido, compartilhando as aspirações dos intelectuais e reconhecendo-as justas.

Havia antes o hábito de chamar "pais-da-Pátria" os representantes do país no Congresso Nacional e se re-

petia que êles eram também padrastos das letras. Hoj não há mais "pais-da-Pátria", mas os que se consagran ao seu serviço, como responsáveis pelos poderes públicos não podem deixar de ver com simpatia especial a fun dação do Serviço de Assistência ao Trabalhador Inte lectual.

Tôdas as atividades produtivas representam um coe ficiente econômico útil à coletividade. Deve correspon der-lhes, portanto, retribuição equitativa, capaz de asse gurar existência condigna a quem as exerce com profi ciência. Estão no caso as profissões intelectuais que, d um modo geral, ainda não são entre nós bem remuneradas É certo que a situação modificou-se para melhor ùltima mente. Os jornalistas e os professôres eram os mais sa crificados pelos salários baixos. Hoje vivem com maio desafôgo e consideração social. Mas devemos reconhece que têm direito a melhorar ainda mais econômicamente e para consegui-lo torna-se necessário conjugar e disci plinar os esforços de todos os interessados.

É com êste espírito de compreensão e simpatia qu vos falo neste momento, louvando e apoiando a oportuna iniciativa da fundação do Serviço de Assistência ao Tra balhador Intelectual.

A lavoura de São Paulo e o desenvolvimento econômico do Brasil

(IMPROVISO NO PARQUE DA ÁGUA BRANCA, EM SÃO PAULO, AGRADECENDO O ALMÔÇO OFERECIDO PELOS LAVRADORES PAULISTAS, A 22 DE DEZEMBRO DE 1943)

SUMÁRIO

Os agricultores de São Paulo demonstram descender dos antigos bandeirantes — A lavoura paulista apresenta características próprias no desenvolvimento do Brasil — O café e a sua importância numa fase econômica do país — Os entrechoques da concorrência e a procura de novas fontes de riqueza — A indústria canavieira do Nordeste e o plantio paulista da cana de açúcar — A cultura algodoeira tradicional do Norte e a iniciativa vitoriosa de São Paulo — Novas responsabilidades que se impõem à lavoura paulista — A guerra e a atividade dos brasileiros — O exército da retaguarda e o seu dever — Necessidade de multiplicar a produção — Um ruralista e agrônomo no Govêrno de São Paulo.

SENHORES

Vejo aqui reunidos os agricultores de São Paulo ao lado dos representantes da administração estadual e dos prefeitos municipais, resumindo verdadeiramente as atividades gerais do Estado.

Todos os que trabalham a terra desempenham preponderante função econômica e social. O caso particular de São Paulo exemplifica perfeitamente essa afirmativa.

Transformados embora pelas influências de uma civilização nova, os descendentes dos bandeirantes continuam homens da terra, explorando-a no constante empenho de uma mais completa apropriação das suas riquezas. No ambiente rude em que atuaram os pioneiros das entradas souberam realizar, com o bacamarte e a espada, uma obra gigantesca, tal como fazem nos modernos tempos, com o arado e a enxada, os paulistas de têmpera bandeirante. Pela tenacidade dos esforços, pela coragem com que se lançam aos empreendimentos e pela orientação técnica que imprimem ao trabalho, os lavradores paulistas conseguem superar tôdas as dificuldades.

Numa fase característica da nossa expansão econômica o café chegou a ser a principal riqueza do país. As cambiais de exportação eram proporcionadas pela produção cafeeira, que figurava nas estatísticas com mais de 70%. Criação modelar da energia paulista o café constituiu por muito tempo o ponto de apôio da economia nacional.

Os entrechoques da concorrência e as perturbações de todos conhecidas, que seria inoportuno relembrar, obri-

garam-nos a explorar novas fontes de riqueza. Tornava-se imperioso descobrir outra cultura de rendimento certo e vantajoso. Vimos desde logo as colinas paulistas se cobrirem de laranjais floridos, curando desalentos e refazendo fortunas. Durante muito tempo a indústria açucareira foi a produção principal do Nordeste. Certo dia São Paulo resolveu plantar cana de açúcar. Os canaviais nordestinos definhavam depauperados pelo "mosaico". São Paulo importou cana imunizada de Java. Criava-se assim nova indústria, que do açúcar passou ao álcool e se expande nas destilarias, tão necessárias no momento em que nos falta combustível. O algodão era também uma cultura tradicional do Norte. São Paulo decidiu por sua vez cultivá-lo e o fêz de tal maneira que suplantou as lavouras existentes. Com assistência técnica e sementes selecionadas obteve o que nos faltava: um tipo próprio de rendoso aproveitamento para transformação industrial.

Eis alguns exemplos do que tem feito a lavoura de São Paulo. Não poderia, portanto, faltar-lhe o apôio governamental. Contudo, à lavoura paulista impõem-se nesta hora outras responsabilidades e ela as aceita resolutamente. Arrastados à guerra os brasileiros aprestam-se para a luta. Aquêles que não marcham para a frente de batalha formam o exército da retaguarda e precisam prover as fôrças armadas de tudo quanto necessitam. Vós, lavradores, sabeis o que vos cumpre fazer. Multiplicai as colheitas. Todo aquêle que, dispondo de um trato de terra e podendo cultivá-lo não o aproveita, entrava o esfôrço de guerra, não procede como bom brasileiro e, mais do que isso, contribui para o encarecimento da vida; porque, se não planta e não produz é obrigado a adquirir dos outros, tornando-se concorrente no consumo.

Entreguei a administração do Estado a um homem da vossa classe — um ruralista e agrônomo que tem a

vossa simpatia e a minha confiança. Trabalhador da terra, como vós empreendedor e entusiasta, será para todos um companheiro decidido e uma garantia de êxito no esfôrço comum.

Era o que tinha a dizer-vos. Continuai a produzir mais e melhor. Exercereis assim a vossa atividade no sentido mais útil, realizando ao mesmo tempo alto labor patriótico.

Academia Brasileira de Letras

(DISCURSO PRONUNCIADO NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, EMPOSSANDO-SE COMO SUBSTITUTO DO ACADÊMICO ALCÂNTARA MACHADO, A 29 DE DEZEMBRO DE 1943).

SUMÁRIO

A atividade intelectual como imposição da vida política — Nunca pretendeu ser um escritor de ofício — Atração pelas inteligências cultas e pelos espíritos de alto quilate moral — A "Casa de Machado de Assis" em seu início e o divórcio entre a pura análise espiritual e a aplicação às chamadas atividades práticas — Simbiose operada entre os homens de pensamento e os homens de ação — Processo de integração social que a todos disciplina em sentido útil à coletividade — O papel das Academias — Visão global das responsabilidades acadêmicas — A Cadeira n.º 37 — Tomás Antônio Gonzaga e a participação do poeta num movimento de emancipação da terra brasileira — Sentimento de justiça, independência e anticolonialismo — Os dois primeiros ocupantes da Cadeira n.º 37 — Para Silva Ramos conhecer e escolher era mais grato que inventar e produzir — Antônio de Alcântara Machado — O amor à terra e o culto dos antepassados — Testamento patriótico — Antagonismo de duas gerações — Os antigos sertanistas e os modernos mamelucos — A transformação dos adventícios em autênticos e bons brasileiros — Aspectos singulares da fisionomia moral de Alcântara Machado — Perfil do professor Brasílio Machado — Alcântara Machado jurista — A organização do Código Criminal — O forte sentido de solidariedade humana do escritor e a sua atuação acadêmica — O Brasil realizou a sua emancipação econômica, constrói agora a sua emancipação política e inicia finalmente a sua emancipação cultural — À Academia Brasileira de Letras cabe função preponderante na execução dessa magna tarefa.

SENHOR PRESIDENTE

SENHORES ACADÊMICOS

A atividade intelectual é para mim uma imposição da vida política, que exige de quem a ela se consagra a obrigação de comunicar-se com o público com precisão e clareza, explicando idéias e problemas de govêrno, esforçando-se por fazer-se ouvir e compreender.

Não sou e nunca pretendi ser um escritor de ofício, um cultor das belas-letras, embora tenha me habituado, desde moço, à amável convivência de poetas e romancistas, como leitor e admirador comovido das suas obras. Porque não hei de reconhecer também, numa confissão escusável nestas circunstâncias, a atração que sempre exerceram sôbre mim os homens de pensamento, as inteligências cultas e desinteressadas, os espíritos de alto quilate moral, possuidores do divino dom de transmitir aos seus semelhantes as conquistas culturais, os anseios piedosos, os arrebatamentos da paixão e da fé?

Mas, tudo isso de que vos falo está longe de definir os méritos de um escritor, de legitimar pretensões à partilha dos louros e das glórias a que têm direito os príncipes da poesia e os mágicos exploradores dos reinos da ficção.

A "Casa de Machado de Assis" parecia reservada, nas minhas reflexões, aos homens votados à criação artística e ao estudo desinteressado dos problemas culturais. Não a considerava gleba apropriada ao rude amanho dos agricultores, mas terreno escolhido e tratado, onde os jardineiros operam milagres de beleza e colorido.

Nascida sob a invocação da Academia Francesa, por ela modelada, teria certamente o destino de servir de refúgio e assegurar repouso amável aos espíritos serenos, que olham a vida em têrmos de categoria filosófica e usam as lentes da perspectiva histórica para observar com imparcial frieza os acontecimentos da atualidade.

Sem dúvida, as circunstâncias da vossa fundação delatavam o divórcio então existente entre a pura análise espiritual, a seriação e o estudo da realidade através das artes e as atividades chamadas práticas.

Naquele remanso do fim do século, passadas e esquecidas as agitações que auspiciaram o advento da República, políticos e administradores caminhavam de um lado e intelectuais do outro, ocupando margens opostas na torrente da vida social.

Por uma deformação lógica sentiam-se quase incompatíveis. As alterações da semântica retratam, melhor do que amplas razões, essa situação de fato. Poeta era, ao tempo, sinônimo popular de lunático, pessoa ausente, habitando um mundo de fantasias e imagens; literato traduzia, num pejorativo brando, o teórico, pés fora do solo, cabeça nas nuvens, alheio às realidades quotidianas e convencido de poder ajustá-las aos esquemas simplistas da construção dialética.

Em ambiente assim, era inevitável, as energias sociais dispersavam-se estèrilmente e o desdém do *espírito* pela *matéria* tomava formas quase extravagantes. Para o homem de letras, as palavras político, industrial, administrador, tinham igualmente um sentido alterado: significavam estreiteza de vistas, incapacidade imaginativa, grosseiro trato com as coisas belas da vida e os seus valores supremos. Para ser um exemplar dessa fauna tornava-se necessário ignorar as rosas, os poentes, as sutilezas da linguagem, o aguçamento de um sarcasmo e a finura de uma ironia.

Explicavam uns e outros, através de conceitos voluntàriamente truncados, o desdém recíproco e a mútua desconfiança. Os literatos reclamavam o isolamento, a tôrre de marfim, a impassibilidade marmórea, e essa atitude se refletia na própria preferência pelas imagens do reino mineral, tão do gôsto dos poetas mais celebrados do tempo. Os homens de ação, dedicados às tarefas práticas, desacreditavam, por seu turno, as possibilidades reais dos que sabiam pensar e dizer.

Não há novidade em declarar, por conseguinte, que a primeira fase da vossa ilustre instituição decorreu à margem das atividades gerais, enquanto o Estado, a administração, a sociedade civil evolviam e se transformavam. Só no terceiro decênio dêste século operou-se a simbiose necessária entre homens de pensamento e de ação. Hoje vemos em vosso meio, compartilhando a imortalidade com poetas e romancistas, representantes das profissões liberais, juristas, historiadores, políticos e até industriais. É admirável que isso aconteça. Os valores da inteligência são multiformes, resultam de múltiplas e fecundas aplicações. Os modernos processos de integração social não podem malbaratá-los e a todos disciplinam, num sentido útil, para maior bem da coletividade.

O papel das Academias não é, na atualidade, o que Chapelain atribuía à Academia Francesa: "Fazer um grande dicionário e fiscalizar a língua." É mais importante, mais amplo e profundo.

Não corresponde, evidentemente, a uma instituição acadêmica vanguardear os movimentos revolucionários em arte e cultura. Também não lhe corresponde atuar do lado extremo, permanecendo fechada num conservantismo estreito e reacionário. Cabe-lhe, no conjunto das atividades gerais, uma função ativa, coordenadora de tendências, idéias e valores, capaz de elevar a vida intelectual

do país a um plano superior, imprimindo-lhe direção construtiva, fôrça e equilíbrio criador.

Foi com essa visão global das responsabilidades acadêmicas que aceitei um lugar na vossa Ilustre Companhia, honrado com a escolha, que considero homenagem excepcional, e disposto a trabalhar convosco pela afirmação da nossa cultura, interessando-a na solução dos grandes problemas da nacionalidade.

Eleito para a Cadeira 37, venho sentar-me entre vós, sob o patronato de Tomás Antônio Gonzaga, na sucessão de Silva Ramos e Alcântara Machado. Não me poderia sentir melhor em qualquer outra. O poeta da Inconfidência Mineira alcançou essa consagração mais pelo seu destino político que pela expressão da sua arte poética, aliás formosa.

Numerosos foram os homens que, pela época, interpretaram em verso os anseios sentimentais, as dúvidas amorosas, os conflitos do desejo e das possibilidades. O que singularizou a figura daquele desembargador do século XVIII não foi certamente a inovação literária, a inspiração de grandes vôos ou a criação lingüística, como aconteceu com Dante e Camões. A sua lírica é similar à de todos os poetas do tempo. Reflete idênticas influências, repassa consabidos modismos, veste-se com as mesmas galas retóricas. Versejar parecia, então, sestro generalizado, diversão preferida das classes cultas. Se desde os clássicos da língua se admitia que "não fazem dano as musas aos doutôres", contavam com absolvição antecipada os governantes poetas, os líricos magistrados.

Essa produção literária oferecia, entretanto, pouca ou nenhuma originalidade. Seguia invariàvelmente regras aprendidas a modo de ofício manual e a temática restrita dos modelos. Tomás Antônio Gonzaga, que é o nosso exemplo, vivendo em Vila Rica, cidade colonial das Minas Gerais — cheia de pretos da mineração, de

brigas de garimpeiros, de façanhas de contrabando — não nos apresenta, nas suas composições, um esbôço sequer da vida ambiente. A mais leve referência ao meio é esquecida. As suas poesias não se enbeberam do cheiro estonteante da terra moça. As pastoras, os zagais, os pegureiros, que invoca e canta, não passam de simples expressões de um dicionário ignorado na colônia do ouro e das pedras, consumida pela febre das riquezas e do luxo que a Inglaterra e a Flandres produziam e Portugal importava e pagava com larguezas de perdulário.

Não foi, por conseqüência, essa literatura de amôres infelizes, tão comum em tantos autores da época, o que elevou a herói o patrono desta Cadeira. A projeção excepcional da personalidade do cantor de Marília resultou da sua atuação política, da sua participação num acontecimento que objetivava emancipar a grande terra brasileira, ausente na obra do poeta e presente na existência do homem.

O verdadeiro patrono da Cadeira 37 não é, a rigor, o lírico de "Marília de Dirceu". A poesia influiu na escolha como mera circunstância. A homenagem do patronato equivale a um preito de admiração à memória do poeta que se ligou a uma nobre causa e por ela padeceu o degrêdo e a morte expatriada. Iluminado por um sentimento de justiça, de independência, de anticolonialismo, Tomás Antônio Gonzaga legou-nos, ultrapassando a sua vocação lírica, a ascendência de uma vocação política sacrificada pela emancipação do Brasil.

Os fundadores da Academia tiveram, ao contrário do que se tem dito, uma iniciativa feliz, ao retirarem do hagiológio pátrio o nome do herói, confiando-lhe o destino de uma Cadeira, que parece fadada a recolher os que, noutros tempos e por outros caminhos, se devotam ao engrandecimento da Nação, decididos a servi-la sem medir esforços.

Já originou observações curiosas a coincidência de ter sido português pelo sangue o patrono da Cadeira 37 e português pela formação literária seu primeiro ocupante. Silva Ramos, filólogo, pensando e escrevendo em moldes clássicos, era, realmente, um filho espiritual de Coimbra, exilado no Rio de Janeiro, entre gentes que deslocavam pronomes e abusavam dos gerúndios.

O fenômeno não é novo e o vemos repetir-se na América com desusada freqüência. Deriva claramente da herança lingüística. Os idiomas dos grandes grupos sociais originários da Europa tendem a retornar aos antepassados, numa forma de hereditariedade semelhante à do mundo biológico.

Fiel à mentalidade de herança, que se fortalecera definitivamente na fase de formação cultural, Silva Ramos não se preocupou em readaptar-se às exigências do meio em que veio viver e trabalhar. Certamente, isso não lhe parecia necessário. A língua era e ainda é o único instrumento de expressão entre os dois povos e o laço mais forte de consangüinidade capaz de manter em contacto íntimo e fraternal brasileiros e portuguêses. Ficou tal como veio de Coimbra, exercendo com serenidade compreensiva a missão de mestre da boa linguagem. Foi um gramático, classificação que, apesar de parecer hoje um tanto pejorativa, corresponde exatamente a certos períodos culturais em tôdas as latitudes. Com a perspectiva do tempo poderemos dizer que preferiu ser um selecionador a ser um criador. Conhecer e escolher afigurava-se-lhe talvez mais grato que inventar e produzir.

Em 1931, sucedeu a Silva Ramos o Professor José de Alcântara Machado de Oliveira, que, durante um decênio, emprestou à Academia o brilho do seu pensamento e da sua cultura séria e extensa.

Alcântara Machado representava entre nós uma estirpe mental de linhas fortes e bem definidas. Possuía

uma formação cultural sólida e de amplos horizontes. Essa formação não se fizera, entretanto, com sacrifício da personalidade, que se constituiu reta e em constante ascensão, obedecendo a fundamentos morais de nítida influência cristã e encerrando, segundo o conceito de Maritain, a totalidade dos atributos humanos. Militante da cátedra, militante da política, exercendo no seu meio tão fecundo — a velha Faculdade de Direito de São Paulo — ação direta e pessoal como professor e mais tarde diretor, foi literàriamente uma tradicionalista.

As épocas passadas encontravam nêle ressonâncias duradouras. Aprendera com Renan a considerar a tradição o mais forte fundamento da idéia de Pátria. Homem do seu tempo, apercebido das realidades atuais, compreensivo e plástico na atuação social, admirava os antepassados, celebrava-lhes os feitos e sentia-se perante êles herdeiro responsável das suas qualidades e virtudes.

O livro de estréia literária de Alcântara Machado — décimo trabalho publicado, porque até aí só as letras jurídicas o preocupavam — é "Vida e Morte do Bandeirante". Todos vós conheceis essas páginas admiráveis. Retratando o viver simples, austero e frugal dos desbravadores e pioneiros das terras altas do Brasil, o autor se entrega a uma tarefa grata aos seus sentimentos tradicionalistas. Não se trata de um trabalho de pura reconstrução histórica. Por certo, se enquadra no gênero perfeitamente. Sobra-lhe exatidão documental e a recomposição da vida social da época se desdobra em quadros descritivos quase fotográficos, sem omitir a localização dos fatos, fixando-os à paisagem e aos seus acidentes caracterizadores. Sabia, naturalmente, que a história deriva da geografia. Colocando as personagens no seu meio, identificando-as com êle, conseguiu apresentá-las completas, talhadas, como deveriam ser na realidade, num único bloco. Ali estavam associados, inseparáveis, os dois ele-

mentos conformadores da personalidade de Alcântara Machado: — o amor à terra e o culto dos antepassados. Dêles tirava, como Barrès, a sua lei de equilíbrio no seio de uma sociedade em crescimento, que se alargava em círculos maiores de diversificação à medida que lhe vinham de fora, de outras latitudes, contingentes étnicos de vária origem, portadores de novas fôrças de conquista e de novos processos de apropriação econômica. Vendo chegar os adventícios, o coração de Alcântara Machado se confrangia e o seu espírito se povoava de interrogações sôbre o futuro.

É fora de dúvida que o confronto entre os dois quadros — o da expansão bandeirante e o da incorporação imigratória — sobressaltava-o e enchia-o de temores. A propósito, devemos lembrar uma passagem do discurso que pronunciou na Academia Paulista de Letras, em setembro de 1940.

"Porque não nos iludamos, dizia. Aqui está se desenrolando a luta silenciosa e subterrânea, mas incessante e encarniçada, dos adventícios entre si e de todos contra nós. Agrava-se de momento a momento o perigo, já anunciado por alguém, de nos tornarmos uma colônia como as demais neste chão conquistado, fecundado e mantido ileso pela coragem e pelo trabalho dos nossos maiores.

"Por mais que se digam, e mesmo que sinceramente se esforcem por ser brasileiros, não o são, nem podem sê-lo, os recém-chegados. Faltam-lhes aquela integração no espírito da grei, aquela impregnação profunda da sensibilidade pela natureza, que vem do nosso lastro hereditário e determina o nosso modo e a nossa razão de ser. À ação de presença dêsses representantes de raças tão distantes, preocupados com a satisfação de interêsses imediatos, não será ousadia atribuir o declínio sensível das nossas virtudes tradicionais.

"Aí está o que nos deve apavorar. É a possibilidade de que um dia se desnature a alma coletiva, substituída por outra, feita de retalhos de tecidos disparatados. Retomam-se províncias arrancadas pelo inimigo; mas, não se consegue jamais reaver consciências anexadas ao estrangeiro. Contra essa eventualidade, tornada mais temerária hoje em dia pelas tendências dominantes em certos países, que convertem cada emigrado em instrumento de expansão imperialista, urge que mobilizemos tôdas as energias."

As palavras de Alcântara Machado no discurso citado são as últimas que se lhe ouviram antes que a morte o roubasse ao convívio dos amigos e ao serviço das letras. Poderíamos considerá-las o seu testamento patriótico em face das provações da nova guerra e das incertezas do futuro para as nações jovens, de fraca densidade demográfica, abertas à imigração e desarmadas. Mostram, ainda, como era forte, no conjunto das suas qualidades de homem culto, o sentido da responsabilidade pública, sempre alertado nas situações em que teve de atuar, como professor, político, historiador, escritor ou jurista. E não é demais acentuar o equilíbrio, a serenidade, a dignidade das suas atitudes nos prélios onde foi chamado a opinar. Na cátedra, na tribuna parlamentar, nos concílios partidários, era sempre o mesmo — fidalgo na compostura, discreto no dissentir, firme sem jactâncias, lúcido no pensar e elegante no dizer.

Como instrumento de expressão a linguagem por êle usada em tôdas as circunstâncias aparecia dúctil, pulcra, transparente, cheia de ressonâncias clássicas, revelando um escritor com recursos excepcionais de estilo e de idéias. Em Alcântara Machado podemos comprovar o acêrto de Sainte-Beuve quando afirma que — "um pensamento firme e vivo já se apresenta necessàriamente com a sua forma completa de expressão".

Antes de ir adiante, quero anotar uma observação marginal sôbre a atitude do autor de "Vida e Morte do Bandeirante" relativamente ao problema da assimilação dos contingentes imigratórios. Já sabemos como era êle amoroso da terra, profundamente enraizado ao solo pátrio. O livro em que evoca, magistral e comovidamente, o pioneirismo paulista dedica-o a membros da família, remontando a "Antônio de Oliveira, chegado a São Vicente em 1532". Reata, assim, os laços de ascendência a velhos troncos patrícios dos primórdios da colonização portuguêsa.

Alguns anos antes — eis o curioso desencontro — Antônio de Alcântara Machado, filho mais velho do nosso ilustre companheiro, publicava o seu primeiro trabalho literário, dando-lhe por título os nomes de três bairros populares de São Paulo e dedicando-o "aos novos mamelucos", isto é, aos pioneiros do progresso paulista nos dias recentes do afluxo imigratório. E, ao invés de escrevê-lo na linguagem apurada que tanto elevou o nome do pai como escritor, utilizou-se do idioma dialetado dos descendentes de italianos, fazendo excelente literatura com os casos do quotidiano nas ruas movimentadas dos bairros industriais.

Aparecia, flagrante, a contradição. Para o filho os bandeirantes do pai valiam tanto quanto os seus condes papalinos, os seus pequenos industriais prósperos e outros humildes adventícios, construtores anônimos do engrandecimento da cidade. Enquanto aquêle evocava, orgulhoso, os sertanistas e desbravadores da era do ouro e das pedras, o outro olhava com admiração os homens novos, lutando dentro da floresta das chaminés fumegantes, espetadas irreverentemente para os céus.

Compreendemos, desde logo, o antagonismo das duas gerações representadas pelo pai e o filho, com as suas transformações de mentalidade e diferenciação social.

Com quem estaria a razão? Talvez Alcântara Machado houvesse formulado a pergunta a si mesmo e nos tivesse dado a resposta na passagem da magnífica oração acadêmica anteriormente lembrada. Fácil seria certamente resolver o dissídio sem recusar razões a ambos. Limitemo-nos, porém, à anotação do fato em si, evitando juízos que os mortos não podem contestar e aproveitando-o para mostrar como se apresenta, nos nossos dias, imperioso e contingente, o problema da incorporação dos imigrantes aos núcleos da população nacional. A atualidade, com os tremendos ensinamentos da guerra, está a indicar o único caminho possível: — apressarmos, por todos os meios, a transformação dos adventícios em autênticos e bons brasileiros.

Depois desta digressão, retomemos o fio das considerações anteriores para fixar aspectos singulares da fisionomia moral de Alcântara Machado e marcar os ritmos da sua marcha vitoriosa desde os bancos acadêmicos até alcançar o mais alto plano da consagração literária.

Todos os adolescentes — opinam alguns psicólogos demasiado imaginosos — levam consigo, ao entrar no mundo dos descobrimentos e surprêsas que a idade lhes reserva, um arquétipo, um modêlo da personalidade, "aquêle que desejariam ser" e cuja maneira de viver desejariam repetir. Escolhido o modêlo procuram imitá-lo pelos anos afora, muitos sem êxito, outros com simples aproximações, alguns logo desiludidos da difícil emprêsa. Há ainda os que se desencantam nas primeiras experiências de adaptação e os que teimam em seguir padrões antípodas e incompatíveis com as tendências do temperamento e as condições de tempo e de meio. São, geralmente, os casos que mais se fazem notar pelo disparatado dos contrastes e a incongruência das atitudes postiças e caricaturescas. Não vemos por aí, com tanta freqüência, tartamudos que se julgam Demóstenes; pesquisadores de biblioteca que se

consideram grandes eruditos; militares, políticos e estadistas empolgados pela imitação das figuras históricas de Napoleão, Alexandre e César? Quantos dêsses desencontros, dessas falsificações de modelos estarão a interferir desastrosamente no destino dos homens e dos povos?

Se tomássemos a sério a estranha teoria, as verificações da sua aplicação haveriam de ser decepcionantes. Não, certamente, em relação a homens como Alcântara Machado, cujo arquétipo nenhum trabalho daria descobrir, tal a confessada fidelidade com que o seguiu, honrando-o consciente e exemplarmente. Nunca o ocultou e em todas as circunstâncias teve-o presente como supremo mentor das suas diretrizes morais e das suas conquistas de homem de pensamento. Era o pai, era Brasílio Machado, cuja biografia escreveu com tanto carinho e devoção filial.

De Alcântara Machado podemos dizer que foi um menino-moço. Cresceu e educou-se sob a direta e imediata influência paterna. Brasílio Machado, professor, advogado, político e orador, marcou-lhe os rumos da existência desde os passos iniciais. Precoce, reconcentrado, estudioso — aos 21 anos se fazia professor na mesma escola onde pontificara o pai. A tese com que disputou a cadeira — um trabalho completo sôbre medicina legal — revelou-o uma inteligência vigorosa, honesta e armada com os melhores recursos da cultura jurídica e das letras clássicas. Daí por diante, nenhuma hesitação na marcha. Entregou-se a outros trabalhos, como advogado e político, e os realizou com a mesma segurança e elevação de idéias.

Poucos contactos pessoais tive com Alcântara Machado para considerar-me habilitado a falar do seu feitio íntimo, das linhas do seu caráter, dos seus sentimentos e reações diante dos atos humanos e dos acontecimentos sociais. O que recolhi, porém, confirma substancialmente o testemunho dos amigos e dos que o conheceram

mais de perto. Muitos se referem à sua bondade acolhedora, à timidez que parecia dominar-lhe os movimentos e dar a quem não o conhecia uma falsa impressão de soberba e superioridade estudada. Não me parece que êsse fôsse, realmente, o "defeito honesto" do seu caráter. A timidez nos espíritos cultos e sensitivos, fáceis de ser atingidos simultâneamente pelos caminhos da emoção e da inteligência, não passa as mais das vêzes de uma disposição espontânea da personalidade. O tímido é geralmente um fraco de vontade. Nas suscetibilidades exageradas, nas tensões e afrouxamentos das reações nervosas, ora amortecidas, ora abruptas, deixa-se surpreender aos primeiros contactos. Faltam-lhe, por isso mesmo, nas ações e na maneira de comportar-se, os nexos de continuidade e de serenidade, que são visíveis e persistentes nos temperamentos equilibrados, sadios e fortes. Alcântara Machado escapava, evidentemente, à classificação de tímido. Nos atos e nos modos de agir demonstrou sempre uma coragem serena e uma vontade firme. Poderiam levá-lo por convencimento a transigir, mas não o obrigariam jamais a desistir por imposição ou temor. Era, apesar disso, — afirmam quantos lhe desfrutaram a convivência e o trato fidalgo — um afetivo. Não se confiava fàcilmente a intimidades, mas reservava para os amigos uma constante e enternecida assistência. O que o fazia parco em expansões e o colocava na posição de quem não quer ser visto talvez fôsse o receio de parecer falso e metediço, quando o seu empenho maior consistia em guardar fidelidade a si mesmo. Pertencendo a uma geração de crise — a de 1890 — teve oportunidade de conhecer períodos de depressão, de prosperidade geral e de sérios traumatismos políticos. Recolhera, na fase de formação, as últimas influências do romantismo e sofreu as primeiras inquietações do século. Explica-se, assim, por que ao atingir a idade madura, desfeitas muitas ilusões e embebido de

resignação cristã, viesse a considerar "a vida uma grande lição de humildade".

Os últimos anos de existência consagrou-os Alcântara Machado a dois trabalhos totalmente diferentes: — a biografia de Brasílio Machado e o Código Criminal Brasileiro.

O estudo biográfico do pai assinala mais um marco definitivo na carreira do escritor. Executou-o com cuidados enternecidos. O perfil do notável professor vale por uma perfeita reprodução da sua personalidade. Brasílio Machado possuía, indiscutìvelmente, títulos de sobra para destacar-se no meio em que viveu e atuou. A inteligência pronta, a cultura jurídica, a combatividade, faziam-no admirado e respeitado como mestre e causídico. Possuía porte tribunício, flama e audácias verbais de autêntico orador. Era, também, capaz de devotar-se a causas nobres e desinteressadas. Firme de caráter e de convicções, quando renunciou às lutas partidárias não o fêz para encerrar-se no cômodo silêncio do conformismo. Católico praticante, antes dos 20 anos converte à religião o próprio pai, velho brigadeiro maçom, anticlerical, excelente protótipo dos homens do Primeiro Império. Completa, afinal, brilhantemente o ciclo da sua projeção social, batendo-se, como diria o filho, "pela recristianização do Brasil, pela volta ao espiritualismo de uma terra que ao espiritualismo cristão deve em grande parte seu crescimento e sua unidade".

O jurista, em Alcântara Machado, antecipou-se ao homem de letras. A parte mais sólida da sua cultura, a sistemática dos conhecimentos, a orientação filosófica, foram aquisições feitas na mocidade, durante o curso de Direito, na velha e gloriosa Faculdade de São Paulo. Ao ingressar no professorado a sua mentalidade já estava definitivamente conformada e apta a aplicar-se com segu-

ro equilíbrio. Foi, por isso, um mestre completo e um causídico de rara proficiência.

A organização do Código Criminal vem a ser, por conseguinte, uma espécie de coroamento das atividades do jurista, do professor e do advogado. Foi-lhe confiada numa hora de transição política, quando se mudavam as instituições para cuja adoção o parlamentar decisivamente contribuíra. Lembro a circunstância para salientar como o político sabia sobrepor-se, serena e patriòticamente, às contingências dos acontecimentos. Esquecendo-se de si, superior às suscetibilidades e às decepções, esteve sempre pronto a aplicar o saber e a sacrificar as comodidades pessoais em proveito das iniciativas úteis à coletividade.

Apraz-me destacar, mais uma vez, êsse traço marcante da personalidade de Alcântara Machado. O sentido da solidariedade humana era nêle tão forte como a vontade de realizar. Pensava certamente com Montaigne que "quem não vive de algum modo para os outros mal vive para si".

Nas atividades de acadêmico conduziu-se com idêntica elevação de espírito. Já o disseram melhor do que eu, por ocasião da sua morte, os eminentes confrades congregados em sessão para celebrar-lhe a memória. No acervo dos seus trabalhos, as orações acadêmicas representam uma contribuição literária destinada a durar e a incorporar-se ao patrimônio cultural do país. São páginas vigorosas de penetração crítica, saturadas de sentido humanista, onde o escritor se mostra na plenitude dos seus recursos de expressão. Lembremos, nos discursos de posse e recepção que pronunciou, os juízos sôbre Silva Ramos, Luís Guimarães Júnior, João Ribeiro e Joaquim Nabuco. A precisão dos conceitos, o exame das ascendências culturais e os nexos históricos indispensáveis em trabalhos críticos de ampla estruturação, transformam os perfis

traçados numa galeria rica de conteúdo espiritual e de interêsse humano.

Alcântara Machado trouxe para os trabalhos acadêmicos a sua deslumbrada capacidade de compreender e aquilatar, sem restrições ideológicas e preconceitos de escola, os valores fecundos da inteligência. Acreditava no préstimo social dos intelectuais e na função política da literatura.

A existência de instituições como a nossa não encontraria justificação plausível no conjunto das atividades sociais se limitássemos a sua esfera de ação à tarefa de selecionar e consagrar, dentro das fronteiras do país, as glórias literárias. É o que se pode concluir também, atentando para a feição peculiar da obra de Alcântara Machado e evocando as palavras magistrais da parte final da sua oração de posse, quando afirma caber à Academia, "que é a expressão luminosa do pensamento e da sensibilidade nacionais, o dever, de que jamais desertou, de apertar os elos de solidariedade, por uma compreensão e um conhecimento mais perfeitos, entre os brasileiros de todos os Estados".

Encerra essa afirmação todo um programa de atuação construtiva e nacionalizadora. A Academia, preciso é reconhecer, já começou a executá-lo desde o momento em que abriu as portas da imortalidade aos representantes da inteligência brasileira vindos dos diversos quadrantes geográficos e considerados expoentes legítimos nas letras, na sociologia, na medicina, na administração e nas ciências em geral. Cumpre-lhe, apenas, desenvolvê-lo, ampliá-lo, exercendo uma espécie de judicatura sôbre a vida mental do país, preparando uma atmosfera de interêsse e de respeito pelas criações intelectuais, estimulando as vocações e facilitando-lhes o acesso às fontes de revigoramento e renovação espiritual.

NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

O Brasil realizou a sua emancipação política, constrói agora a sua emancipação econômica e inicia, finalmente, a sua emancipação cultural. As responsabilidades dessa magna tarefa têm de recair necessàriamente sôbre os intelectuais e os homens de pensamento. A Academia Brasileira de Letras não reúne a todos, mas dispõe de mêios para congregá-los, oferecendo o exemplo dos seus ilustres membros, que não se recusarão a consagrar a tão alta emprêsa o que melhor possuem como expressão de inteligência, de generosidade, de fé patriótica.

Brasil e as suas fôrças armadas nas tarefas árduas da guerra

(DISCURSO PRONUNCIADO NO ALMÔÇO OFERECIDO PELAS CLASSES ARMADAS — EXÉRCITO, MARINHA E AERONÁUTICA — A 31 DE DEZEMBRO DE 1943)

SUMÁRIO

Almôço de camaradagem e confraternização das classes armadas — Reflexo das circunstâncias extraordinárias atuais do mundo na vida individual e coletiva dos brasileiros — Tarefas árduas e de sérias responsabilidades para o Brasil em 1944 — Os soldados, marinheiros e aviadores do Brasil provam a sua resistência e valor combativo — Contingentes de todos os Estados formarão o Corpo Expedicionário — Cumprimento das obrigações livremente assumidas perante os nossos aliados — Posição única de representantes mais numerosos da cultura latina no grupo das nações vitoriosas — Confiança na atuação dos expedicionários brasileiros — As palavras dirigidas aos soldados do Brasil são na verdade dirigidas à Nação inteira já mobilizada — A vitória das Nações Unidas será a vitória do Brasil.

SENHORES

É uma satisfação que vejo renovada desde o advento do Estado Nacional a dêste almôço de camaradagem e confraternização das classes armadas.

As circunstâncias extraordinárias que o mundo atravessa, há um quadriênio, refletiram-se pesadamente na vida individual e coletiva dos brasileiros. A partir de 1939 fazemos ingentes esforços para contrabalançar os fatôres prejudiciais ao ritmo normal do nosso desenvolvimento. Dificuldades de ordem econômica, medidas urgentes de segurança e imperativos de defesa vieram assoberbando as nossas atividades gerais. A tudo acudimos em tempo e congraçados em perfeita união mobilizamos os recursos disponíveis e enfrentamos resolutamente as eventualidades. Sucessivas agressões que não provocamos levaram-nos ao terreno da luta que hoje nos exige contribuição efetiva em armas e elementos bélicos. Reconforta dizer que, apesar das vicissitudes sofridas, poucos países puderam como o nosso comemorar o Natal e chegar a 1944 livres de maiores danos e perturbações generalizadas.

O ano próximo virá encontrar-nos empenhados em tarefas árduas e de séria responsabilidade. Pela primeira vez soldados brasileiros pisarão o solo de outros continentes para tomar parte em operações de guerra. Ao lado dos heróicos combatentes das Nações Unidas, noutros climas e terras diferentes, compartilharemos dos riscos da luta. Os nossos homens de armas, — soldados, marinheiros e aviadores, — que tão expressivas demons-

trações de coragem já deram, irão pôr a prova o seu pre
paro, a sua resistência e valor combativo.

Bem compreendeis o que isto significa. É um nov
período que se vai abrir na história do Brasil. E dig
de propósito "na história do Brasil" em vez de dizer sim
plesmente na história militar, porque prefiguro e avali
as profundas repercussões que a participação direta n
guerra trará à vida do povo brasileiro. Contingentes d
todos os Estados, irmanados para as agruras da luta, for
marão o Corpo Expedicionário — verdadeira imagem d
unidade de sentimento e de ação do Brasil. Apresenta
se oportunidade excepcional para, estreitando a colabora
ção com as Nações Unidas, revidarmos a agressão de qu
fomos vítimas e adquirirmos autoridade nos ajustes d
paz. As nossas fôrças armadas terão igualmente ensêj
de adestrar-se nos processos da guerra moderna num
vasto campo de experiência, onde não lhes faltarão glór
rias. Além disto, cabe ressaltar que assim procedendo
cumprimos as obrigações livremente assumidas e atende
mos ao desejo manifesto dos nossos aliados, honrando ao
mesmo tempo a posição única de representantes mais
numerosos da cultura latina no grupo das nações vitorio
sas. Certamente, teremos de fazer sacrifícios. Mas,
que grande causa já triunfou sem sacrifícios, que gran
de e digno povo já conseguiu garantir o seu patrimônio
de civilização sem por êle lutar? Não é demais, por con
seguinte, acentuar a importância da missão interna e ex
terna dos nossos expedicionários e dizer a todos os que
servem sob o pavilhão auriverde — oficiais de carreira,
convocados e conscritos — que nos aguardam heróicas e
perigosas jornadas. O destemor dos fortes cresce diante
das dificuldades. Estou certo de que combateremos sem
esmorecimentos, onde e como fôr preciso.

O BRASIL E AS SUAS FORÇAS ARMADAS

Dirigindo-vos a palavra neste momento, soldados do Brasil, dirijo-me na verdade à Nação inteira, hoje mobilizada, dirijo-me aos que vão para as linhas de frente e aos que dentro do país nos quartéis, nos navios, nos aeródromos, nas fábricas e nos campos, trabalham para aumentar o nosso poderio econômico e militar.

A vitória das Nações Unidas será a nossa vitória e cada dia se torna mais próxima.

Para alcançá-la já contribuímos de forma considerável e o faremos melhor daqui por diante, guerreando, ombro a ombro, com os denodados defensores da civilização.

SOLDADOS DO BRASIL

Agradecendo as vossas homenagens, hoje mais expressivas do que em qualquer outra ocasião, concito-vos a não poupar esforços em defesa da honra e da integridade da Pátria.

Mantenhamos estreita união; apaguemos dissensões subalternas; porque assim seremos mais fortes na luta e mais justos na paz.

A vós e aos vossos comandados, às vossas famílias e às famílias dos nossos soldados, que atualmente são tôdas as famílias brasileiras, apresento, neste último dia do ano de 1943, as minhas saudações amigas e ardentes votos de melhores e mais tranqüilos dias.

Visita ao Paraná

O Brasil visto como um todo

(DISCURSO PRONUNCIADO NO CÍRCULO MILITAR DO PARANÁ, EM CURITIBA, AGRADECENDO O BANQUETE OFERECIDO PELO INTERVENTOR FEDERAL, A 24 DE JANEIRO DE 1944)

SUMÁRIO

Volta ao Paraná decorrido um decênio da gloriosa jornada de 1930 — Solicitude pelo progresso crescente do povo paranaense — O Chefe do Govêrno Nacional não distingue no Brasil regiões ou zonas, Estados grandes ou pequenos — Participação do Paraná no movimento de 1930 — As crises em que se debatia a comunidade paranaense na fase do Govêrno Provisório — A reorganização das finanças e o restabelecimento do crédito do Estado — O mate e o pinho — Aproveitamento dos recursos da terra fértil, transformando a coletividade paranaense em modêlo de valor produtivo — Receita que permite atacar de frente os problemas das comunicações, da educação, da saúde e do fomento da produção — As circunstâncias da vida brasileira perante a atual conflagração — O problema dos núcleos compactos de descendentes dos países inimigos no Paraná e nos Estados vizinhos — A participação do Brasil na guerra — Os progressos urbanísticos de Curitiba — A segunda Exposição Estadual como índice das atividades do Govêrno e das iniciativas privadas.

SENHORES

Volto ao Paraná decorrido mais de um decênio da gloriosa jornada de 30 e não posso ocultar a emoção com que o faço. Tão longa ausência não significa esquecimento. Estivestes contìnuamente presentes na minha lembrança. As exigências multiformes da administração impediram-me, porém, de voltar ao vosso hospitaleiro convívio tão depressa quanto desejava. Acompanhei de longe, com carinhosa solicitude, o vosso crescente progresso, oferecendo todos os meios indispensáveis ao seu desenvolvimento, dependentes direta ou indiretamente da ação do Govêrno Nacional.

Como Chefe do Govêrno não costumo distinguir no Brasil regiões ou zonas, Estados grandes ou pequenos. A todos equiparo na minha estima e nos cuidados da administração. Tenho percorrido o país em diversas direções, visitando os principais centros de atividade, e no contacto com as suas populações sempre me orgulhei, tanto como aqui, de ser brasileiro e de trabalhar pelo engrandecimento da Pátria. A vossa terra, porém, nunca me saiu da memória, de tal forma permanece ligada às mais caras lembranças da minha vida pública. Não poderei esquecer a vossa vibração cívica, o vosso destemor, nos memoráveis dias de Outubro de 1930. O Paraná foi dos mais denodados combatentes da primeira hora, integrando-se de corpo e alma no empolgante movimento que abalou o país e viria abrir novos rumos ao seu progresso material e à reforma dos costumes políticos. Vencemos, e estou seguro de que a Revolução não vos decepcionou.

O vosso Estado sofreu, durante largo tempo, a nefasta influência do partidarismo faccioso. Quando assumi o Govêrno Provisório a vossa comunidade laboriosa debatia-se em crises sucessivas: crise econômica, proveniente da desvalorização do café; crise administrativa, gerada pelo *deficit* permanente das contas públicas; crise política, proveniente do choque de ambições e interêsses personalistas; crise financeira oriunda da má arrecadação e da má aplicação dos tributos. Suportava, ainda, o pêso de uma vultosa dívida externa a que não correspondiam benefícios equivalentes e de uma dívida flutuante que desacreditava a administração pública. A receita estava reduzida a 15 mil contos enquanto a despesa atingia ao dôbro.

Vitoriosa a Revolução, procurámos remediar todos êsses males. O Banco do Brasil entrou em entendimento com o Govêrno do Estado para a reorganização das suas finanças e com a garantia do Govêrno Federal restabeleceu-se o crédito, voltou a confiança. A produção, devidamente amparada, expandiu-se. O mate e o pinho, sustentados por aparelhos econômicos próprios, tornaram-se fontes produtoras de seguro rendimento para a economia privada e pública. As vossas riquezas potenciais passaram a ser convenientemente aproveitadas, auxiliando-se indústrias antigas e desenvolvendo novas, como a da celulose, que já fornece papel similar ao estrangeiro e em futuro próximo poderá bastar ao consumo interno. A policultura tomou acentuado incremento e a pecuária povoa de rebanhos selecionados as excelentes pastagens do planalto paranaense.

Assim valorizado e defendido o vosso trabalho, ràpidamente soubestes aproveitar os recursos da terra fértil, transformando a vossa coletividade em modêlo de labor produtivo, de harmônico desenvolvimento econômico e cultural.

A situação precária em que o movimento revolucionário de 30 encontrou as finanças públicas modificou-se completamente. Sucedeu-lhe uma fase próspera, de seguro equilíbrio, evidente na pontualidade dos pagamentos, na liquidação a têrmo dos compromissos internos e na execução de vasto programa de obras públicas, tornado possível por uma receita superior a 100 milhões de cruzeiros, que permite atacar de frente os problemas de comunicação, educação, saúde e fomento da produção, sem descurar a assistência social. As estradas de rodagem que haveis aberto ligam o Estado em tôdas as direções e encaminham para o pôrto de Paranaguá agora aparelhado e para as ferrovias as riquezas agrárias e industriais. O surto da educação constitui exemplo a seguir, pois aplicais cêrca de 20% da renda geral em finalidades de instrução pública, ultrapassando e duplicando mesmo a quota aconselhada pelo Govêrno central aos Estados.

O ritmo da vossa prosperidade revela-se extraordinário e corresponde à energia do vosso povo conjugada ao dinamismo do govêrno local. Não é pequena a dívida do vosso progresso para com o Interventor Manuel Ribas. O homem probo que, por um decênio, com senso prático e invulgar capacidade de ação vem dirigindo os destinos paranaenses, merece de todos nós louvor público e apôio para continuar o seu trabalho profícuo. Regozijo-me convosco pela posição de grande e justo relêvo que conquistastes entre as demais unidades da Federação. Trabalhai com afinco, produzi mais e melhor, porque o Brasil precisa do vosso quinhão de esforços e confia no vosso patriotismo.

As circunstâncias atuais da vida brasileira são conhecidas e claras. Quando a conflagração chegou ao Continente Americano, cumprimos o nosso dever, rompendo relações com os que traiçoeiramente a provocaram; quan-

do chegou às nossas águas, através de inomináveis atentados contra indefesas unidades da marinha mercante, com sacrifício de preciosas vidas e bens brasileiros, fomos sem hesitações à guerra. Era um imperativo da nossa consciência de povo soberano e dêle não nos podiam afastar considerações oportunistas. Só tivemos em vista resguardar a todo custo o patrimônio moral e material da Nação. Nada queremos que já não nos pertença de direito; mas, na defesa da dignidade e dos interêsses da Pátria, nenhum obstáculo nos deterá.

O que a princípio parecia problema grave no Paraná e Estados vizinhos — a presença de núcleos compactos de descendentes dos países inimigos — resolveu-se fàcilmente, graças à firmeza do Govêrno e ao respeito às leis por parte dos novos brasileiros. Com a segregação de alguns elementos assalariados para agitar foi possível continuarmos a vida normal sem contratempos e restrições prejudiciais à economia das regiões. A terra brasileira possui excepcional fôrça de absorção e a gente de bom senso não pode trocar a paz do trabalho e os benefícios da tranqüilidade pelas estéreis agitações e desvarios políticos internos ou impostos de fora.

A nossa participação na luta se vai fazer agora diretamente no teatro da guerra. O Paraná contribui também com o seu esfôrço e os seus contingentes humanos para a formação do Corpo Expedicionário Brasileiro. As tradições de fé patriótica do seu povo e o vigor combativo e heróico da sua juventude, já demonstrado em tantas oportunidades, são imprescindíveis nesta emergência excepcional, em que o Brasil se empenha num justo revide à agressão sofrida, cooperando por todos os meios para a vitória das Nações Aliadas.

SENHORES

É uma grande satisfação reviver convosco dias passados e gozar da vossa generosa hospitalidade. As significativas homenagens que hoje me prestais revigoram a espontânea simpatia que sempre vos dediquei.

Aprecio e proclamo as mudanças encontradas na vossa bela Capital. Tenho o íntimo regozijo de ver que haveis trabalhado com excelentes frutos a vossa terra fecunda e acolhedora. Esta Segunda Exposição Estadual, índice do vosso progresso, sumariando as atividades do Govêrno e iniciativas privadas, merece franca admiração e aplauso.

Levanto a minha taça, com os votos mais sinceros pela vossa felicidade, certo de que não poupareis energias para acompanhar o surto do engrandecimento nacional e tudo empenhareis na defesa da grande Pátria Brasileira.

Nova Terra da Promissão

(IMPROVISO AGRADECENDO A GRANDE MANIFESTAÇÃO POPULAR REALIZADA NA AVENIDA 15 DE NOVEMBRO, EM CURITIBA, A 24 DE JANEIRO DE 1944)

SUMÁRIO

Regresso ao solo paranaense após 13 anos de ausência — O progresso do Paraná nesse longo período — Uma fase de exaltação patriótica — A Revolução de 1930 renovou o Brasil política, social e econômicamente — O Brasil preparando-se para uma guerra externa — Os brasileiros não suportam afrontas — A gente paranaense fará do Paraná uma nova Terra da Promissão.

SENHORES

Após treze anos de ausência volto ao vosso meio. Venho trazer-vos o testemunho do meu aprêço e da minha admiração. Venho também conhecer o progresso que tendes realizado neste largo período.

Na primeira vez que aqui estive, todo êste povo, como uma sarça ardente, se abrasava de entusiasmo cívico.

Nas chamas da exaltação patriótica queimavam-se os preconceitos da velha política e se anunciava uma nova época. Com a Revolução de 30 o Brasil se renovou social e econômicamente.

O povo paranaense, tomado de extraordinário ardor combativo, foi o vanguardeiro daquele movimento. Passados treze anos eu o encontro cheio do mesmo entusiasmo viril e irresistível. É que o Brasil se apresta para uma nova luta. Não dentro de suas fronteiras. Para uma guerra externa onde irá vingar as ofensas sofridas e testemunhar perante o futuro que os brasileiros não suportam afrontas.

Pela sua vibração, pelas suas atividades fecundas, pela sua capacidade de trabalho a gente paranaense fará do Paraná uma nova Terra da Promissão.

Depois dêste imponente desfile não descanseis. Continuai desassombradamente rumo ao futuro. A marcha que empreendemos é a da própria civilização do Brasil.

A criação dos Territórios Nacionais

(IMPROVISO AGRADECENDO O BANQUETE OFERECIDO EM GUAÍRA, NO TERRITÓRIO DE PONTA PORÃ, A 27 DE JANEIRO DE 1944).

SUMÁRIO

A criação dos Territórios Nacionais — Motivos que a determinaram — O Brasil constitui uma unidade territorial, política, de língua e religião — As nossas questões de limites foram resolvidas por negociações diretas ou por arbitramento — Donos de vasto território não ambicionamos um palmo de terra alheia — O escasso povoamento de algumas regiões fronteiriças — A organização dos Territórios Nacionais era uma antiga aspiração política de evidente alcance patriótico — O programa administrativo das novas unidades criadas resume-se em sanear, povoar e educar — A história dos povos, a sua geografia e o sentido nacionalizador da nossa "Marcha para Oeste" — Não se pretende dificultar as atividades da emprêsa que estabeleceu naquela região bem organizado centro de trabalho e exploração econômica dos recursos locais — O respeito aos direitos da propriedade privada não pode impedir o Estado de exercer plenamente as prerrogativas inerentes à soberania nacional — Por tôda parte se vê o Brasil unido e próspero.

SENHORES

O discurso pronunciado pelo ilustre Dr. Aníbal de Toledo, ex-Presidente do Estado de Mato Grosso e que também desempenhou outras altas funções políticas, bem como as referências feitas por diversos oradores nesta excursão, levam-me a uma exposição de ordem geral sôbre a criação dos Territórios Nacionais.

O Brasil possui quase 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, constituindo uma unidade política pela língua, pela religião, pela cultura, e uma viva tradição histórica de contínua reafirmação de nacionalidade. O mesmo não se pode dizer de sua unidade econômica. Econômicamente apresentamos a imagem de um arquipélago com zonas bastante industrializadas e de acentuada densidade demográfica, enquanto outras permanecem escassamente povoadas, com indústrias rudimentares ou mesmo sem qualquer indústria.

Somos uma nação pacífica. Tôdas as nossas questões de limites foram resolvidas por negociações diretas com os países vizinhos ou por arbitramento. Sem abrir mão de qualquer parcela do nosso território, nunca recorremos à guerra para solver questões de limites. Isto nos dá um amplo crédito de confiança junto aos demais países americanos.

Dispomos de vasto território e não ambicionamos um palmo de terra que não seja nossa. Já o afirmei de outra feita e agora repito: Não nos impele outro imperialismo que não seja o de crescermos dentro dos nossos limites territoriais para fazer coincidir as fronteiras políticas com as fronteiras econômicas.

O escasso povoamento de algumas regiões fronteiriças representa, de longo tempo, motivo de preocupação para os brasileiros. Daí a idéia de transformá-las em Territórios Nacionais, sob a direta administração do Govêrno Federal. Era essa uma antiga aspiração política de evidente alcance patriótico, principalmente dos militares que possuem aguda sensibilidade em relação aos assuntos capazes de afetar a integridade da Pátria e o sentido mais objetivo dos problemas atinentes à defesa nacional.

A criação dos territórios fronteiriços nas zonas colindantes e de população esparsa deve ser considerada, por isso, medida elementar de fortalecimento político e econômico. O programa de organização e desenvolvimento dêsses Territórios resume-se em poucas palavras: sanear, educar, povoar.

SANEAR — criar centros de puericultura e de educação sanitária; orientar e acudir realmente, por uma assistência social desvelada e completa, aos núcleos esparsos de população.

EDUCAR — criar escolas, não só para alfabetizar, como para despertar o interêsse pelo trabalho da terra, estabelecendo o ensino profissional necessário à aprendizagem das pequenas indústrias e do artesanato; enfim, valorizar o esfôrço dos habitantes dessas regiões, tornando-o remunerativo e formando cidadãos conscientes dos seus direitos e dos seus deveres para com a Pátria.

POVOAR — colonizar, distribuir a brasileiros as terras ainda incultas, de modo a gerar núcleos compactos e ativos que sejam sentinelas avançadas da Nação; construindo estradas de ferro e de rodagem, estabelecendo linhas aéreas de transporte, telégrafos e telefones, teremos ligado regiões quase isoladas aos centros de produção e cultura do litoral e do centro, facilitando, assim, o intercâmbio de todos os produtos nacionais.

Eis a finalidade da criação dos Territórios Nacionais.

A história dos povos está ligada à sua geografia. Segundo a distinção dos sociólogos, a geografia estuda a organização dos povos em sua forma estática e a geopolítica a dinâmica de sua evolução. É o destino dos povos plasmado pela energia criadora dos homens. E a nossa "Marcha para Oeste" significa precisamente uma das formas de manifestação dêsse destino.

O Capitão Heitor Mendes Gonçalves, que foi militar, — militar brilhante e conceituado, segundo o testemunho de seus contemporâneos, — bem compreenderá o elevado alcance de semelhante iniciativa. Não pretendemos criar dificuldades à emprêsa que dirige e que aqui estabeleceu sólido e bem organizado centro de trabalho e de exploração econômica dos recursos locais. Suas atividades serão resguardadas até onde não colidam com a defesa dos superiores interêsses da Nação.

Embora a propriedade privada seja ainda ponto pacífico na organização jurídica brasileira não pode impedir o Estado de manter plenamente os direitos da soberania nacional. E esta soberania não se exerce de maneira teórica, mas pela ocupação efetiva da terra, do ar e das águas. Só assim poderemos servir aos altos destinos do Brasil, que vejo unido e próspero e cujo povo bom e laborioso encontro por tôda parte cheio de entusiasmo cívico e exemplar no devotamento patriótico.

A orientação renovadora do Govêrno e da Imprensa

(DISCURSO AGRADECENDO AS HOMENAGENS DOS JORNALISTAS, POR OCASIÃO DO ALMÔÇO OFERECIDO NA SEDE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA, A 15 DE ABRIL DE 1944)

SUMÁRIO

Encontro cordial com os homens de imprensa — O Chefe do Govêrno contribui para transformar em realidade uma velha aspiração profissional — O jornalismo brasileiro ao tempo da fundação da Associação Brasileira de Imprensa — Transformação que se espelha nas esplêndidas instalações do imponente edifício da A. B. I. — Evolução orientada pela atividade onímoda do presidente da "Casa dos Jornalistas" em harmonia com as grandes realizações da Revolução de 1930 — Atuação renovadora e solução dos problemas fundamentais da nacionalidade — Apesar da guerra mantém-se favoràvelmente o ritmo de trabalho e se lançam novos empreendimentos — Confronto da frente interna com qualquer outra situação anterior — Posição digna do Brasil na vida internacional — A nossa contribuição para a guerra — As energias jovens e heróicas do Brasil mobilizadas no Corpo Expedicionário — Quando está em jôgo o destino nacional precisamos sobrepor-nos às preocupações egoístas e às contingências transitórias — Os disfarces do quintacolunismo — Aguardar sem temor e confiantes os acontecimentos — Os órgãos institucionais que ainda não se acham funcionando — O Brasil há de ser na paz governado segundo as exigências da consciência nacional.

SENHORES

Não preciso traduzir em palavras a satisfação que me proporciona êste encontro cordial com os homens de imprensa. Considero-me entre vós um consócio a mais, com os mesmos direitos de aplaudir ou criticar o que aqui se tem feito pela elevação da classe inteira dos jornalistas. Confesso, com explicável vaidade, que, proporcionando auxílio governamental à iniciativa de Herbert Moses e seus companheiros, contribuí para dar realidade a uma velha aspiração profissional. Aquela teimosia idealista que embalou o entusiasmo de Gustavo de Lacerda ganhou expressão concreta neste magnífico bloco arquitetônico, admiração da cidade e índice do progresso brasileiro nos últimos anos.

Todos vós estais lembrados do que era ao tempo da fundação da Associação Brasileira de Imprensa o nosso jornalismo. Misto de apostolado e dispersão anárquica, caracterizava-se como uma semi-profissão de homens inteligentes e desorganizados, oscilando entre a boêmia e o aluguel das aptidões intelectuais, a dedicação extrema ao bem público e os arranjos dos bastidores políticos. Os tempos mudaram, evidentemente. A atividade periodística assumiu tanto relêvo na vida nacional que a Constituição de 10 de Novembro erigiu-a em *munus* público. Deixou de ser achego ocasional, ponte para empregos, instrumento fácil para lograr êxitos partidários; tornou-se atuação regular e segura dos homens de inteligência, apta a prover os encargos individuais, com os seus técnicos e especialistas bem remunerados, à semelhança do que acontece nas modernas organizações industriais.

A expressão legítima de tão grande transformação espelha-se nas esplêndidas instalações do vosso imponente edifício, que é, também êle, uma inovação vitoriosa da arquitetura brasileira. Aqui abrigais os serviços de que carecem os homens da vossa classe: serviços de assistência sanitária e serviços de assistência cultural; estações de telegrafia, de radiofonia, de correios, restaurante e sala de conferências; e, mais do que isto, um espírito de companheirismo fraternal, a que não resistem rivalidades pessoais, pronto sempre a mobilizar, no interêsse da coletividade, o nosso poderoso exército de generais e soldados de publicidade escrita, como a propósito diria certamente o "jornalista honorário" General Góis Monteiro.

A tudo isso, a essa acelerada evolução, preside com atividade onímoda, por mais de um decênio, o sr. Herbert Moses, incansável de operosidade e tacto, homem-fenômeno, que se diria possuir o dom de ubiqüidade, mágico do tempo, capaz de reduzir a diferença essencial entre quinze minutos e meia hora a enormes quantidades de energia, empreendendo projetos audaciosos e realizando desinteressadamente os esforços que para outros exigem compensações imediatas. E o que mais agrada verificar e proclamar é o paralelismo existente entre a vossa rápida transformação e a da própria vida brasileira.

O período Moses na Associação Brasileira de Imprensa corresponde exatamente à fase posterior à Revolução de Outubro. Do marasmo e do conservantismo retrógrado passamos ao esfôrço máximo em prol do desenvolvimento nacional, em que se empenham por igual os poderes públicos e os indivíduos. Da inerme e desprevenida mentalidade antiga, imbuída às vêzes de excessos de xenofobia, passamos ao nacionalismo previdente e construtivo, que se não amedronta de capitais nem de indústrias estrangeiras, que aceita e reclama a participação técnica dos

povos mais adiantados, sem abrir mão das prerrogativas de soberania.

Dentro desta orientação renovadora e sadia estamos solucionando os problemas fundamentais da nacionalidade. O aproveitamento das grandes riquezas potenciais do país já foi iniciado com resultados e possibilidades evidentes. Ampliamos de modo considerável as atividades agrárias, industriais e extrativas. No importante setor dos transportes e comunicações, quando havíamos planejado a articulação completa das rêdes rodoviárias e ferroviárias e a sua coordenação com os transportes marítimos e aéreos em condições de alargar ainda mais o mercado interno, a irrupção da guerra impediu que recebêssemos o material necessário e nos obrigou a concentrar todos os recursos disponíveis para atender às prementes exigências dos suprimentos bélicos. Mesmo assim não paralisamos as obras inadiáveis, pondo em tráfego diversos ramais ferroviários, prosseguindo na construção de estradas de rodagem e fabricando os trilhos e máquinas que nos permitirão, dentro de curto período, estender novas linhas de ligação pelo *hinterland*.

A grande siderurgia em Volta Redonda e a exploração mineral em larga escala no Vale do Rio Doce; os fundamentos de uma metalurgia adiantada; o reaparelhamento das fôrças armadas, para colocá-las à altura dos imperativos de nossa segurança; as reformas dos serviços públicos, agora abertos a todos pela rigorosa seleção de valores; as obras vastas de saneamento na Baixada Fluminense e na Planície Amazônica, compreendendo não só a luta contra as doenças endêmicas, mas também obras hidráulicas de grande porte; a açudagem e a irrigação nas zonas semi-áridas do Nordeste; a recuperação econômica da Amazônia; a instalação de órgãos técnicos de fomento e contrôle da produção; a reforma financeira e o

ajuste definitivo da dívida externa; a instituição do crédito agrícola e industrial; o amparo às explorações industriais existentes em todos os seus ramos e o subsídio às novas indústrias, entre as quais sobressai a aeronáutica com as fábricas de aviões e motores de Lagoa Santa e do Quilômetro 37 da Rio—Petrópolis; a industrialização dos metais leves e não férreos em Poços de Caldas, Seival e Ouro Prêto; as indústrias químicas de Cabo Frio e a de celulose em Monte Alegre; a intensificação das antigas explorações e a abertura de novas jazidas carboníferas; as destilarias de álcool anidro e a extração de petróleo na Bahia; a revisão tributária com a eliminação das barreiras estaduais e municipais; a criação dos territórios fronteiriços, medida de segurança e de apropriação econômica das zonas extremas do país: são empreendimentos de vulto diretamente ligados ao engrandecimento nacional. Isso e numerosas iniciativas de caráter geral, de ampla latitude, e que abrangem o seguro social, os problemas da alimentação popular e do ensino técnico-profissional, visando oferecer garantias ao trabalho e ao capital, evitando conflitos e dificuldades à produção, constituem as diretivas permanentes da administração, desde 1930. Apesar da guerra e das suas imediatas conseqüências, de natureza semelhante em todos os países, mais ricos ou mais pobres, temos conseguido, mesmo com o material ferroviário desgastado de que dispúnhamos e sem combustíveis suficientes, abastecer as populações e levar aos lugares próprios as utilidades imprescindíveis, sem, por outro lado, paralisar ou diminuir o ritmo de trabalho nas obras capitais do nosso desenvolvimento material.

O panorama da nossa frente interna é de desafôgo e confiança e resiste ao confronto com qualquer outra situação anterior. A produção geral multiplicou-se, a circulação dos valores é abundante e as atividades produtivas

absorvem a mão de obra existente, dando oportunidade a proveitosas inversões dos fartos lucros apurados. Contra êstes fatos evidentes nada valem as murmurações derrotistas, quase sempre partidas dos que mais se aproveitam das circunstâncias excepcionais. Conheço e avalio as dificuldades que tornam mais penosa atualmente a vida das nossas populações, pondo-lhes a prova a resistência moral e os elevados sentimentos patrióticos. Precisamos reconhecer que essas dificuldades, em sua maioria, são efeitos da anormalidade geral e desaparecerão como outras conseqüências características do estado de guerra. O Govêrno, entretanto, não se descuida de utilizar os remédios ao seu alcance e de mobilizar os recursos de que dispõe para corrigi-las e acudir a quantas necessidades reclamem providências de ordem administrativa.

No referente à nossa situação externa só temos igualmente motivos para nos considerarmos em posição digna. Já se acha conjurada a ameaça que pesou sôbre todos, quando sentíamos o risco iminente de estabelecer-se pelo mundo inteiro um regime de escravidão econômica baseado na discriminação política e no ódio racial. Se muito ainda nos resta combater, não é para evitar a derrota, mas para conseguir a vitória completa e obter efetivamente a reestruturação do mundo em bases mais humanas e justas, com o respeito à soberania de tôdas as nações, grandes ou pequenas, militarmente fracas ou fortes. Cada povo poderá organizar-se segundo a própria vontade expressa pelos meios adequados à sua tradição histórica e aos imperativos da sua existência autônoma. As peculiaridades existentes aqui ou ali não podem anular os princípios de convivência pacífica e de cooperação voluntária para o bem geral. Nem isolacionismos econômicos e políticos ameaçadores, nem nacionalismos agressivos e guerreiros. Construiremos, pela fôrça dos ideais que sustentam as nossas armas, uma comunidade de soberanias que não se

excluam e antes se completem no exercício da solidariedade entre os Estados e da compreensão entre os povos.

Vamos agora lutar mais a fundo, empenhando a vida dos nossos jovens e bravos soldados nos campos de batalha ao lado dos gloriosos combatentes aliados. Isto significa um acréscimo de responsabilidades que nos impõe a aceitação de maiores restrições nas comodidades normais da existência e exige disposições corajosas para enfrentar novos sacrifícios. Temos mantido exemplar coesão e a hora é de nos unirmos ainda mais, sobrepondo-nos às contingências transitórias e às preocupações egoístas. Quando está em jôgo o destino nacional, o futuro da Pátria, não podemos deter-nos em agitações estéreis e compromissos formais. Qualquer ato ou palavra que lance dúvidas sôbre os nossos objetivos maiores é disfarce de quintacolunismo. O que urge é a vitória na guerra, e esta é a tarefa máxima.

Quando gozarmos outra vez os inigualáveis benefícios da paz, completaremos os órgãos institucionais que ainda não se acham funcionando. O povo, pelos meios mais amplos e livres, poderá, então, sem temores de qualquer espécie, manifestar-se e escolher seus dirigentes e representantes, democràticamente, dentro da ordem e da lei. Honrados os compromissos de guerra, repôsto no seu ritmo normal de vida, o Brasil há de ser na paz governado segundo as exigências da consciência nacional, para maior orgulho dos seus filhos e maior glória de uma Pátria tão grande e tão digna.

SENHORES

Agradeço esta expressiva demonstração de aprêço e ergo a minha taça pela felicidade de todos vós e pelo crescente prestígio da "Casa dos Jornalistas".

Cooperação e solidariedade entre os grupos sociais

(DISCURSO PRONUNCIADO NO ESTÁDIO DO PACAEMBÚ, EM SÃO PAULO, POR OCASIÃO DAS COMEMORAÇÕES DO "DIA DO TRABALHO", A 1.º DE MAIO DE 1944)

SUMÁRIO

Ida a São Paulo para pronunciar o discurso do "Dia do Trabalho", atendendo ao apêlo de quase meio milhão de trabalhadores — Reconhecido ao devotamento patriótico dos obreiros da riqueza e do progresso do país — Nem greves, nem perturbações, nem desajustamentos — A luta pela emancipação econômica do país iniciada com as indústrias de base — E' chegada a hora de promovermos uma larga política de aplicação dos recursos acumulados pelos institutos de previdência social — Adiantados os estudos para uma lei definidora dos direitos e deveres dos trabalhadores rurais — Necessidade de cerrar fileiras em tôrno das agremiações sindicais — A instalação de postos de previdência e o contacto dos associados com os órgãos de classe — Cumpre ao Estado dar o exemplo quanto à sindicalização dos seus trabalhadores — O Govêrno Nacional conta com a integral adesão dos trabalhadores para realizar os seus propósitos — As atividades produtoras devem subordinar-se aos interêsses da coletividade e não à preocupação absorvente de lucros — A voracidade dos gananciosos, intermediários e parasitas — Os desequilíbrios violentos da ordem social — Inoperância do aumento de salários quando o custo da vida continua a elevar-se — Segurança no Brasil para o capital se souber usar a sabedoria da auto-limitação — Cooperação e solidariedade entre os grupos sociais — A oportunidade de colaborarmos na reconstrução do mundo.

TRABALHADORES DO BRASIL

Pela primeira vez, neste 1.º de Maio, altero a praxe de falar-vos da Capital da República. Vim a São Paulo e daqui vos dirijo a palavra, atendendo ao apêlo de quase meio milhão de obreiros da riqueza e do progresso do país, representados por duzentos e setenta sindicatos e seis federações.

Para alcançarmos resultados satisfatórios nestes dias difíceis e conturbados em que os obstáculos se multiplicam, a vossa colaboração foi decisiva e o Govêrno reconhece tão patriótico devotamento. O vosso resoluto apôio de homens afeitos às duras labutas da indústria nunca faltou à administração e vale por um encorajamento constante no sentido de fazer triunfar a justiça social. Mourejando solidários, em perfeito entendimento, vamos ajustando cada dia mais a mútua compreensão dos grandes e permanentes interêsses nacionais. Os efeitos dessa cooperação tornam-se evidentes. Mesmo entre as agruras da guerra o país prospera e o ambiente de ordem interna, construtivo e saudável, mostra a firme disposição de trabalharmos sem descanso pelo seu engrandecimento.

A vossa conduta tem sido exemplar. Nem greves, nem perturbações, nem desajustamentos. Haveis compreendido, com a mesma inteireza de ânimo posta no desempenho das tarefas quotidianas, as graves circunstâncias que atravessamos. Estais votados ao bem da Pátria, junto às vossas máquinas, nas vossas oficinas, como estarão amanhã os nossos jovens e bravos soldados nos campos de batalha. É um esfôrço único, de admirável ritmo,

que permite augurar para a Nação Brasileira dias de paz digna e de maior progresso.

A luta pela emancipação econômica do país está iniciada com as indústrias de base e vamos entrar num ciclo de realizações que nos exigirá redobrado e persistente esfôrço. Não se atinge à maioridade como Nação sem vencer dificuldades de tôda ordem. Mas, felizmente para o Brasil, os elementos de discórdia, os motivos de desentendimento interno não existem. A evolução das relações do trabalho e do capital não assumiu entre nós, graças às medidas adequadas do Govêrno, aspectos insolúveis, como noutros países. Ao contrário, dentro de uma sadia concepção cristã estamos resolvendo, gradativa e satisfatòriamente, os dissídios passageiros entre as duas grandes fontes de produção, mostrando a empregados e empregadores que a colaboração sob a égide do Estado, em benefício do superior interêsse da Nação, ao invés de advogar proveitos de grupo é a mais vantajosa solução para todos.

Já fizemos bastante, sem dúvida. Os frutos dêste trabalho são magníficos; mas ainda há muito que empreender e aperfeiçoar. É neste sentido que desejo anunciar-vos hoje a projetada reforma dos serviços de assistência social em bases mais amplas, capazes de favorecer maior número de trabalhadores e amparar mais eficientemente as suas famílias.

Terminada a fase de experiência e solidificação dos institutos e caixas, cujas reservas vinham sendo aplicadas sob o critério de imediata segurança e rendimento certo, é tempo de iniciarmos uma política de mais largo alcance relativamente ao emprêgo dos fundos acumulados. Emprestar os depósitos das organizações de seguro social para construções suntuárias ou fazê-los circular a juros bancários é afastá-los da finalidade superior que ditou a legislação trabalhista. Ao contrário disso, nas suas

linhas mestras, a nova lei orgânica de previdência em elaboração igualará os benefícios de todos os grupos profissionais, outorgará pensões na base dos encargos crescentes de família, segundo o número de filhos menores, e melhorará as aposentadorias, que passarão a corresponder, pelo menos, ao salário mínimo regional. Quanto às aplicações do capital também serão adotados rumos diferentes. Forneceremos aos trabalhadores sindicalizados utilidades básicas em forma cooperativista, elevando-lhes, assim, automàticamente, os salários reais, com a colaboração das administrações municipais, que entrosarão os respectivos projetos nos seus planos de urbanização, construiremos cidades-modêlo nas proximidades dos grandes centros industriais, com instalações de tratamento de saúde, de educação profissional e física. As quotas reservadas a auxílios não deverão visar apenas o afastamento da miséria iminente, quando fica inválido ou desaparece o chefe da família; deverão assumir formas propulsivas, possibilitando melhor alimentação e melhor padrão de vida, com o funcionamento de restaurantes populares, escolas de trabalho, centros de saúde, lactários, campos de esportes e estâncias de repouso. A unificação de esforços dos grandes institutos e o condomínio das construções de seguro social tornarão as iniciativas desta natureza perfeitamente viáveis. O cálculo da mobilização financeira das reservas atuais permite-nos anunciar o propósito de nelas inverter inicialmente quinhentos milhões de cruzeiros.

Concluídos êstes aperfeiçoamentos no sistema do auxílio e estímulo ao operário industrial, o Estado atacará com idêntico empenho outro aspecto relevante do problema da produção. Estão adiantados os estudos para a promulgação de uma lei definidora dos direitos e deveres dos trabalhadores rurais. A quinta parte da nossa po-

pulação total trabalha e vive na lavoura e não é possível permitir por mais tempo a situação de insegurança existente para assalariados e empregadores. Torna-se inadiável estabelecer com clareza e fôrça de lei as obrigações de cada um, o que virá certamente incrementar as atividades agrárias, vinculando o trabalhador ao solo e evitando a fuga do campo para a cidade, tão perniciosa à expansão da riqueza nacional.

Para o êxito completo dessas iniciativas faz-se mister cerrar fileiras em tôrno das agremiações sindicais. A massa operária de São Paulo, nos seus trinta e três mil locais de trabalho, concentra cêrca de oitocentos mil trabalhadores e dêstes apenas cento e vinte mil se acham filiados aos órgãos de classe. Noutra oportunidade já vos dirigi um apêlo para que vos congregásseis por forma que os sindicatos representassem, realmente, um número de associados que fôsse expressão total de cada atividade, aptos a exercer ativa fiscalização dos direitos que lhes assistem. A reforma da lei orgânica cogita, por isso mesmo, da instalação dos postos de previdência, destinados a manter em cada emprêsa o contacto direto dos associados com os órgãos de classe.

São Paulo, que conta entre os seus melhores trabalhadores o Ministro Marcondes Filho, alta inteligência e personalidade dinâmica, e o Interventor Fernando Costa, tão operoso e experimentado na administração como na agricultura e na indústria; São Paulo, que manufatura metade dos vinte e quatro bilhões de cruzeiros da produção industrial do país e tem no café a lavoura de mais extensa cultura: precisa oferecer o exemplo de congregar nas agremiações trabalhistas a mão de obra que lhe garante tão excepcional situação. Essa modificação de mentalidade é tanto mais imperiosa e fácil de apreender quando se considera a rapidez das transformações da vida econômica e a revisão do próprio conceito de capital, que

deixou de ser simples acumulação de dinheiro para representar energia social concentrada em incessante e fecundo movimento.

Tais são os propósitos do meu Govêrno e para realizá-los plenamente conto com a vossa integral adesão. Porque, se as tarefas do presente são importantes, muito mais hão de ser as do futuro. O fim da guerra, com a vitória das Nações Unidas, aproxima-se. Depois de alcançá-la, dominados os inimigos externos, precisamos vencer os inimigos de outra ordem e não menos perigosos, que são as discórdias, a incompreensão, o egoísmo de classe, a intransigência dos interêsses privados. A liberdade, no sentido estrito de franquias políticas, não basta para resolver a complexa questão social. Sem a independência econômica converte-se quase sempre em licenciosidade e ludíbrio para o povo, que não mata a fome com o direito de voto, nem educa os filhos com o direito de reunião. Amparar econômicamente os trabalhadores equivale a dar-lhes o verdadeiro sentido de liberdade e segurança para expressar as suas opiniões políticas. E, para isto, urge corrigir o desequilíbrio existente entre os que não encontram limites na exploração lucrativa dos meios de produção e os que labutam em permanente estado de necessidade, sem recursos para adquirir o indispensável à subsistência. As atividades produtoras nos tempos que correm devem subordinar-se aos interêsses da coletividade e não à preocupação absorvente de lucro, à voracidade de intermediários e parasitas, tanto do capital como do trabalho. Impõe-se, por conseguinte, fazer reverter à comunidade os proventos derivados das circunstâncias de emergência, aplicando-os no desenvolvimento da produção para o consumo geral, que eleva o nível das massas e lhes permite usufruir os bens da civilização.

Quando num grupo social ou nacional a produção deixa de ser de utilidades para ser sòmente de mercadorias

sobrevêm inevitàvelmente desequilíbrios profundos, de conseqüências fatais para a ordem social, porque a parte maior dêsse grupo passará a sofrer restrições e necessidades. Por isso mesmo, tôda vez que o Estado recorre a processos evolutivos com o fim de resolver os problemas máximos da Nação nada mais faz do que evitar as transformações violentas, os desperdícios materiais e humanos, sofrimentos e lutas cruentas. Precisamos meditar sôbre os erros da organização social, conjurando previdentemente futuras e catastróficas perturbações.

O aumento de salários e vencimentos será sempre inoperante enquanto o custo da vida continuar a elevar-se. E, todos nós sabemos, ou remediamos com serenidade e justo senso das circunstâncias os males que afligem o povo ou êste perderá a confiança e a si mesmo se prejudicará, caindo em excessos condenáveis. Se pretendemos verdadeiramente viver como civilizados cumpre-nos não admitir, como condição para prosperar, o predomínio brutalizante da lei de seleção animal, a exploração do homem pelo homem. É possível substituir ajudando-nos mùtuamente, oferecendo uns aos outros melhores oportunidades de progresso, principalmente num país novo e cheio de possibilidades como o nosso, cujo potencial de riqueza ainda não se esgotou, podendo criar indefinidamente formas mais nobres e sadias de convivência.

O capital no Brasil não terá de que se amedrontar se souber usar a profunda sabedoria da auto-limitação. O país entrou numa nova era de realizações. O Govêrno está empenhado em iniciativas importantes e com o planeamento de grandes empreendimentos industriais que serão conhecidos em breve e certamente sustentará o ritmo do nosso desenvolvimento econômico e aumentará o giro dos negócios, assegurando a todos, capitalistas e trabalhadores, remuneração farta dos seus esforços.

COOPERAÇÃO ENTRE OS GRUPOS SOCIAIS

TRABALHADORES DO BRASIL

Depois da tempestade que abala o mundo, fazendo tremer nos seus alicerces grandes impérios, devemos esperar dias de bonança e recomposição pacífica.

A cooperação e a solidariedade entre os grupos sociais, dentro de uma mesma nação e das nações entre si, operarão, sem dúvida, substancial acréscimo de bem-estar e prosperidade para maior número de seres humanos.

O Brasil que, tanto no campo das relações internacionais como na solução dos problemas de caráter interno, foi sempre pioneiro das soluções amistosas, do arbitramento, da concórdia de classes, terá oportunidade de auxiliar a reconstrução do mundo e colaborar, por todos os meios ao seu alcance, no retôrno das nações civilizadas aos largos caminhos do direito e da justiça.

Para essa missão de enorme responsabilidade é que vos conclamo — chefes de indústria, operários, agricultores — todos quantos nesta abençoada terra produzem e vivem do trabalho honesto, acreditando que, no pós-guerra, daremos o exemplo de um povo organizado, dono dos seus destinos, criador do próprio progresso, fiel aos ideais cristãos de fraternidade.

A preparação e o patriotismo do Corpo Expedicionário

(IMPROVISO AGRADECENDO A SAUDAÇÃO DO GENERAL MASCARENHAS DE MORAIS, POR OCASIÃO DOS EXERCÍCIOS DO CORPO EXPEDICIONÁRIO BRASILEIRO, NO CAMPO DE GERICINÓ, A 20 DE MAIO DE 1944)

SUMÁRIO

Agradecimento à oficialidade do Corpo Expedicionário na palavra do seu comandante — A preparação moral e material dos oficiais digna de rivalizar com a dos nossos aliados — Felicitações pelos brilhantes exercícios assistidos — A compreensão do nosso povo ante o dever de lutar — A vitória só se inclinou para os Aliados quando os Estados Unidos lançaram sôbre um dos pratos da balança o potencial formidável das suas indústrias — A nossa primeira lição: só os países suficientemente industrializados e capazes de produzir o seu material bélico podem realmente ser considerados potências militares — O espírito de coesão — Distinção entre os oficiais e os soldados e a qualidade de educador que compete a todo oficial — A solidariedade transforma os exércitos em fortalezas invencíveis — O sentimento fraternal que deve unir todos os filhos da Pátria comum.

SENHORES

Agradeço as saudações que me são dirigidas pela brilhante oficialidade da Fôrça Expedicionária Brasileira através da palavra autorizada do seu Comandante.

A todos vós, senhores oficiais, desde o vosso chefe, General Mascarenhas de Morais, profissional competente, conhecido pela sua austeridade e equilíbrio, aos mais graduados como aos de menor hierarquia, a todos estendo as minhas congratulações, pois todos são dignos de meu maior aprêço e consideração.

A preparação moral e material da nossa oficialidade, o seu valor e patriotismo, estão a indicá-la como capaz de rivalizar com a dos nossos aliados. E, ainda agora, os brilhantes exercícios que acabamos de presenciar, executados sob a imediata direção do General Oswaldo Cordeiro de Farias, bem evidenciaram o alto grau da sua eficiência militar e técnica, apurada em árduos e rigorosos treinamentos.

Estou satisfeito e orgulhoso convosco, como deve estar o Sr. Ministro da Guerra com os resultados da sua infatigável atividade na formação e aparelhamento da Fôrça Expedicionária. Breve demonstrareis a vossa organização combativa defrontando os exércitos inimigos; e nesse lance vos acompanhará o reconhecimento do Povo Brasileiro, que compreende e aceita varonilmente o dever de lutar, não só para desagravar-se das ofensas recebidas como para ganhar o direito de intervir nas decisões da paz.

Embora estejamos certos de sair vitoriosos é muito cedo para fazer-se a história da atual guerra. Os segredos militares ainda não permitem que o público tenha

conhecimento de muitos fatos cuja revelação causaria surprêsa. Uma coisa, porém, desde já podemos afirmar: a vitória só se inclinou decisivamente para os Aliados quando os Estados Unidos lançaram sôbre um dos pratos da balança o pêso formidável do potencial de suas indústrias. Aviões, tanques, navios, máquinas de guerra, combustíveis e explosivos, munições e víveres foram remetidos aos exércitos combatentes através da África, da Ásia e da Europa, permitindo-lhes resistir vantajosamente à ofensiva dos inimigos enquanto as tropas norte-americanas se apreştavam para entrar de cheio nos campos de batalha.

Daí tiramos a nossa primeira lição da atual guerra. Só os países suficientemente industrializados e aptos a produzir dentro das próprias fronteiras os materiais bélicos de que necessitam podem realmente ser considerados potências militares. E a propósito convém assinalar que a instalação das indústrias pesadas, com as que lhes são complementares, objetiva precisamente assegurar-nos situação semelhante em futuro próximo, habilitando-nos a fabricar as armas e munições indispensáveis à nossa defesa. Estamos apenas na fase inicial dêsse plano de aparelhamento, mas o que resta fazer será fácil depois de terminada a guerra.

Permiti ainda, senhores oficiais, que vos encareça o espírito de coesão — fluido maravilhoso da mútua confiança e da afinidade das consciências — que deve existir entre vós e os soldados que ides levar à luta.

Há entre vós e êles uma diferença substancial que não é demais acentuar nesta oportunidade. Fizestes profissão da carreira militar. Condicionastes, desde moços, vossa existência a uma vocação livremente escolhida: viver para servir à Pátria em todos os instantes; estudar e trabalhar contìnuamente; aperfeiçoar cada vez mais os conhecimentos especializados; adquirir um má-

ximo de eficiência para dar cabal desempenho às tarefas decisivas da missão de combater e comandar.

A situação dos soldados é bem diversa. Foram convocados por um curto prazo como cidadãos, a fim de cumprirem o seu dever para com a Pátria, retornando depois às atividades civis. Tendes sôbre êles, além da superioridade hierárquica, maior cultura, maior capacidade de ação, maior competência profissional, enfim, maior compreensão. Existe em cada oficial um educador — educador não só pelo ensino que ministra aos subordinados como pelo exemplo das suas virtudes, preparo e valor. Uma vez que ides conduzi-los à guerra, correndo os mesmos riscos, é humano, é de tôda conveniência que, sem prejuízo do respeito e da disciplina, vejam em cada um de vós um amigo que se interessa pela sua sorte, pelos seus sofrimentos, pelo seu confôrto, pela sua vida. Isso dará maior coesão à tropa, fortalecendo-lhe o espírito de cooperação e reforçando-lhe a combatividade. A convivência obrigatória da existência em campanha cria a camaradagem das armas e profundos vínculos de solidariedade moral entre comandantes e comandados — solidariedade que transforma os exércitos em fortalezas invencíveis.

Não vos melindreis porque assim vos fale. Nenhuma intenção de censura empresto a estas considerações, pois estou certo de que elas correspondem às vossas disposições de espírito e aos vossos íntimos sentimentos. Na palavra e no pensamento do Chefe do Govêrno se refletem também a amizade e a consideração que lhe mereceis. E' uma forma de sentimento fraterno de irmão mais velho, que se julga com o direito de dar conselhos a quem sabe ouvi-los e compreender. E é justamente êste sentimento fraterno que deve unir a todos para maior glória e engrandecimento da Pátria Brasileira.

Confiança do Brasil no seu Corpo Expedicionário

(DISCURSO PRONUNCIADO POR OCASIÃO DO DESFILE DAS FÔRÇAS DO CORPO EXPEDICIONÁRIO BRASILEIRO, NO PAVILHÃO LEVANTADO PRÓXIMO AO OBELISCO DA AVENIDA RIO BRANCO, A 24 DE MAIO DE 1944)

SUMÁRIO

A grande hora de honrar a Pátria — Guerra justa: a guerra dos povos pacíficos que, ofendidos na sua dignidade, reagem contra os agressores — A coragem e tenacidade do Povo Brasileiro para se defender — Mais audaz que os anteriores o inimigo de hoje — Os escolhidos para combater os agressores do Brasil na sua própria fortaleza — Pela primeira vez vamos lutar em outro continente — O momento de transformar em atos as vozes do povo quando pedia guerra ao agressor — Confiança da Nação — Tranqüilidade quanto ao futuro — Nada faltará aos soldados, às suas espôsas, mães, noivas e filhos — A bênção de Deus para os soldados expedicionários — Defesa de uma tradição, de uma bandeira e de um nome: Brasil.

SOLDADOS DO BRASIL

Chegou a grande hora de honrar a Pátria.

Agredidos insólita e brutalmente, vamos vingar o sangue dos nossos patrícios, soldados e civis, mulheres e crianças, bàrbaramente massacrados pelos navios piratas dos países nazistas.

Felizmente, ainda desta vez fazemos a guerra justa — a guerra dos povos pacíficos, ofendidos na sua dignidade, reagindo contra os agressores. È' isto o que ensina a tradição dos nossos maiores; é isto o que aprendemos sôbre as guerras em que estivemos empenhados.

Desde as primeiras invasões estrangeiras, quando ainda colônia, nunca nos faltaram coragem e tenacidade para nos defendermos. Depois, e em tôdas as circunstâncias, revidamos sempre os golpes que nos eram vibrados, reagimos sempre à cobiça alheia, fizemos sempre tremular alto, no tôpo dos mastros, o sagrado pavilhão auriverde.

Agora, mais do que nas campanhas vitoriosas do passado, cumpre-nos agir com o heroísmo sereno dos fortes.

O inimigo de hoje é mais audaz, mais poderoso do que todos os outros que temos enfrentado. Por isso mesmo, com os nossos valentes aliados, resolvemos combatê-lo na sua própria fortaleza. Fostes escolhidos para essa gloriosa tarefa — honra excepcional que a Pátria vos confere, e ireis participar de operações militares que exigem o máximo de preparo e denôdo, formando a vanguarda dos nossos bravos combatentes, enquanto o Povo Bra-

sileiro, que agora vos aplaude, continuará mobilizado e entregue ao trabalho, confiante no vosso destemor e na vossa firme decisão de vencer.

Pela primeira vez, em quatro séculos de história votados às artes da paz e só em revide fazendo a guerra, vamos lutar noutro continente. O nosso Exército, que se cobriu de louros em feitos memoráveis, atravessará os mares para defrontar um inimigo tenaz e perigoso. O Exército de Caxias e Osório, de Pôrto Alegre e Sampaio, de Floriano e Carneiro, provará as suas novas armas e a sua bravura tradicional nos campos da Europa.

O espírito americanista que preside as nossas determinações é o da restauração dos valores humanos, é o da liberdade e da justiça.

Não esqueci, nem poderei esquecer jamais, o entusiasmo, a chama cívica que ardia na exaltação e nas vozes do nosso povo quando pedia guerra ao agressor. Chegou o momento de transformar em atos os nossos sentimentos de repulsa e indignação. Para tanto nos preparamos, repelindo os ataques traiçoeiros do inimigo e adestrando-nos no uso dos modernos instrumentos de guerra. Estareis tão bem armados e supridos como qualquer dos melhores soldados em luta. Com o vosso ânimo varonil e as vossas excelentes condições de disciplina, treino e armamento, a Nação permanecerá confiante, porque sabe que desempenhareis corajosamente a vossa missão.

SOLDADOS EXPEDICIONÁRIOS

Tranqüilizai-vos quanto ao futuro. Tôdas as providências foram tomadas para que nada vos falte. Os vossos entes queridos — espôsas, mães, noivas, filhos —

aguardarão, confiantes, o vosso retôrno e estarão amparados pelo Govêrno — pelo Brasil que cumpre lealmente o seu dever e ao lado de poderosos aliados irá ganhar, com o esfôrço e a intrepidez da sua juventude, lugar condigno na comunidade das nações civilizadas.

A Pátria tudo espera de vós e orgulha-se da vossa coragem consciente, da vossa dedicação.

Que a bênção de Deus vos acompanhe, como vos acompanham os nossos espíritos e os nossos corações, até o regresso com a vitória.

Em qualquer circunstância, em meio às dificuldades próprias dessa jornada heróica, lembrai-vos sempre que defendeis uma tradição, uma bandeira e um nome — BRASIL.

★

Êste livro foi composto e impresso
nas oficinas da
EMPRÊSA GRÁFICA DA "REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA.
à rua Conde de Sarzedas, 38 — São Paulo
para a
Livraria JOSE' OLYMPIO Editora — Rio,
em outubro de 1944

★